

**ÀS ARMAS, CAMARADAS! (A INSURREIÇÃO COMUNISTA E O GOVERNO  
POPULAR DE 1935 EM NATAL)**

**NATANAEL SARMENTO**

*Revolução é uma opinião apoiada por baionetas.*  
Napoleão Bonaparte.

*As ocasiões fazem as revoluções.*  
Machado de Assis.

Dedico a Fabiano Martins Pinheiro, o compadre Bituó do Grão-Pará, pelas *Cinco Semanas em Balão* e pela *Volta ao Mundo em 80 dias*, primeiros passos no mundo fantástico da literatura.

Sempre dedicado à Marjorie e à Mariana, Matheus e Lucas.

*In Memoriam* de Dona Rosa.

## SUMÁRIO

1	Prólogo.....
2.	Ah, as circunstâncias.....
3.	Revolução à vista.....
4.	Quando a Banda do 21º Batalhão tocou diferente.....
5.	Cenas de teatro.....
6.	O primeiro Governo Popular das Américas .....
7.	Troia do Potengi.....
8.	Guerrilha no Vale do Açu.....
9.	A Batalha da Serra do Doutor.....
10.	Colunas: andanças e embuanças.....
11.	Os mortos, os vivos e os mais vivos.....
12.	Mudança de ventos.....
13.	Guerreiras esquecidas.....
14.	Gangorra dos números.....
15.	Conto do vigário dos infiltrados.....
16.	Lembai-vos de 35!.....
17.	Epílogo.....

## Prólogo

O baú da Insurreição Comunista de 1935 já foi revirado por historiadores, memorialistas, ensaístas e romancistas<sup>1</sup>. Vasculhados livros, processos, inquéritos, denúncias, sentenças, ofícios, jornais, fotografias e reminiscências da *revolução*. Mas, sendo a história o fato sucedido jamais repetido, e história contada não passa da fotografia, do desenho, ou da caricatura do fato ocorrido, aqui se apresenta um esboço fotográfico com traços caricaturais burlescos, ao gosto da autoria. Desenho para deleite, sem rigor de normas acadêmicas, mas com notas de rodapé, a dizer que o uso do cachimbo entorta a boca.

Os escrivães oficiais, dos cartórios de registros, ordinariamente, formalistas, desprezam ou omitem episódios anedóticos, das anotações averbadas à margem do livro da história. Só anotam a tragédia no teatro da História. Confundem a máscara da tragédia com seriedade, o que nem sempre é. Na nossa companhia mambembe, apresentamos algumas funções cômicas, a dizer que quanto mais séria for a anedota, mais motivos, para risos.

Na tragédia revolucionária de Natal, com mortos e feridos em 1935, abundam episódios pitorescos e cômicos. O panglossiano Chefe da Polícia Dr. João Medeiros Filho, sozinho, dirigir-se ao quartel amotinado, a indagar o que se passava e lá ficar preso

---

<sup>1</sup> Na historiografia, dentre outros: CARONE, Edgar. *O PCB corpo e alma do Brasil*. São Paulo: Ciências Humanas, 1982; CHILCOTE, Ronald H. *O Partido Comunista: conflito e integração*. Rio de Janeiro: 1982; VIANA, Marly de Almeida. *Revolucionários de 1935: sonho e realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; COSTA, Homero. *A Insurreição Comunista de 1935: Natal: o primeiro ato da tragédia*. São Paulo: Ensaio, 1995. Entre biografias e memórias: BEZERRA, Gregório. *Memórias*. 1ª parte: 1900-1945. São Paulo: Civilização Brasileira, 1979; BASTOS, Abgvar. *Prestes e a Revolução no Brasil*. Rio de Janeiro: Calvino, 1946; BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos*. São Paulo: Alfa Omega, 1976; BARATA, Agildo. *A vida de um revolucionário*. São Paulo: Alfa Omega, 1978; CAFÉ FILHO, João. *Do sindicato ao catete*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966; FURTADO, João Maria. *Vertentes*. Rio de Janeiro: Olímpica, 1976. RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953. Na categoria ensaios, artigos, entrevistas, relatos, dentre outros: DIAS, Giocondo. *O objetivo dos comunistas*. São Paulo: Novos Rumos, 1983; CORTEZ, Luiz Gonzaga. *O comunismo e as lutas do RN na década de 30*. Natal. Sebo Vermelho, 2015. OLIVEIRA FILHO, Moacyr de. *Praxedes: um operário no poder*. São Paulo: Alfa Omega, 1985; MEDEIROS FILHO, João. *82 horas de subversão*. Natal/Brasília, Senado Federal, 1980. Romanceado: CASTRO, Nei Leandro de. *As dunas vermelhas*. Natal: Jovens Escribas, 2013. ROSE, Robert et SCOTT, Gordon D. *Johnny: a vida do espião que delatou a rebelião comunista de 35*. Rio de Janeiro: Record, 2010; ABRAHÃO, Miguel M. *A escola: onde está um, estão todos*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2010; MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Alfa Omega, 1994.

até o fim da revolução. A entrada triunfal do *Júlio Cesar do Seridó* Dinarte Mariz em Natal, sem disparar um traque de massa na Serra do Doutor, passando à História como o grande General da batalha. Representação amadora, porém mais bem-sucedida que a clássica obra de Shakespeare. A falsificação do Chefe de Polícia e do Comandante do Quartel da PM do episódio do débil mental *Doidinho*, transformado no lendário Soldado Luiz Gonzaga? O defunto que sentou praça na Polícia e se tornou herói e patrono da PM, com direito a Mausoléu? Revolucionários na guerrilha do Vale do Açu, tratados como cangaceiros? Distribuição de dinheiro saqueado do Banco do Brasil? Sacos de dinheiros jogados, nas casas ricas da cidade, para incriminar a burguesia? O Prefeito construtor civil que desmembrou e privatizou metade da Praça Pedro Velho? Dos bilhetes escritos pelo fantasma do Bluche? Para Gabriel Garcia Marquez a fonte do realismo mágico não tinha mistério: *o fantástico caminha pelas ruas da América Latina*. O surrealismo da Macondo dos *Cem Anos de Solidão* acaso faz inveja ao de Natal?

Algumas histórias são escritas sob medida, como roupas medidas e cortadas por artífices. Na tesoura dos alfaiates, a história recortada, ampliada aqui, no heroísmo de uns, diminuída acolá, na tesourada das vilezas de outros. Antigas técnicas dos primeiros artesãos, mantidas pela tradição milenar de Heródoto, bastante banalizada na história da Revolução de 35.

*Era uma vez...* Mas, uma abertura teatral em latim dá maquiagem de erudição... *In illo tempore*.

Uma noite de sábado, cujo silêncio foi bruscamente interrompido pelos barulhos dos tiros, do começo da revolução. Tudo começou no Quartel do 21º BC, da Avenida Rio Branco, parte Alta da capital Natal. Praças, cabos e sargentos renderam a Guarda e tomaram o quartel, em nome de Luís Carlos Prestes. E da Aliança Nacional Libertadora.

Os insurretos, sem oposição violenta, prendem a oficialidade presente na ocasião, no cassino dos oficiais, local de lazer e passatempo do quartel. Em seguida, eles foram ao átrio central e conclamaram todos a empunhar armas pela Revolução Nacional Libertadora. Em questão de minutos, a invasão dos civis, estivadores, funcionários, motoristas, poetas, bancários, homens e mulheres, quartel adentro, a receber fardas e armas do exército popular.

Com o 21º BC controlado, os rebelados ocupam os pontos estratégicos da cidade, a Companhia de Luz, Correios, Recebedoria de Rendas, Estação Ferroviária e outros prédios públicos. Na mureta do quartel, o sapateiro Zé Praxedes, fazendo as vezes de

arauto da revolução, proclamou a *Junta Governativa Popular Revolucionária*, diante da carque mobilizada e da plateia desavisada que a tudo assistia, pasmada.

Raphael Fernandes Gurjão, o governador do Rio Grande do Norte, eleito a menos de mês, assistia a tediosa solenidade de formatura do Colégio Marista, no Teatro Carlos Gomes, da Ribeira. O Gurjão e enxame de secretários, auxiliares e autoridades civis, militares e religiosas. Séquito maior que o do Grande Klan da Mongólia e do Rei Artur somados. A programação publicada na imprensa oficial prometia a exibição do melodrama *O Triunfo da Cruz. Cada qual carrega com a sua*, completa o brejeiro.

Os tiros, nas proximidades da Praça, ecoam no Teatro. Que se passa? Os informantes não demoram a chegar, atabalhoadamente. Trazem más notícias, imprecisas, mas ruins. Estourou rebelião no 21º BC; uma patrulha rebelde desce para cercar o Teatro e prender as autoridades ali presentes. O governador Gurjão a lembrar o D. João VI do cerco napoleônico, juntou panos e acólitos, tratando de dar no pé.

O governador e alguns membros do *staff* homizaram-se numa residência particular localizada na Avenida Duque de Caxias, próximo do Teatro Carlos Gomes. Cavilação diplomática transformou a casa do Xavier em *consulado do Chile* do asilo, na primeira noite da agonia do Governador deposto.

No dia 24, as excelências buscaram abrigo mais seguro, e foram recepcionadas pela bandeira consular italiana. Deputados, bispos, secretários, oficiais militares, a corte real escafedida. Vários se asilam nos navios da Marinha mexicana, surtos no porto. Outros tantos acorrem aos sítios, fazendas e casas de veraneio dos parentes e amigos. A que servem os parentes e os amigos?

O autoproclamado *Governo Popular Revolucionário* editou mil exemplares do jornal *A Liberdade*. Gastou tinta e papel, a folha sequer circulou, mal saída das máquinas, a oficina gráfica foi ocupada por tropas da contrarrevolução. O governo nacional e popular tombou do poder com a mesma rapidez que subiu.

No frontispício de *A Liberdade* a bajulação ao líder da revolução Luís Carlos Prestes e a proclamação da liberdade:

Enfim, pelo esforço invencível dos oprimidos de ontem, pela colaboração decidida e unânime do povo, legitimamente representado por Soldados, Marinheiros, Operários e Camponeses, inaugura-se no Brasil a era da Liberdade, sonhada por tantos mártires, centralizada e

corporificada na figura legendária – onipresente e na confiança divinal e pia dos humildes – Luiz Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança.<sup>2</sup>

Uma Junta Popular Governativa foi composta com cinco representantes das forças revolucionárias, Partido Comunista Brasileiro - PCB- e Aliança Nacional Libertadora - ANL: Lauro Lago, João Galvão e José Macedo, funcionários; o sargento Quintino; o sapateiro José Praxedes, sapateiro que não deu bolas à censura de Apeles e foi *além das sandálias*, ungido a Ministro Comissário do Abastecimento.<sup>3</sup>

A maioria da população de Natal, trinta e dois mil habitantes aproximados, não coloca lenços vermelhos, tampouco defende os casacas do governo deposto, que os miúdos não haviam de entrar em *briga de cachorros grandes*, aduz o brejeiro.

Durante o tríduo *subversivo*, a cidade enfrentou problemas com a interrupção do transporte dos bondes, decretados gratuitos, pela Junta Governativa Popular, e com o desabastecimento, a falta de gêneros alimentícios, além do mau funcionamento do comércio. Nessa turbulência, também se registraram atos de expropriações de gêneros, veículos e dinheiro, pelos revolucionários, roubos e saques, praticados pelos *pescadores de águas turvas*, bandidos e aproveitadores. Saques, assaltos, em casas comerciais e residenciais, arrombamentos de agências do Banco do Brasil da capital e do interior, mesas de renda, incêndio do 1º Cartório Civil de Notas, na Cidade Alta.

O quartel da Polícia Militar, não aderiu à rebelião e resistiu, enquanto pôde. Recebeu a embaixada *comunista* com sonora chuva de balas. Os rebeldes contavam com as células na Polícia Militar. Mas as células não funcionaram e diversos comprometidos estavam fora do quartel, que sábado não era dia de se fazer revolução.

A unidade da PM sustentou dezessete horas de cerco. Somente no dia seguinte, sem munição, deu-se a rendição. O sítio da PM potiguar foi um feito memorável. Mas os escribas da corte exageram nas tintas. O cerco recebeu mais loas e versos que a guerra de Troia.<sup>4</sup>

O Governo Popular Revolucionário, sem o apoio social necessário, sem o devido preparo ao ofício administrativo, parecia leitão de chiqueiro, pois quanto mais fuçava a

---

<sup>2</sup> *A Liberdade*, Natal. Ano 1, n. 1, 27 nov. 1935.

<sup>3</sup> Na mitologia, Apeles, escultor perfeccionista, para saber detalhes de uma sandália da escultura que esculpia. O sapateiro não se fez de rogado e depois deitou opinião sobre o conjunto da obra. Seguiu-se a célebre repreensão de Apeles, de caráter elitista: “Não vá o sapateiro além das sandálias!”.

<sup>4</sup> O poema épico *Iliada* atribuído a Homero narra o cerco de dez anos a Troia em mais de quinze mil versos.



lama, mais a lama fedia. Decreta a gratuidade do transporte dos bondes, sem o controle de uma companhia de bondes; baixa o preço do pão, sem um saco de trigo e sem padaria; solta os presos e prende fiscais de feiras, prefeitos, edis, a dizer *ladrão que rouba ladrão, tem cem anos de perdão*. Distribuiu dinheiro saqueado do Banco do Brasil, limpou as mesas das recebedorias. De todas as atrapalhadas, escapam as três colunas despachadas ao interior com escopo de expandir e fortalecer a revolução pelo Estado.

Contudo, as forças políticas chamadas pelos rebeldes da *reação contrarrevolucionária*, mobilizam-se, no Sertão do Seridó. E se articulam com o governador da Paraíba. Tropas da Polícia Militar paraibana, sertanejas e do exército deslocadas de Pernambuco juntas, ocupam e retomam a Capital Natal. Sem encontrar resistência alguma, dos rebeldes. Trupe de muito barulho, e na hora *h* de nada, a Junta Popular Revolucionária, arribou, sem resistir, não quis se entregar, é verdade, tampouco tentou resistir.

Assim, na manhã do 27, da chama revolucionária, apagada, restavam as cinzas. Nas primeiras horas da tarde, o Dr. Rafael Fernandes Gurjão retomava o posto perdido, respaldo pelas tropas militares, federais e estadual paraibana. Ocupam e guardam, provisoriamente, os pontos estratégicos de Natal, para garantia da ordem pública, como tudo que se faz e desfaz.

Seguiu-se a abertura da temporada de caça às bruxas, das invasões de casas e prisões ilegais, das delações e interrogatórios, dos tratos e maus-tratos. Ao cabo da revolução, o saldo negativo das cinco mortes, das dezenas feridos, dos prejuízos bancários, comerciais e também os morais.

Na cantilena “lembrai-vos de 35” açoda-se o anticomunismo elevando-se ao paroxismo os *crimes dos Agentes de Moscou*. A propaganda afinada no diapasão fascista dos governos federal, estadual e paroquial. N pretexto aos ataques à democracia, às sucessivas violações das liberdades políticas, à precária democracia do país. Na esteira preparatória do golpe getulista, o caviloso preparava o *Estado Novo*, advindo em 1937. Também décadas depois, com o golpe militar, de 1964, o *espectro comunismo* serviu às manipulações propagandísticas de viés nazifascista. Da doutrina de Goebbels adaptada às condições do Brasil, pelos pupilos Filinto Müller, Ustra, Fleury *et caterva*.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Na propaganda nazista chefiada por Joseph Goebbels observa-se a simplificação de eleger e eliminar o inimigo; a transferência das mazelas sociais ao inimigo; a manipulação visando criar clima de terror e medo na população e na ocultação de informações que possam servir de munição ao inimigo e na orquestração: de boatos e factoides divulgados oficialmente como fatos verdadeiros até serem reconhecidos como tal.

Sob o impacto das denúncias, dos crimes do stalinismo, mudanças e cisões entre comunistas brasileiros. A maioria partidária ajusta a questão da democracia que passa à centralidade da luta, ao teor da *Declaração de Março de 1958, como objetivo estratégico* dos comunistas do PCB. Agildo Barata rompe primeiro, depois João Amazonas, Pedro Pomar, Arruda Câmara e outro fundam ou refundam o PCdoB, no ano de 1962.<sup>6</sup>

O Autor.

---

<sup>6</sup> Cf. DIAS, Giocondo. *Os objetivos dos comunistas*. São Paulo: Novos Rumos, 1983.

## 2 Ah, as circunstâncias!

O sentencioso conselheiro Acácio ensinava que o *depois não se antepõe ao antes*.<sup>7</sup> Seguindo a lógica prudente do ilustre conselheiro, começamos pelas *circunstâncias*.

Para os afeitos à erudição, Ortega y Gasset conjuga elementos individuais e circunstanciais à definição própria do *ser humano*: “Yo soy yo y mi circunstancias”<sup>8</sup>. Calha, pois, estudarmos o homem e as ações em face das circunstâncias definidas, existencialmente.

O tão falado contexto social, econômico, político e cultural. Cenário conjuntural, ocasional, momentâneo. Oportunidades, causas, motivações. Pretextos, razões, contingências. Toda circunstância importa. Enfim, *ao redor do buraco, tudo é beira*, filosofa o brejeiro. Filosofia popular do fundo desse poço inesgotável de saberes, comprova o mestre Ariano Suassuna.<sup>9</sup>

O príncipe Liév, o *idiota* privado da razão, débil e ingênuo, todavia com rasgos de perspicácia, consegue entender as *mentes superiores*<sup>10</sup>. O escriba deste livro espera que os leitores de mentes superiores tenham rasgos de debilidades ingênuas para suportar a leitura até a última linha desta insanidade.

Nas *beiradas* da Revolução de 35, devemos perspectivar o Rio Grande do Norte, o Brasil e o Mundo, buscando relações e conexões, gerais e específicas, a partir da pergunta elementar: *Natal, por quê?*

Como explicar, racionalmente, a eclosão da Revolução brasileira, justamente em Natal? Sem ofensas, a bela capital do Rio Grande do Norte estava longe de grande metrópole nacional. Também de concentrar operários. O Rio Grande do Norte tampouco pesava, na balança dos arranjos nacionais, do Poder.

Com pouco mais de 30 mil habitantes, cidade pacata, parecia paralisada no tempo. Militares dos quartéis, do Exército e Polícia, bombeiros, empregados do comércio, sapateiros, alfaiates, poetas, donas de casa, funcionários de repartições públicas, jornalistas, advogados, estivadores e trabalhadores do porto. Porto bem movimentado

---

<sup>7</sup> Personagem do livro *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz, notável pelas sentenças eloquentes e óbvias, pomposas e vazias de conteúdo.

<sup>8</sup> Para o pensador espanhol José Ortega y Gasset são fundamentais ao conhecimento razão, lucidez e engajamento ativo no mundo.

<sup>9</sup> Ariano Suassuna, escritor, poeta e dramaturgo, da Academia Brasileira de Letras, falecido em 2014.

<sup>10</sup> Personagem do livro *O Idiota*, de Fiodor Dostóievsky, escritor russo, considerado um dos maiores da literatura universal.

pela exportação do sal do litoral Norte e do algodão do Seridó. Do algodão, do sisal e sal da terra, vinham os mandarins da oligarquia potiguar, a concentração do capital. Capital primário, de pouca indústria. Das unidades federativas entre as menos desenvolvidas, do Brasil. Em fraco desempenho econômico, quase estagnada, lentamente procurava sair da crise de 1929. O Brasil, país exportador agrícola, do eufemismo dos Manuais de Geografia, de suposta vocação agrária a justificar a condição do atraso tecnológico e a dependência econômica, do país pobre e subdesenvolvido. Portanto, falamos de *corda em casa de enforcado*, de pobreza em casa de pobre.

Cotejando as circunstâncias objetivas das relações econômicas e as condições subjetivas da política e ideologia nacional, local e externamente, teremos pistas para seguir as pegadas da *Revolução Nacional Libertadora* em Natal, do Rio Grande.

Ao marasmo econômico do Estado somava-se a fissura nas oligarquias, a divisão das classes dirigentes locais. Os confrontos violentos da crise de hegemonia estadual desde a intervenção federal em 30 estavam abertos. Os grupos tradicionais das oligarquias do Rio Grande do Norte, com a deposição do Governador Juvenal Lamartine, já não dominavam, como antes. Tampouco admitiam, que outros mandassem. Dissídios abertos, ameaças e confrontos, nas simples nomeações de delegados, juizes e promotores. As rivalidades partidárias e políticas, pautadas por interesses particulares, laços e compromissos familiares, amizades e troca de favores. O espaço público, o paço estadual ou municipal, encarado como extensão da casa-grande da fazenda. O público e o privado, indistintos e confundidos envolvidos, disputas políticas e vinditas familiares, afinidades e divergências dos chefes oligárquicos, delimitavam os campos do governo e da oposição.

Quando da *constitucionalização* do país, no ano de 1934, os oligarcas do Rio Grande Norte estavam em pé-de-guerra. De um lado as forças mobilizadas pelo interventor Mário Câmara e pelo advogado e criador de sindicatos nos anos vinte, Café Filho. Políticos “novos” escolhidos e afinados com o discurso “modernizante” da Aliança Liberal da Revolução de 1930. No lado oposto, os tradicionais donatários ruralistas dos primórdios republicanos, liderados por José Augusto, o *Zé Promessa*, Lamartine e Rafael Fernandes Gurjão, este último, recém-eleito governador, indiretamente, pela assembleia constituinte estadual.

A cisão oligárquica cristalizada no processo eleitoral da Constituinte, com a eleição de Raphael Fernandes Gurjão, não teve volta. Rafael não conseguiu pacificar os

ânimos exaltados da campanha passada e marcada pela truculência, inclusive com registro de assassinato.

Rafael Gurjão, coronel de jaleco, representou as forças do Partido Popular – PP, dos políticos mais tradicionais do “coronelismo”, vindos do antigo Partido Republicano Federativo, hegemônico na região desde os primórdios da República. Na barricada da oposição, as forças oligárquicas alinhadas com o interventor Mário Câmara, o líder do Partido Social Democrático – PSD. Na eleição da *constituente*, o PSD coligou-se com o Partido Social Nacionalista – PSN do João Café Filho, formando a *Aliança Social*.

Na primeira contagem da fraude e violência eleitorais, proclama-se a vitória da Coligação Aliança Social. Porém, o Partido Popular, não aceita a derrota e acusa a Aliança Social de fraudar e abusar do poder. O Tribunal Superior Eleitoral determina a realização novas eleições suplementares, no ano seguinte. E as rivalidades que ferviam, ganharam mais tempo de fogo alto. Essas eleições supletivas de 1935 não conheceram paralelo em abusos, crimes, ameaças e violências, na história das eleições estaduais.

O Major Josué Freire, comandante do Batalhão de Caçadores, a tropa federal do exército destacada para garantir as eleições no Estado, resume o cenário desta “eleição”: “Era um nunca acabar de pedidos de socorro, chegados de todos os quadrantes do horizonte [...] praticavam-se espancamentos bárbaros, sequestravam chefes de conceituadas famílias e assassinavam pacatos e inofensivos cidadãos”.<sup>11</sup>

Na fraude da votação, desapareceram votos, urnas, mesários e eleitores. Na fraude da apuração, computados mais votos que eleitores das listas. Naturalmente, a batalha eleitoral transferiu-se ao campo da guerra judicial, nas denúncias mútuas, nos pedidos de verificação e recontagens, avolumados.

No final das contas, o Tribunal Superior Eleitoral proclama o resultado definitivo com vitória apertada do PP de Raphael Fernandes que elege três deputados federais e quatorze deputados estaduais. A Aliança Social de Mário Câmara (PSD) e João Café Filho (PSN) elegeram dois deputados federais e onze deputados estaduais.<sup>12</sup>

A Aliança Social derrotada, não ensarilha suas armas. Pelo contrário, os líderes começam fervorosa articulação conspiratória para depor o Governador do PP, eleito indiretamente, na assembleia.

---

<sup>11</sup> COSTA, Homero de Oliveira. *A Insurreição Comunista de Natal*. São Paulo. Ensaios, 1995. p. 41.

<sup>12</sup> Sobre a política oligárquica no RN, entre outros, ver: SPINELLI, José Antonio. *Getúlio Vargas e as oligarquias potiguares: 1930/1935*. Natal: EDUFURN, 1996.

As tramas conspiratórias à deposição de Raphael Fernandes Gurjão eram públicas, os conspiradores não davam importância à confidencialidade. A movimentação dos chefes políticos interioranos, prefeitos, ligados ao interventor Mário Câmara, e as confabulações dos partidários de João Café Filho, ocorriam à luz do dia. O próprio chefe de Polícia João Medeiros Filho era ciente dos atos preparativos “neste Estado um movimento armado para depor o Governo que o Partido Popular porventura elegeisse, levante que teria ramificações nos Estados vizinhos, onde estavam sendo recrutados homens afeitos ao cangaço”.<sup>13</sup>

O chefe de Polícia demonstrava nesse episódio o otimismo panglossiano ou a capacidade avaliativa do idiota Liév. O principal responsável da Segurança Pública deixou as águas turbulentas correrem soltas, até a sublevação da revolução que inundou Natal e se espalhou no Estado. Essa rebelião anunciada, segredo de Polichinelo, ganhava corpo no *melhor dos mundos*.

A Aliança Nacional Libertadora, em Natal, foi modesta, sem repetir a adesão empolgante de outras cidades do país. Alguns militares, os seguidores de Prestes, os homens e mulheres filiados ao PCB e à União Feminina Brasileira, seguravam a bandeira da Frente Nacionalista Antifascista. Contudo, os comunistas e aliados da ANL desenvolvem o proselitismo da frente em Natal, Mossoró, Macau. Não há registros de comícios ou ventos, expressivos, da ANL, no Rio Grande do Norte. Mas, registram-se atividades e comícios, em cidades, vilas, povoados, pequenos ajuntamentos e sítios, nos quais se apresentava a plataforma contra o fascismo e da defesa da Reforma Agrária.

Na campanha eleitoral de 35, a ANL ficou contra todos, contra o PP e também não pediu votos à *Aliança Social*. Esse absenteísmo adéqua-se ao discurso do PCB, de Prestes. Ele, o PCB e a ANL viam as duas postulações como disputa eleitoral de “facções oligárquicas”. Como disputa das oligarquias, sem a presença dos interesses das massas populares, a única manifestação pública da ANL com alguma repercussão foi o *meeting* da passagem da *Caravana* capitaneada por João Cabanas e Roberto Sisson. Os caravaneiros da ANL percorriam as cidades brasileiras, em agitação e proselitismos, de Norte a Sul.

O dissídio oligárquico potiguar sinalizava senão grave ameaçava à ordem pública. Não foi por acaso que o governo federal transferiu o Estado-Maior da 7ª RM para Natal.

---

<sup>13</sup> Cf. MEDEIROS FILHO, João. *Meu Depoimento*. Natal: Imprensa Oficial, 1937. p. 29. In: MEDEIROS FILHO, João *82 horas de subversão*: Brasília/Natal: Senado Federal. 1980. p. 10.

O General Manuel Rabelo, comandante da 7ª RM, deslocou o 21º Batalhão de Caçadores do Recife para Natal. O 29º BC, sediado em Natal, foi transferido para o Recife. Obviamente, tais permutas, não eram rotineiras, *nos quartéis de Abranches*.

O 21º BC chegou a Natal com a experiência da *Revolta de Pedro Calado*, rebelião cruenta ocorrida em 1931, no Recife. Uma refrega contrária aos rumos da Revolução de 30, não patrocinada por conservadores, mas por “tenentistas” mudancistas, que se sentiam traídos pelo conservadorismo da revolução. Nesse episódio, tratado pela imprensa como a *Mazorca de Pedro Calado*, os mortos e feridos superam a Revolução de 1930.<sup>14</sup>

O governador Raphael Fernandes Gurjão iniciou sua administração rezando na velha cartilha da “proteção aos amigos e perseguição aos inimigos”. Por decreto, extinguiu a Guarda Civil, uma das maiores do gênero, no País, com cerca de 400 incorporados. Uma medida de retaliação, por considerar a Guarda um reduto da oposição “marista”. Os guardas civis e inspetores, perderam os postos, as patentes e os empregos. A Guarda Civil dividia com a Polícia Militar e o 21º BC tarefas de segurança pública. O descontentamento, com a dissolução, foi grande. Clima de revolta, dentro e fora da corporação extinta. Completando a resenha das revoltas, no 21º BC estavam presos dezenas de praças, acusados de indisciplina. Circulavam as notícias da dispensa dos desordeiros, e daqueles com tempo de serviço completo.

Retaliações, boatos de demissões, prisões, agitavam e inquietavam ainda mais, o ambiente social, da cidade. Urbe pequena, quase todos conhecidos. Nas ruas, nas praças, nos cabarés, nos quartéis, as rixas e arruaças, as ameaças entre perseguidores e perseguidos, governo e oposição, respectivamente. A eclosão natural, das contradições políticas, das frustrações pessoais, das pendências, como se dizia, *só precisavam de um empurrão, para uma briga*. No interior do Estado, os coronéis ligados à Aliança Social selavam os cavalos e lubrificavam as carabinas. Queriam dar o troco à derrota no *Tribunal*. O espectro da rebelião rondava o Rio Grande do Norte, mas, espectro da hidra das várias cabeças.

A despeito de tímida maioria parlamentar, Rafael Fernandes quis governar absoluto como *Le Roi Soleil*. Mas, reconhecer a proverbial inabilidade do Gurjão

---

<sup>14</sup> Para maiores informações sobre a Revolta de Pedro Calado de 1931, no Recife, ver: TAVARES, Cláudio. *Uma rebelião caluniada*: o levante do 21º BC em 1931. Recife: Guararapes. Nessa obra, Tavares, que participou do levante, agradece ao estudante anônimo que lhe forneceu material de pesquisa. Calha haver sido o autor, na ocasião, pesquisador do tema, nos jornais do Arquivo Público localizado da rua do Imperador, em Recife.

reunificar a oligarquia, não significa responsabilizá-lo pela insurreição. Claro, foi líder partidário e governador, teve o seu papel no espetáculo. Mas o Gurjão foi um dos atores do drama, outros, inclusive, com maior protagonismo na insurreição potiguar.

Da confluência de contradições e ações, dos atores sociais, externos e internos, emergiu a rebelião da Aliança Nacional Libertadora, no Rio Grande do Norte. O Partido Comunista Brasileiro, a Internacional Comunista, o 21º Batalhão de Caçadores, a Polícia Militar, a Guarda Civil, Getúlio Vargas, Luís Carlos Prestes, Mário Câmara, Café Filho, Rafael Fernandes, Quintino Clementino, Giocondo Dias, foram protagonistas, com milhares de figurantes, anônimos.

No cenário, ao fundo do palco, a estagnação econômica, a fragilidade do sistema representativo e da democracia brasileira. A cisão das classes dirigentes e a radicalização política, nacional e localmente. Concepções golpistas e insurrecionais arraigadas à cultura política brasileira. Golpismo dos protagonistas, na ribalta. Golpismo dos figurantes, dos anônimos, nas coxias. Todos predispostos, por motivações díspares, a “fazer justiça com as próprias mãos”. Ademais, complexas relações políticas, nacionais e internacionais. Atribuir ao Rafael Gurjão toda responsabilidade pela Revolução de 1935, é dar o protagonismo de Jesus ao Judas, no drama da Paixão.

No plano internacional, cresciam as tendências apologéticas do Estado forte, pelo avanço do nazismo e do fascismo. Avançava o belicismo imperialista, a retórica nacionalista xenofóbica, o racismo alemão do antissemitismo das doutrinas de Hitler. Na Itália, avança o fascismo liderado por Benito Mussolini. E o chamado *mundo livre* ameaçado pelos avanços e influência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, sob a *mão de ferro* de Josef Stálin.

Questionavam-se os regimes *liberais e democráticos*, as tradicionais potências ocidentais quais Estados Unidos, Inglaterra e França, demoravam dar respostas à crise de 1929. Enfrentavam as críticas dos totalitaristas da direita e da esquerda. A atitude imperialista na invasão da Abissínia pela Itália ficou sem resposta eficaz. As democracias adotavam pálidas “retaliações”, censuras diplomáticas, notas de repúdio, medidas sem efeito prático algum. E o Canto da Sereia totalitária, expandia-se. O *Urso Siberiano* comunista hibernava em um só país, mas de olho no resto do mundo.

De fato, a URSS, consolidou a *revolução socialista* de outubro de 1917, implantando o novo regime *em um só país*. Porém, o proselitismo dos comunistas propagava a *solidariedade internacional*. Significava, na prática, apoiar material e



moralmente, os partidos comunistas e os movimentos revolucionários, nos quatro cantos do mundo. Nessa tarefa de coordenar, orientar e apoiar a revolução proletária internacional passava pela Internacional Comunista, com sede em Moscou.<sup>15</sup>

Justamente no sétimo Congresso da III Internacional Comunista, em Moscou, 1934, aprovou-se a criação de *Frentes Nacionais Democráticas Antifascistas*. Uma tese defendida pelo líder búlgaro Jorge Dimitrov. A tarefa dos comunistas, na atual *etapa da situação mundial*, consistia na união de todas as forças nacionais e democráticas antifascistas, para isolar e derrotar o nazismo e o fascismo. Nessa nova estratégia da IC, a luta de libertação nacional e democrática contra o fascismo e o imperialismo ocupava o primeiro plano, ficando a guerra *revolucionária socialista operária-camponesa*, postergada para o segundo momento, na combinação *dialética* de objetivos táticos e estratégicos da revolução.

O Brasil, contava cerca de 40 milhões de habitantes, país de economia essencialmente agrária, integrado às relações capitalistas mundiais, na condição desigual de trocas. Exportava matérias-primas, café, açúcar, cereais, e importava produtos industrializados, máquinas, tecnologia, equipamentos, ampliando, crescentemente, os prejuízos da balança comercial e aumentando a dívida externa e a dependência. O país já devia mais aos Estados Unidos do que à Inglaterra.

Getúlio Vargas, foi ungido ao poder na ponta da baioneta, com a Revolução Liberal de 1930. Inspirado pelos paradigmas totalitários, fortalece o estado nacional. Nesse sentido, concentra as atribuições do chefe do executivo federal e usa a retórica legitimadora do fascismo: elege o *anticomunismo* como inimigo e perigo à Nação, motivo e pretexto à supressão de liberdades políticas, organização partidária, liberdade de imprensa, suspensão de eleições, enfim, a manutenção do poder. O discurso legitimador, retocado pela ideia de “modernização e progresso” e do combate, aos *carcomidos coronéis*. O velho caudilhismo dos pampas travestido de moderno à substituição do coronelismo tradicional pelo moderno.

Porém, passado o idílio da Revolução de 30, com o choque inevitável, da realidade do país estagnado, economicamente, acumulando demandas sociais e crises, as

---

<sup>15</sup> Internacional Comunista foi a organização mundial da luta dos trabalhadores fundada no final do século XIX por Karl Marx e F. Engels. Com a vitória da revolução socialista na Rússia a sede passa à Moscou a partir do Congresso da 3º Congresso. O objetivo da IC consistia na solidariedade às lutas do operariado mundial pela revolução socialista de acordo com a conclamação do Manifesto Comunista: Proletários de Todos os países, uni-vos!

contradições, e a crescente insatisfação popular. No cenário de amplas liberdades, favorecia a tendência à oposição.

Com esse corolário, o espírito restaurador das *velhas oligarquias* paulistas se animaram. Atores políticos hegemônicos até 1930, as oligarquias paulistas e mineiras do *café com leite* selam os cavalos e amolam seus sabres. Queriam reconquistar o poder nacional perdido, conquistar a qualquer preço. Sintetiza bem o momento a revolução paulista ou revolução constitucionalista de 1932.<sup>16</sup>

Na direita ideológica, Plínio Salgado, foi a principal liderança do fascismo tupiniquim. Desenvolveu a doutrina do *Integralismo* e fundou a Ação Integralista Brasileira – AIB. O Partido Integralista defendia o *Estado Integral*, centralizado e totalitário. A doutrina, o equilíbrio do *homem integral* – homem nos aspectos espiritual, político e econômico, cabendo aos “superiores” os “altos cargos” da hierarquia estatal. Sob o lema: *Deus, Pátria e Família*<sup>17</sup>, os seguidores de Plínio usavam camisas-verdes com a sigma no ombro e o *anauê!* como saudação *à moda* do nazismo. O fascismo tupiniquim não obteve idêntica adesão das massas, dos originais europeus. Atraiu elementos empresariais, da classe média, intelectuais, alto clero, oficialidade das forças armadas, funcionários da burocracia estatal.<sup>18</sup>

Na esquerda, o Partido Comunista *seção brasileira da Internacional Comunista* seguia a orientação do 7º Congresso, articulou e ajudou a implantar os núcleos da Aliança Nacional Libertadora. Frente com plataforma ampla, democrática, nacionalista e antifascista. Em poucos meses, aglutinou amplos setores da sociedade, organizou diretórios e núcleos em todo país. Nas grandes cidades como Rio e São Paulo, foi movimento com expressiva adesão das massas populares.

Getúlio Vargas intentava ficar no poder. O continuísmo dependia de sufocar a crescente oposição. Através de sucessivos golpes, interrompe a *agitação* política: baixa o Decreto 229 em 11 de julho, ordenando o fechamento, em todo território nacional, dos núcleos da ANL. Na escalada fascista, a *Lei de Segurança Nacional* e o Estado Novo.

---

<sup>16</sup> Sobre o tema ver, entre outros: SILVA, Hélio. *1932: a guerra paulista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967; e CARONE, Edgar. *A República Nova*. São Paulo: Difel, 1974.

<sup>17</sup> SALGADO, Plínio. *O Estado Integral*. São Paulo: Voz do Oeste, 1967. O sarcástico Barão de Itararé, comunista, em tom chistoso dizia: *Adeus, Pátria e Família!*

<sup>18</sup> No RN, Luís da Câmara Cascudo, intelectual, e o Monsenhor Walfredo Gurgel, foram integralistas, entre outros.

Contudo, a cultura golpista não era exclusiva de Getúlio Vargas *et caterva*. O atalho golpista “atraía” os atores políticos do Brasil de todas as convicções: comunistas, integralistas, oligarquistas velhos e novos, aliancistas, militares, civis.

Organicamente, o PCB, na escalada do *obreirismo* e do *tenentismo*, atravessava crise de empobrecimento, de perda de autonomia e da maior dependência à internacional. No obreirismo, a vulgar concepção da condição revolucionária maior pela mera origem operária, conduz os operários à direção do Partido, em detrimento de quadros oriundos da intelectualidade. Intelectuais são tratados com desconfiança, como “pequenos burgueses”. Operários são endeusados e entronados, preparados, ou não. A adesão das legiões dos *tenentes* rebeldes, liderados por Luís Carlos Prestes, o comandante da Coluna Invicta, que se converteu ao comunismo, em Moscou, em 34, também traz mudanças internas. Curiosamente, Prestes filia-se à IC, em seguida, ele ingressa no PCB. E entra por cima, com a tarefa de comandar a revolução Nacional Libertadora, ele não era unanimidade, entre os comunistas.

No caldeirão das crises e radicalizações, o caldo quente do golpismo foi servido ao ponto, no banquete dos *abalos do sábado à Noite*, da Revolução de 1935, em Natal.

#### 4 Revolução à vista!

O espectro da insurgência rondava o Brasil, no ano de 1935. O governo de Getúlio recrudescia, nos sucessivos atos autoritários. Proibida a livre organização partidária. Censura e fechamento de jornais. Repressão brutal de greves. Evidenciavam-se, cada vez mais, as pretensões continuístas do caudilho dos pampas. A oposição queria derrubar o pampeiro do cavalo do poder. Já não podia retirá-lo através do voto, face à suspensão das eleições, que fosse pelas armas. Ora, o próprio Vargas chegou ao poder através do golpe armado, em 1930.

As demandas reprimidas chegavam como uma tromba d'água desabada no ano 1935, ano de crises, agitações, conspirações e rupturas.

Os políticos da tradição oligárquica, os “carcomidos”, ganharam novo fôlego, após as eleições de 1933. A Revolução de 30, ainda inconclusa, parecia insegura, em seus primeiros passos. O Exército Nacional permanecia sendo foco da rebeldia da jovem oficialidade, do chamado *tenentismo*. Divididos após a vitoriosa Revolução Liberal, uma parte liderada por Juarez Távora, Cordeiro de Farias e outros adentram no projeto governista, outra, permanece insurgente, como Luís Carlos Prestes, Agildo Barata, Hercolino Cascardo e outros do *tenentismo de esquerda*.

No nome do *internacionalismo proletário* os comunistas do PCB seguiam alinhados às orientações do Comintern, o centro do Movimento Comunista Internacional, de Moscou. A Frente Única, modernizadora, Nacionalista contra o imperialismo e o fascismo, a ANL agregava personalidades civis e militares expressivas: Comandante Hercolino Cascardo, herói da revolta do couraçado São Paulo, Capitão Amoreto Osório, fundador do Clube Militar, Capitães Trifino Correia, Moisés Rolin, Henrique Oest, Agildo Barata e Major Costa Leite. Francisco Mangabeira, advogado, Venâncio da Paz, médico, o deputado Abguar Bastos, Rubem Braga e Benjamin Soares, jornalistas, Ivan Martins, estudante. Em poucos meses, mais 50 mil inscritos, nomes de peso, Miguel Costa, Magalhães Barata, João Cabanas. Comícios concorridos, repressão do governo, confrontos de rua com integralistas, as escaramuças anunciavam a batalha. No Teatro João Caetano, o estudante Carlos Lacerda aclama o nome de Luís Carlos Prestes para Presidente de honra da ANL, ovacionado pela plateia.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Cf. *Nosso Século*. v. 3. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 118-119.

No outro lado da barricada, o nacionalismo da direita fascista, do *integralismo* defendido por intelectuais e padres católicos, Plínio Salgado, Miguel Reale, Câmara Cascudo, Hélder Câmara, Tristão de Ataíde. O Clube Militar, agitado pelo debate da Lei de Segurança e pelo aumento dos soldos, completava esse clima de descontentamento e agitação geral.

Desde Moscou, do exílio, Luís Carlos Prestes escrevia balanço da Coluna, a dizer que faltaram objetivos políticos à vitória. Com esse ingrediente carregavam-se as condições revolucionárias dos camponeses ao caminho *chinês de revolução*, avaliava o “Cavaleiro da Esperança”. As *condições objetivas* à revolução, de tal avaliação, confirmavam as informações de líderes do PCB e se enquadravam na estratégia do Comintern da revolução socialista mundial.

O Miranda, Secretário Geral do PCB e delegado do 3º Congresso dos Partidos Comunistas da América e Caribe, transmitia informações fantasiosas a Moscou. Fantasiava o *amadurecimento* das condições revolucionárias no Brasil e exagerava sobre os cangaceiros, *mais de mil* na Bahia. Miranda avaliava o cangaço como produto da contradição da luta no campo, entendendo que muitos grupos atenderiam ao *chamamento à luta política do proletariado*. Essa absurda presunção foi aprovada pelo conclave e remetida à recomendação do Comitê Central do PCB: *estabelecer laços mais estreitos com as massas de grupos de cangaceiros* e vinculá-los ao *movimento geral da revolução proletária e camponesa do Brasil*.

Na análise dos comunistas, o Brasil agrário e feudal potencializava contradições com o capitalismo industrial. Socialmente, o país era um barril de pólvora, na iminência de explodir. As greves generalizadas, nas cidades, e as lutas sociais do campo, precisavam da mão certa a dar direção política. Tarefa da *vanguarda do proletariado*, do PCB. Nessa miragem de revolução à vista, o jornal *A Classe Operária*, órgão oficial do PCB orientava: Como os Trabalhadores Brasileiros Resolverão a Crise – *em todos os Estados do Brasil há pessoas dispostas a pegar em armas, camponeses, vaqueiros, peões, índios, negros, mestiços e brancos nas fazendas*. O tal documento aponta o caminho da revolução camponesa:

Guerrilhas multiplicadas em todo Brasil em dezenas e dezenas, o governo não vai dar conta. Ele não dá conta hoje dos nossos irmãos camponeses que se revoltam – os cangaceiros – a quem chamam de bandidos, nem lhes cortando as cabeças, e nós arrastaremos conosco os cangaceiros, lhes ensinaremos a lutar melhor e a não praticar certos atos

de revolta que dão armas ao governo para envenenar a população contra os cangaceiros. O Governo [...] baterá em retirada diante de nossas guerrilhas multiplicadas em todo o Brasil, e nós, nos reuniremos em zonas seguras, tomaremos cidades e mais cidades, e com o povo dessas cidades, vilas e aldeias, formaremos nossos governos de municípios, os nossos conselhos (soviets) eleitos por camponeses, negros, índios, mestiços e brancos, saibam ou não ler.<sup>20</sup>

Enquanto os comunistas brasileiros e da cúpula do Comintern cogitaram “atrair” cangaceiros à perspectiva do movimento geral da revolução, a grande imprensa tratava a luta armada camponesa como cangaço. Os jornais do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Rio de Janeiro, noticiavam as greves dos ferroviários e salineiros, em Mossoró e em Macau e o movimento extremista *típico de guerrilha rural*, no Vale do Açu. Na mesma trilha do editorialista do jornal *A República*, que qualificava de comunista “o cangaceirismo açoitado à sombra da bandeira do credo exótico; grupos de rudes analfabetos dispostos a toda maldade de crime; movimento de caráter nitidamente comunista”.<sup>21</sup> Para os setores da informação social, cangaceiros e comunistas são a mesma coisa, ou acabam sendo.

Em março de 1935, Miranda, o Antônio Maciel Bonfim, controverso Secretário Geral do PCB, radicalizava: “[...] pegar em armas desde já, não há outra solução. Ou morrer lutando, ou ser escravo [...] em todo Brasil há camponeses, trabalhadores, vaqueiros, peões, índios, negros, mestiços e brancos que querem pegar em armas”.<sup>22</sup>

Com o terreno da revolução adubado, nos cálculos dos dirigentes comunistas, a IC despacha ao Brasil Luís Carlos Prestes de Moscou, para liderar a revolução *Nacional*

---

<sup>20</sup> Cf. *A Classe Operária*, de 11/03/1935, artigo assinado por Miranda (*apud* CARONE, *ob. cit.* p. 186).

<sup>21</sup> Cf. COSTA, Homero. *Ob. cit.* p. 73. Nessa obra, o historiador Homero Costa tem o mérito do pioneirismo da pesquisa da guerrilha do vale do Açu. Homero Costa confirma que o Miranda fantasia sobre constituição de governo popular em Mossoró, que de fato não existiu. A fonte de Homero foi artigo atribuído a Miranda publicado no jornal oficial *A República*, órgão governista. Mas a autenticidade do artigo veiculado poderia ser questionada, como duvidosa. As fontes dos comunistas são *A Classe Operária*, *La Correspondence Internationele*. do birô Sul-Americano da IC catalogadas na farta documentação do PCB confiada ao historiador Edgar Carone e publicadas nos originais nos dois volumes de *PCB Corpo e Alma do Brasil*, Editora DIFEL, São Paulo, 1992. Nessas fontes não há registros do suposto texto de Miranda que foi publicado n’*A República*.

<sup>22</sup> Artigo assinado por Miranda. In: *A Classe Operária*, de 11 de março de 1935 (*apud* CARONE, *Ob. cit.* p. 186). Esse Miranda teve papel relegado a segundo plano com o advento do *Cavaleiro da Esperança* Luís Carlos Prestes ao PCB. Prestes aderiu ao comunismo, em Moscou em 1934, retornando ao Brasil, em 35 para Comandar a Revolução. Do Miranda sabe-se bem pouco. Participou da *LAR*, a Liga Armada Revolucionária Tenentista criada por Prestes, mas ele rompeu com o tenentismo prestista e ingressou no PCB, em 1932. Teve meteórica ascensão na hierarquia partidária, no período da banalização da cooptação de quadros de origem social operária do “obreirismo” stalinista cuja finalidade era “depurar a direção do Partido da má influência de intelectuais pequeno burgueses”. Depois da prisão, na esteira da repressão de 35, Miranda cairia em desgraça, acusado de colaborar com a polícia. Uma nebulosa história que permanece pantanosa até os dias correntes, sem que se saiba, efetivamente, se o Miranda foi mais uma vítima dos métodos de afastamento dos *renegados* ou se foi, de fato, o traidor que mudou de lado.

*e Libertadora Antifascista. O Cavaleiro da Esperança* usa uma retórica belicista, no *Manifesto de 5 de julho de 1935*, avocando o *troar dos canhões de Copacabana e da jornada da Coluna*, e convocando os companheiros de farda à luta e à vitória.

Prestes desembarcou, clandestinamente, no Brasil, acompanhado de meia dúzia de assessores e especialistas, da IC. Estabelecem o *Comando Geral* da revolução, na Capital Federal, Rio de Janeiro. O chefe Militar da rebelião acumulava a experiência guerrilheira da *Grande Marcha* que cruzou o Brasil, de Norte a Sul, entre 1925 a 1927. Cercado da aura de líder maior da rebeldia popular, ele contava com Olga Benario, dirigente da IC e companheira, com Rodolfo Guioldi, dirigente do PC da Argentina, com os alemães Arthur Ernest Ewert – Harry Berguer –, Johnny de Graaf – Paul Franz – o norte-americano Victor Allen Baron, os russos Pavel Vadmirovich – León Jules Vallée e Sofia Stuchevskaya.<sup>23</sup> Após a derrota do movimento e a prisão dos comunistas, todos os estrangeiros foram presos e barbaramente torturados. A polícia de Filinto Müller com assessoria e treinamento da Gestapo, enlouqueceu uns, matou outros, deportou para a morte certa outros.

Sonhando com a revolução à vista, Prestes encarregou o Capitão Silo Furtado Meireles, aquartelado no Recife, do Comando da revolução na Região Nordeste. As ordens desciam pela escala hierárquica: do Comando Geral do Rio de Janeiro aos Comandos Regionais, destes, aos respectivos Estados. Pela hierarquia, Natal devia receber a ordem de rebelião do Comando Regional sediado no Recife. Era esse o protocolo. Mas, revolução alguma vai respeitar protocolos?

Enquadrar na disciplina militar uma situação revolucionária, é algo como querer arrumar uma casa por onde passa o tufão. A hierarquia e os protocolos pretendidos, cogitados e imaginados, por alguns chefes, podiam funcionar no âmbito exclusivo dos quartéis. Com hora e data certa da eclosão do motim. Porém, em movimentos mais amplos, com greves e protestos, com adesão de vários e diferentes atores sociais, como fixar hora certa? Dizer às paredes chegou a hora? Envolver na disciplina castrense os estivadores, camponeses, funcionários, intelectuais, militares dos vários segmentos da sociedade? No Rio Grande do Norte, o concurso de várias forças sociais, inclusive no âmbito da oligarquia, dificultou o pretendido controle protocolar da revolução.

---

<sup>23</sup> A Polícia de Filinto Müller, com colaboração técnica de agente da GESTAPO de Hitler, tortura, enlouquece e depois mata, na prisão Arthur Ewert, mata sob tortura Victor Allen Baron. Vargas deporta a serem assassinadas, na câmara de gás nazista, Olga Benario e Sofia, judias comunistas.

Em fase de preparação, a revolução germinava nos outros estados e cidades. Mas estava de vento em popa, em pleno desenvolvimento, em Natal, no Rio Grande do Norte. Havia rebentada a guerrilha, no Vale do Açu. Natal levanta-se, e o Recife tenta acompanhar, em seguida, assim como o Rio de Janeiro. No roldão da revolução *fato consumado*, das notícias de vitória do movimento em Natal, sem suficiente preparação e organização, forçando a situação.

Tanto o comando regional do Recife quanto o geral do Rio de Janeiro, foram surpreendidos, pelas notícias da vitória da revolução, em Natal. Estavam atolados nos atos preparatórios. Porém, Natal definiu e a revolução ganhou as ruas. A derrota seguinte, consequência de vários fatores, da preparação insuficiente, inclusive, porém, daria munição à tese sinistra da *infiltração policial*. Tese que atribuía ação de espíões internacionais infiltrados no movimento revolucionário. A polícia teria precipitado o levante em Natal, para fracionar e depois esmagar, facilmente, a revolução. Essa versão foi concebida, primeiramente, nos porões da Polícia política de Getúlio, assessorada pela Gestapo. Logo ganharia adeptos, a adesão de historiadores e memorialistas, do lado da própria revolução, em erro crasso.

Obviamente, não se nega os males dessa praga nefasta, da provocação de policiais infiltrados, nos partidos e movimentos revolucionários. Porém, a ação desses agentes duplos, dos espíões, precisa ser colocada no seu devido lugar na história. Delações e espionagens estão presentes, em todos os movimentos revolucionários, porém, atribuir a ditas ações da canalha espião insucesso da revolução significa superdimensionamento do papel na história da luta de classes. É uma perspectiva incompatível com a teoria da revolução desenvolvida pelo marxismo dialético e histórico de Marx, Engels e Lenine. Não é o espião que define a história, é a luta de classes, o espião é produto desta luta, ele não cria nem tampouco tem o condão de a definir. Isso equivale a dizer que o *rabo balança o cachorro*.

Luís Carlos Prestes acreditava em condições amadurecidas da revolução, a revolução social no Brasil como favas contadas:

Organizai o vosso ódio contra os dominadores transformando-o na força irresistível e invencível da Revolução brasileira! Vós que nada tendes a perder, e a riqueza imensa de todo Brasil a ganhar! Arrancai o Brasil da guerra do imperialismo e dos seus lacaios! Todos à luta pela libertação nacional do Brasil! Abaixo o fascismo! Abaixo o governo



odioso de Vargas! Por um governo Popular Nacional revolucionário.  
Todo o poder à Aliança Nacional Libertadora!<sup>24</sup>.

Para uns, o momento era de lubrificar as baionetas para fazer a revolução. Para outros, melhor cantar a marcha de Lamartine Babo, de sucesso no carnaval de 35, bastante tocada, nas rádios:

*A vitória há de ser tua, tua, tua,  
Moreninha prosa!  
Lá no céu a própria Lua, Lua, Lua  
Não é mais formosa  
Rainha da cabeça aos pés  
Morena eu te dou grau dez!*

---

<sup>24</sup> Manifesto de Luís Carlos Prestes in: *A Platéia*, de 06.07.1935. Prestes termina com a chamada usada por Lenine às vésperas da revolução socialista de 1917, em abril, o líder bolchevique conclama “Todo Poder aos Sovietes! Viva a revolução socialista!”, a palavra de ordem para tomar o poder do governo de traição de Keresnky e promover a revolução socialista proletária camponesa na Rússia.

## 5 Quando a banda do 21º Batalhão tocou diferente

A banda do 21º Batalhão de Caça de quando em vez dava concertos, na Avenida Rio Branco, em Natal. A banda tocava dobrados, valsas, maxixes e merengues. O *meeting* da banda do 21º BC, atraía populares, boa diversão na cidade de poucas opções de lazer. Contava com o Café Cova da Onça, na Ribeira, para convescotes de amigos. Com os cinematógrafos do Royal, na Ulisses Caldas, o São Pedro, no Alecrim, e os Politheama e Teatro Carlos Gomes, da Praça Augusto Severo. E acabou-se o que era doce. O pudor salesiano não permite colacionar às opções de lazer da cidade, o *Beco da Quarentena*. O estreitíssimo arruado, zona da prostituição mais chula e vil, próximo do porto. Tampouco casas rosadas, do ramo, supostamente, mais imunes às gonorreias, cancros, tifos e varíolas. O balneário da Redinha o recanto do verão dos abastados, que na gafe do cronista pensou em *Paraíso dos abastados* e publicou *Paraíso dos bastardos*.

Era sábado, 23 de novembro, a banda do 21º BC não daria concerto algum, não estava programado. O quartel mantinha sua rotina. Logo cedo, o toque da alvorada, depois, o café da manhã e a ordem do dia, as instruções, os exercícios e o rancho. Essa rotina inalterável de quartéis militares sempre motivou mofas e chistes, mundo afora. Na invasão de Portugal, pelas tropas napoleônicas, a rotina do quartel de Abrantes não mudou, dando origem ao ditado: *Tudo está como dantes, no Quartel de Abrantes!*

Portanto, nada alterava a rotina do 21º BC, a despeito dos boatos e alarmistas sobre as dispensas e baixas. O clima agitado da cidade e a dissolução da Guarda civil, coisa de paisano que não interferia, na ordem diária do quartel. O Major comandante da unidade gozava folga. Enfrentava o maçante compromisso de bajular o novo governador, no Teatro Carlos Gomes. No quartel, restavam alguns poucos oficiais, meia dúzia de sargentos e de cabos e praças do serviço. E os presos de má conduta, junto com os acusados de badernas com marinheiros, no Beco da Quarentena. Boatos de dispensas saneadoras, a limpar o nome do exército nacional da malta indigna, sempre existiram, sempre existirão, enquanto existir o exército e uma malta indigna de servi-lo.

As sentinelas deram continência ao sargento Quintino e ao cabo Dias, eles adentram juntos, apressados. O sargento Quintino, tocador de pistom, o soldado Raimundo, tocador do Tarol, o cabo Giocondo, baiano branquelo de olhos aclarados, não tocava nem berimbau, mas balançava corações. Neste sábado, esses três pegam no fuzil e o dobrado da banda do 21º BC foi bem diferente.

Por volta das dezoito horas, circulavam, militares e civis, apressadamente, pelas proximidades do quartel. Na Avenida Rio Branco, casa frontal ao batalhão, morava Joaquim Torres, professor do Colégio Atheneu. O *professor Torres* costumava fumar o charuto, sentado, na calçada da casa. Lá estava, como sempre, quando um soldado, bem apressado, o adverte: *Seu Torres, melhor entrar! Vai começar a revolução no quartel!*

O professor sequer procurou saber detalhes, que devia ser trote do milico para perturbar. Depois, se fosse verdade, que revolução era mais urgente e relevante que fumar o seu charuto? Seu Torres permaneceu sentado por mais uma hora e nada. Então passou um cabo do outro lado da calçada e o professor gritou: “E a revolução? Vem ou não vem?”. Do outro lado o cabo responde: “vem sim!”, convencido que o professor sabia dos planos da conspiração.<sup>25</sup>Passado o movimento rebelde, durante a devassa, o professor Torres precisou usar de seus conhecimentos em química para explicar *que o focinho do porco não era tomada*.

Em torno das 19:30, o Sargento Quintino Clementino de Barros, o Soldado Raimundo Francisco de Lima, vulgo Raimundo do Tarol, e o Cabo Giocondo Alves Dias, o Cabo Dias, começaram a tocar a insurreição. Os três quebravam a hierarquia, rendiam a guarda, prendiam os oficiais. Tomaram o quartel em questão de minutos, sem dificuldade. Os oficiais não aceitaram aderir à revolução. Foram presos no cassino, menos desconfortáveis que as celas do quartel. Uma ação rápida e eficaz, surpreendente. Sem tempo a resistência, a reações de valentia, sem tiros. Todos são convidados à revolução. Algumas aderem e outros preferem a prisão. O cabo Dias, com o fuzil na mão, notificava a prisão: *Os senhores estão presos em nome do capitão Luís Carlos Prestes!*

Naquele momento, alguém se importava se as ordens vinham do capitão Luís Carlos Prestes ou do Diabo? Importava o fuzil engatilhado, ameaçadoramente, na mão do cabo rebelde. Os oficiais optam por aceitar a voz de prisão, melhor jogar gamão, dominó e buraco e aguardar o desfecho da bernarda.

Foram presos o chefe da Guarda e os oficiais. Os rebelados ocupam as posições estratégicas do 21º BC. E soltam os praças que estavam presos. Alguns aderem, agradecidos, aderem à revolução. Outros, preferem voltar à tranquilidade atrás das grades. Em pouco tempo, o pátio do quartel foi transformado em ágora. Mais democrática que a dos gregos, porque esta contava com a participação das mulheres. Eles calçavam

---

<sup>25</sup> O folclórico episódio tem o registro de Câmara Cascudo apud BEZERRA *A Insurreição Militar Comunista de 1935*. Disponível em: <[www.dnet.org.br/memoria](http://www.dnet.org.br/memoria)>. Acesso em: 04 jan. 2016.

coturnos, trajavam as vestimentas de campanha e pegavam as armas. Os militares rebelados concitavam o povo a pegar armas pela revolução. Vários civis pegam armas, se juntam ao exército popular, à revolução de Luís Carlos Prestes. Era necessário mais gente com treinamento militar. Foi dada ordem da convocação da prontidão para o corneteiro repicar sucessivamente os toques a fim de atrair os praças, cabos, sargentos e oficiais à unidade. E alguns deles escutam os toques e respondem, outros fazem ouvidos de mercador. Os chegados são concitados à luta e, conforme a resposta, eram armados ou eram presos.

Quintino Clementino de Barros chefiou a ação militar do 21º BC. E garantiu a integridade física dos oficiais e praças presos, no quartel. Fato seria reconhecido, pelo Monsenhor José Landim: Quintino “demonstrou equilíbrio nos dias que se sucederam, evitando ou condenando violências e arbitrariedades. Fez recolher, presos no cassino, os poucos oficiais que atenderam ao toque, em número de sete, sendo um capitão e seis tenentes”.<sup>26</sup>

O quartel do 21º Batalhão contava com dezoito oficiais. A maioria deles, estava fora da unidade militar, quando a bomba estourou. E de fora procurou ficar, quando soube da berrarda. Procuraram se esconder nas chácaras, fazendas e casas de amigos e parentes. Afinal, para que servem os parentes? O levante do 21º BC, na perspectiva dos rebelados, transcorreu conforme o planejado, no melhor dos cenários, rápido, sem baixas, sem problemas.

O PCB mobilizou suas bases civis para comparecer ao quartel a fim de se fardarem e armarem à revolução. Lá comparecem estivadores, bancários, poetas, sapateiros, alfaiates, professores, donas de casa, lavadeiras. As mulheres com atuação na União Feminina responderam ao chamado partidário e os Relatórios Policiais anotam esse detalhe de estarem “vestidas de homem”. O que incomodava mais os policiais dos inquéritos? *Vestidas de homem* significava travestir-se de homem porque elas gostariam de ser ou parecer ser homens? *Vestidas de homens* significava mais que as roupas e aparências de homens, mas a capacidade de lutar com as mesmas armas, a igualdade de ser sujeito ativo na conquista de direitos e deveres da própria história? Independente da motivação esses registros oficiais provam que as mulheres potiguares empunharam armas na revolução e tiveram participação ativa em todos os momentos, durante a luta armada

---

<sup>26</sup> Cf. *Insurreição Comunista de 1935 em Natal*. Linha do Tempo. Disponível em: <[www.dhnet.or.br/memoriatempo](http://www.dhnet.or.br/memoriatempo)>. Acesso em: 12 dez. 2015.

e nas atividades-meio da breve governança revolucionária. Essa participação feminina, quase sempre omitida na historiografia, será mais detalhadamente tratada neste opúsculo, no capítulo 13 – *Guerreiras Esquecidas*.

Foi intenso e agitado o movimento de pessoas, no 21º BC rebelado. Dezenas de populares sem habitualidade com armas e sem treinamento, a receber os fuzis, revólveres e instruções básicas do funcionamento. O bancário Paulo Martins da Silva, funcionário do Banco do Brasil, foi o mais exaltado a conclamar e açular os ânimos, oferecer fuzis e cartuchos a quantos passassem na frente do quartel. Meio século depois, aposentado, confessaria ter se infiltrado com objetivo de detonar a célula comunista do BB.<sup>27</sup> O *dedo duro* Paulo Martins da Silva apontou dezenas de pessoas. Os presos foram barbaramente torturados pela polícia. Deve se vangloriar do papel de delator, quais outros, da mesma laia. Mas, para suas vítimas, os torturados, e para a história, seu papel foi do cachorro delator, do traidor, do canalha que envergonha a condição humana. Sentença do tribunal da história, canetada do escriba válida a todos os agentes infiltrados, vivos e mortos, que a morte pode levar os canalhas às quintas, mas não redime os seus crimes.

Sobre a rapidez do assalto ao 21º BC, o Cabo Gicondo resume:

não foi necessário um tiro sequer para tomarmos o batalhão. Nós éramos de tal forma organizados que a coisa não levou mais de vinte minutos. Tínhamos organizado tudo de modo que as autoridades fossem presas no teatro da cidade. Estavam todos lá, em uma comemoração<sup>28</sup>.

A tarefa que se colocava a seguir era a ocupação de outras unidades militares, assim faltava tomar o quartel da PM, dos Bombeiros e da Cavalaria. E também ocupar os pontos estratégicos da cidade, Central Elétrica, Companhia de Águas e Esgoto, Recebedoria de Rendas, Banco do Brasil, Porto e outros prédios públicos.

Sabiam que as autoridades governamentais estavam no Teatro Carlos Gomes, a solenidade da noite foi anunciada nas folhas locais. E organizaram uma patrulha para cercar e prender o governador e todo seu *staff*. Porém, o General *Acaso*, mudaria os planos. Irresponsavelmente, um soldado da patrulha disparara a arma contra policiais na Rua São Tomé, próxima do Teatro. O polícia responde e começa o tiroteio. O tirotear

---

<sup>27</sup> Certamente, mui envaidecido do seu papel na História, o senhor aposentado do BB faz essa declaração espantosa ao jornalista Luiz Gonzaga Cortez. Cf. *O Comunismo e as lutas políticas do RN na década de 30*. Natal: Sebo Vermelho. 2015 p. 52.

<sup>28</sup> Entrevista dada ao autor em 08.08.1980, no Rio de Janeiro. In: SARMENTO, Antonio Natanael. Dissertação (Mestrado em História), UFPE, Recife, 1980. p. 156.

ecoou com nitidez, nas dependências, do Teatro. Ali, as autoridades inquietam-se. Afinal, não obstante as badernas noturnas, alardeadas na imprensa, não era comum tiroteios noturnos, na cidade. Alguns comissionados do governo deixam, discretamente, o auditório à cata de informações. Em minutos, chegavam as primeiras notícias, imprecisas e temerárias. Da rebelião do 21º BC. Da descida do grupo armado do batalhão rebelado a caminho do Teatro para prender as autoridades presentes. Corre-corre, deus nos acuda, e autoridades tratando de fugir, em todas as direções.

À tomada do 21º BC pesou o fator surpresa, por isso, em minutos, o quartel foi ocupado. Mas, no quartel da PM, a banda tocou diferente. Foram alertados pelo tiroteio, as autoridades determinaram a prontidão. E o quartel da força pública sustentou dezessete horas antes da ocupação das tropas rebeldes.

No desastrado tiroteio da rua São Tomé, o cabo Giocondo Dias, líder da patrulha, foi ferido e não comandou as ações do Teatro Carlos Gomes:

No caminho, um recruta qualquer se afobou e atingiu um policial ali na Rua São Tomé. Ele respondeu e eu levei três tiros. Daí eu fui para o hospital. Esse tiroteio deve ter alarmado o pessoal que estava no Teatro. O nosso plano era cercar o Teatro e depois entrar e dizer que eles estavam presos e não adiantava resistir.<sup>29</sup>

No Hospital das Clínicas o cabo Dias foi atendido pelo Dr. Clóvis Travassos Sarinho, ligado aos integralistas, porém, juramentado com Hipócrates. Sobre o tal atendimento ele relata: “Cabo Giocondo Dias apresentava dois pequenos ferimentos em um antebraço. Foi feito o atendimento entre 20 e 21 horas, e logo após o paciente retirou-se, voltando no dia seguinte domingo, 24, pela manhã, para novos curativos”.<sup>30</sup>

Esse depoimento do Dr. Sarinho confirma a declaração de Dias segundo a qual, depois de medicado dos ferimentos leves, voltou ao quartel do 21º BC, no dia seguinte. Dias afirma que esteve com os presos do BC e que eles temiam fuzilamento, sem motivo:

[...] cheguei lá e eles estavam apavorados dizendo que iam ser fuzilados, não sei o quê. Eu até falei para eles não, vocês estão com a vida garantida, vocês vão ser julgados por um tribunal popular. Naturalmente, aqueles que cometeram crimes responderão por eles,

---

<sup>29</sup> Entrevista de Giocondo Dias ao autor citado. Rio de Janeiro, em 08.08.1980.

<sup>30</sup> CORTEZ, Luiz Gonzaga. *A revolta comunista de 1935 em Natal: relatos da insurreição que gerou o primeiro sovieta das Américas*. Disponível em: <[www.dhnet.org.br/](http://www.dhnet.org.br/)>. Acesso em: 07 jan. 2016.

mas enquanto esse tribunal não julgar, os senhores estão com a visa garantida.<sup>31</sup>

O chefe de Polícia João Medeiros Filho estava preso e foi ele quem conversou com Giocondo Dias. Dizia-se progressista e fundador do Rotary Club. Será que o Medeiros estava plantando para o caso de a revolução medrar e ele se tornar o chefe da congênere potiguar da KGB?

Releva que o chefe de Polícia protagonizou manobras astuciosas e dignas de cinema, segundo o próprio depoimento. Ele diz que, por volta das dezenove horas, estava acompanhado do delegado auxiliar, Capitão Genésio Lopes, na Avenida Rio Branco. Ouvidos os primeiros tiros: “Dirigimo-nos imediatamente ao local de onde partiram os tiros e lá nos deparamos com forças do exército”.<sup>32</sup>

O arguto chefe de Polícia, com sua proverbial agudeza intelectual, decidiu procurar o Capitão Joaquim Moura, no quartel da PM: “depois de breve entendimento [...] ficou a unidade de prontidão”. Resolvida a prontidão da PM, calhava alertar também a Inspetoria da Polícia e as autoridades no Teatro Carlos Gomes: “No trajeto nosso automóvel é alvejado. Entramos no Teatro Carlos Gomes e nos avistamos com o Governador e o Secretário-Geral, narrando as ocorrências, sem poder explicar o seu significado”. João Medeiros, o Aníbal do Potengi, resolveu então, observar as *coisas de perto*. O chefe de Polícia, sagaz como a raposa e destemido como o leão, caiu como patinho, numa armadilha montada por ele mesmo. Investigar as coisas de perto, investigou o Sherlock do Potengi. Ele vai diretamente ao Quartel do 21º BC perquirir. Sherlock lamenta ter caído na cilada do sargento Amaro Pereira, que o teria recomendado a procurar a informação desejada, no quartel: “Aí então esqueci as advertências que a mim mesmo fazia e me metia na boca do lobo. Ao transpor o portão de 21º, cercaram-me, ansiosos, sendo desarmado e recolhido ao xadrez das praças”.<sup>33</sup> O chefe de polícia foi no mínimo imprudente. Pode ter sido ingênuo ou idiota. Mas com certeza mentiu pois não preso no xadrez das praças, e sim no *cassino dos oficiais*.

O depoimento do Capitão Genésio Lopes, Delegado Auxiliar, confirma decisão voluntariosa do Chefe de Polícia ir ao quartel:

---

<sup>31</sup> Giocondo Dias, entrevista ao autor, Rio de Janeiro, em 08.08.1980. p. 158.

<sup>32</sup> MEDEIROS FILHO, João. *82 horas de subversão*. Natal, 1980. p.14.

<sup>33</sup> MEDEIROS FILHO, João. *82 horas de subversão*. Brasília: Gráfica Senado, 1980. p.14

O Dr. João Medeiros, que comigo se encontrava do lado de fora do Teatro entendeu de ir ao quartel do 21º BC. Lá chegando dirigiu-se ao sargento que era chefe do movimento e disse: “Eu sou o chefe de polícia!”. O Sargento respondeu: “Está preso, doutor!”<sup>34</sup>.

No desenho tático da película da *guerra púnica* potiguar, o Aníbal é preso, no acampamento das legiões romanas para onde se dirigiu, sozinho, com escopo de obter informações. Quem sabe a criativa e inusitada tática investigativa do João não seria compilada, sem o brilho do original, claro, pelos maiores centros de inteligência do mundo, CIA, KGB, M16, Mossad e tantos outros.

---

<sup>34</sup> Depoimento de Genésio Lopes, Oficial da Força Pública Reformado, ditado diretamente. Ele preferiu discorrer a responder perguntas deste autor, em Natal, em março de 1980.



## 6 Cenas de teatro

Séquito faraônico acompanhou o Governador Rafael Fernandes Gurjão ao Teatro Carlos Gomes. Lá, oficialmente, o novo donatário prestigiaria formatura de alunos do colégio Marista. Mas a plateia servia às congratulações pela recente vitória eleitoral. Memorável cortejo de fãmulos, secretários, auxiliares, serviçais e áulicos, a lembrar a coroação de Carlos Magno. Sem falar nos valorosos cavaleiros pares, autoridades eclesiásticas, civis, militares do beija-mão real, Aldo Fernandes, Secretário-Geral, Capitão Genésio Lopes, Delegado Auxiliar, Capitão José Bezerra de Andrade, Ajudante de Ordens, Gentil Ferreira, Prefeito da Capital, Paulo Pinheiros de Viveiros, Chefe do Gabinete do Governador, Edgar Barbosa, Diretor do Jornal Oficial A República, Monsenhor João da Matta Paiva, Presidente da Assembleia Legislativa.

O mais belo e imponente prédio da cidade, o Teatro Carlos Gomes, fica na Praça Augusto Severo, bairro da Ribeira. Ponto alto da cidade baixa que sofre com alagamentos, nas invernadas. Das águas das chuvas a escoar pelas ladeiras e inundar a Praça. O rico Teatro Carlos Gomes e os pobres pardieiros ficam ilhados. Quer conhecer de perto, a aflição, a dor, dos inundados? Basta morar nas ribeiras, nas moradas dos *pobres, sem eira nem beira*.

Teatro Carlos Gomes -era nome da época, antes de mudarem para Teatro Alberto Maranhão. Não ousaram mudar a arquitetura *art nouveau*. Uma combinação de ostentação burguesa e refinamento aristocrático, é possível numa mesma construção? É o caso da arquitetura eclética do Carlos Gomes. São nobres os austeros portões de ferro, fundidos em Paris. Eles guarnecem as portas da entrada. As esculturas clássicas e neoclássicas, em bronze. O espaço vestibular, antecedente do pátio e do jardim de inverno, anteposto, graciosamente, ao salão das poltronas e frisas, do auditório. Lustres e espelhos de cristal. Na sala da entrada destaca-se o lustre central com pingentes. Na fachada predial frontal, exulta o gosto burguês dos excessos, a superposição de nichos, frisos, relevos e estátuas. O observador perde-se no mosaico informativo, se não for atento. Lá estão, em alto relevo, as duas máscaras simbólicas, a *tragédia* e a *comédia*. No centro superior, a lira, o instrumento musical de Orfeu. Templo das artes cênicas, templo da música. Teatro Carlos Gomes! Quanta coisa mudou? Quanto de ti há em mim? Mudaram até o teu nome. Quis o destino afastar-me de ti. Mas, não mudou a tua beleza,

tão intensa que de tão longe me comove. Teatro que vem da infância, o mais belo teatro do mundo! Não encrespai, fidalgo leitor, com os disparates saudosistas, do autor. Se a retórica presta-se a explicar as mais pífias e vis ações humanas, por que negá-la, às mais belas lembranças que temos? Teatro Carlos Gomes ou Alberto Maranhão, vá lá que seja, o mais belo teatro do mundo da minha infância. Outros teatros mais belos do mundo não me são mais belos; eles não foram da minha infância. Encerramos a digressão teatral com Chaplin: “somos todos atores no Teatro da vida onde não há ensaios”. Diferente do escriba, o Carlitos não precisava de voz. E, no entanto, brindava a nossa melancólica comédia humana, com risos e lágrimas.

Sem favor, aos padrões locais, uma edificação luxuosa, ambiente social de lazer e cultura, ao deleite da elite potiguar. Lugar de concertos musicais, apresentações de peças teatrais de companhias nacionais e estrangeiras, das grandes solenidades, enfim, *latrottoir d'élégance du grand monde*. Dos senhores de casacas e cartolas, das senhoras de espartilhos e anquinhas, dos moços janotas, das moçoilas coquetes e melindrosas. Do exalar de perfumes, farfalhar das sedas, da exibição da moda, das passeadeiras e tapetes do *glamour*, de afetações e de luzes...

Nem sempre. Apenas, nos dias de *função*. Sob as luzes e os holofotes que destacam as linhas do Versailles da Ribeira e iluminam a Praça Augusto Severo. Nos dias ordinários, sem as luzes, sem função, sem festa, mais uma sombra espectral, na escuridão das trevas da decadente da Ribeira. Da vizinhança decaída dos cortiços abandonados, dos pardieiros arruinados. Das oficinas barulhentas e sujas. Na metáfora platônica, o mundo das sombras, projetado arquetipicamente no bruxulear das velas e dos candeeiros. Das vidas pobres, precárias, improvisadas, mundo oposto ao das luzes, dos brilhos, das ideias.

Calhava de a exuberância do Teatro Carlos Gomes desaparecer, na escuridão, encoberta no manto da noite. Na Praça Augusto Severo, quando escura como calabouço dos condenados, ninguém percebia a beleza do Versailles. Sem luzes, sem os ruídos das elegâncias, sem os tapetes e os pajens a caráter, um castelo fantasma, teatro de sombras, de desolação. Tão sombrio e espectral quanto os cortiços da vizinhança. Talvez, porque a sombra das noites iguale os desiguais. Por dificultar os requintes das distinções, das diferenças. Nas trevas, nos confundimos. Cometemos erros, alguns fatais, como registra o cronista da revolução francesa. Certo Nicolas Villeron, jacobino, foi condenado à guilhotina. Qual o crime do indigitado Villeron? Ele atacou e matou cinco jacobinos,

todos confundidos, erroneamente, com os girondinos. Traído pela escuridão da noite, Nicolas Villeron jurava ter atacado os inimigos. O não salvou a sua cabeça. Mas ficou popular: *de nuit, tous les chats sont gris!* Pois se *à noite todos os gatos são pardos*, com mais razão, as noites turvadas com fumaças de pólvora, gritos de revolução, mentes agitadas e entorpecidas, pelos eflúvios das paixões.

O manto de Nix, a deusa da noite, suas asas escuras de morcego encobriram, Natal, em 23 de novembro de 1935, trazendo flagelos e castigos. Os castigos alcançariam a todos, súditos e reis, reis impostos e depostos.

Os estampidos sucessivos, dos tiros na noite, alteraram a programação e o Gurjão governador, acompanhado do secretário geral e do ajudante de ordens passou a noite escondido na casa do comerciante Xavier Miranda, na Av. Duque de Caxias. As outras autoridades, partiram em diferentes direções, Gentil Ferreira, o Prefeito de Natal, Monsenhor João da Mata Paiva, o Presidente da Assembleia Legislativa, o chefe de gabinete do governador Paulo Pinheiro de Viveiros e o diretor do jornal oficial *A República*, Edgar Barbosa albergaram-se na casa de Amador Lamas, irmão do cônsul do Chile, Carlos Lamas.

O Governador Rafael merece registo do livro dos recordes mundiais, com três asilos políticos, em 82 horas. Primeiro ficou protegido sob a bandeira consular do Chile. Consulado improvisado, pelo cônsul chileno, Carlos Lamas, que transferiu *placa, diploma e a bandeira* a conferir a extraterritorialidade da legação diplomática à casa do Xavier. Mas, o rabo do gato ficava do lado de fora. Os rebeldes zanzavam, nos arredores e uma patrulha foi à casa do Xavier reivindicar os *proscritos*. Porém, ante as provas documentais da proteção consular do governo chileno, exibidas as *cartas e patentes*, o pelotão vacilou. Aceitou a pulha, que o consulado chileno ficava na cidade alta. A patrulha recua e vai consultar instâncias superiores. Cientes da precariedade, das cujas garantias diplomáticas desse consulado de improviso, os asilados buscaram alternativa segura. Vem o segundo asilo dado pelo cônsul da Itália, Guilherme Lettieri. Porém, seguro *morreu de velho*, já diz o velho brejeiro. Os comunistas controlavam, cada vez mais, a situação, formavam o tal governo popular. Quem garante que a malta enfurecida não atacaria a casa do Lettieri? Assim, no segundo dia da revolução, quando ninguém previa o desfecho da revolução, toma-se outra decisão. Calhava asilo em lugar mais seguro. O terceiro asilo do exilado recordista foi nas naus mexicanas, surtas no porto.

Assim, o Rio Grande do Norte saía da bernarda, em débito com Chile, Itália e México, como diz o outro, de potência para potência.

Se durante a altercação arribou de asilo em asilo, sem poder chamado ou encontrado, nem mesmo por edital, após a revolução o Gurjão ficou valente. Nos jornais, oficialmente, em todos os momentos, o Governador e as autoridades, permaneceram impávidos e destemidos. Teve até quem comparasse ao Imperador Carlos Magno com os *doze pares da França*. Sucede que desde 1500, São Nicolau de Florença leciona que na política as aparências enganam, pois *nada é o que aparenta*.

## 7 O primeiro Governo Popular Revolucionário das Américas

Nos dias da sedição em Natal, foram grandes os transtornos. A confusão generaliza-se, depois do levante do 21º BC. Insegurança, com roubos, saques e incêndios. Temeridade de pessoas armadas e dos boatos. Os rebeldes ocupando e tomando quartéis, libertando presos, da Casa de Detenção. Alguns presidiários pegam em armas e aderem à revolução; outros, aproveitam a ocasião, saqueiam e roubam.

O tiroteio prolongado, no sítio do quartel da Polícia Militar, varando a noite do dia 23 e a manhã do domingo, 24, praticamente imobiliza a cidade. Ninguém, de bom senso, botava a cabeça na rua, as casas trancadas. As novas autoridades a baixar ordens e expedir boletins, fazer apelos e ameaças. As autoridades depostas, sumidas, em local incerto e não sabido.

Amálgama de temor, desconfiança e curiosidade, dos cidadãos comuns com o autoproclamado *Governo Popular Revolucionário*. E os inevitáveis *pescadores de águas turvas*, os safados aproveitadores de ocasião, a jogar as suas redes. Temerosos com a segurança, os comerciantes fecham os estabelecimentos. Os transportes públicos, declarados de uso gratuito, por decreto do Comissário da Viação, desaparecem. Transporte de bonde gratuito, porém, sem bonde para ninguém ser transportado. Nada funciona senão a difusora *central de boatos*. Notícias alarmistas por todos os lados, sem que se soubesse a origem. Roubos, invasões, estupros de moçoilas da Escola Doméstica, fuzilamentos, invasões. Os meios de comunicação sociais são precários, sem emissora de radiodifusão, jornais sem funcionar, telefonia cortada, restrita aos boletins espalhados na cidade, pelo governo popular, e aos boatos sabe-se lá por quem.

Os setores e locais estratégicos de Natal são ocupados, pelos rebeldes. Somente o quartel da Polícia Militar, teimosamente, escrevia capítulo diferente, combatendo e resistindo. Mas, a rendição da PM estava selada, sitiada militarmente, uma questão de tempo.

O *Jornal do Comércio* alcunhava a capital conquistada pelos comunistas de *Petite Russie*. Durante a manhã desse domingo 24, o Comitê Regional do PCB em Natal reuniu-se, nas Rocas. Presentes, o cognominado Santa, negro filho de escravos, assistente do Comitê Central, o João Lopes que estudou em Moscou e era o mais experiente dos comunistas. Essa reunião do Comitê debateu e escolheu os nomes à composição do primeiro *Governo Popular Revolucionário* das Américas. Queriam o Santa na

Presidência da Junta, mas a proposta foi recusada, pelo próprio. Incompatível com o papel de “assistente do CC”, estava ali para *assistir*. No anonimato, a eminência parda, *prego batido e ponta virada*. Os novos governantes, Comissários do Povo são: Lauro Cortês Lago, servidor da Polícia Civil, Ministro do Interior; João Batista Galvão, funcionário do Atheneu, Ministro da Aviação; José Macêdo, tesoureiro dos Correios, Ministro das Finanças; José Praxedes de Andrade, sapateiro, Ministro do Abastecimento e Quintino Clementino de Barros, sargento-músico do 21º BC, Ministro da Defesa.

O governo revolucionário, recém-constituído, nomeou o Presidente do Sindicato dos Estivadores João Francisco Gregório à função de Comandante Militar do Cais do Porto. Delegou poderes para permitir e proibir, entradas e saídas de pessoas e embarcações, bloquear o Porto, com as três corvetas da Marinha do México, o cargueiro britânico e o *Santos* de bandeira brasileira. Para suspender e controlar, temporariamente, as comunicações radiotelegráficas e desativar, temporariamente, o *farol* marítimo. O estivador João Francisco, comunista, exercia grande liderança entre estivadores das docas. O Procurador da República denunciou todos os estivadores de Natal, sem exceção. Cento e vinte cinco estivadores indiciados, acusados da participação na luta armada. Desses, onze foram condenados.

Os revolucionários observaram as leis internacionais, não invadiram a casa “consular” improvisada do Chile, tampouco as naus estrangeiras, surtas no porto. Em ambos os casos, sabedores do asilo dado a foragidos da revolução. No vapor Santos, de bandeira brasileira, vão a bordo, desativam a estação radiotelegráfica e confiscam armas e munições. Encontram dinamites que são utilizadas, na luta revolucionária.

Porém, Nicácio Gurgel, que liderou as diligências no porto, foi acusado de *elemento extremista* pelo Procurador da República. Nicácio Gurgel esteve à frente da escolta armada que abordou navios surtos no porto. Para os jornais da reação ele fez *exigências descabidas e ameaçadoras no Cais*. O radical Nicácio andava acompanhado do filho criança, parou com a oficialidade mexicana sobre os brasileiros asilados nas corvetas. Com a denegação do pedido de repatriamento, o delegado informou a imediata prisão de qualquer tripulante dos navios no território nacional, aplicando a reciprocidade. E ficou por isso. Eis o radicalismo inaceitável, os atos de insolências e ousadias, as exigências descabidas, da imprensa venal e dos serviços do governo da República.

*Segredode Polichinelo* para toda Natal que as autoridades estavam asiladas, nas corvetas mexicanas. O primeiro lote, seguiu diretamente do Teatro Carlos Gomes, logo na noite de sábado, 23. Os oficiais da esquadrilha eram convidados de honra do governo deposto e os comandantes estavam no Teatro Carlos Gomes. Quando a boiada estourou, chispavam as respectivas naus, asilando alguns próceres que solicitaram arrego. As levas se sucedem, nos dias seguintes. E a extraterritorialidade definida nas convenções internacionais a navios militares foi respeitada. O Governo Popular Revolucionário já tinha muito abacaxi para descascar, não fazia sentido embrulhar-se em confusão com o México.

Também no domingo, a Junta governamental delegou tarefa ao motorista Epifânio Guilhermino para requisitar veículos e compor frotas rodoviárias. Os veículos indispensáveis ao transporte de cargas e deslocamento de tropas, armas e munição. Epifânio e Domício Fernandes requisitaram caminhões e veículos de carga, conforme a orientação recebida. Nos inquéritos figuram como vítimas de requisição comerciantes e revendedores, Severino Alves Bila e José dos Santos.

O Epifânio Guilhermino e sua companheira Leonila Felix, ambos militantes do Partido Comunista, foram ativíssimos, nos sucessos revolucionários. A Leonila Felix, talvez pela condição de mulher revolucionária, em sociedade conservadora, machista e patriarcal, foi das mais discriminadas. Jornais e documentos oficiais tratam a revolucionária aguerrida Leonila como “amante”, “amásia” ou *mulher vestida de homem*. A ela e as outras mulheres, Chica Pinote, Chica da Gaveta, Maria da Cruz Nunes e Raymunda Pires, as *abnegadas servidoras do ideal* comunista, no dizer do Procurador da República.

A historiografia do Rio Grande do Norte com viés *liberal burguês* costuma ressaltar o “pioneirismo” do “voto feminino” e o feito da investidura da primeira Prefeita. Contudo, procura apagar do registro histórico o pioneirismo das revolucionárias de 35. As guerreiras revolucionárias, partícipes dos sucessos que culminaram com o primeiro Governo Popular Revolucionário das Américas, foram tesouradas, no traçado dominante da história.

Na visão dos arautos da reação, o comunista Epifânio Guilhermino fazia tipo desprezível, inculto, boçal, perverso, ladrão e assassino:

O que se revelou mais sanguinário e anarquista foi Epifânio Guilhermino. Esse extremista, não contente com o crime no dia 24,

assassinando, assassinou, com requintes de perversidade o Sr. Octacílio Werneck, agente da Companhia de Navegação Costeira, ainda matou um soldado do exército no interior da Merceria Machado, incendiou o 1º cartório judicial, saqueou diversas casas comerciais e tentou matar outro soldado do exército que se achava comigo preso.

Medeiros acusa Epifânio de matar o agente da navegação costeira por motivo fútil, para testar o poder da arma, nas costas do burguês. O militante Epifânio receberia a mais pesada pena, condenado a trinta e três anos, dos mais de mil indiciados, do RN.<sup>35</sup>

O sapateiro José Praxedes foi o Comissário do Abastecimento. Entre os pares, comunista experiente. Mobiliza populares na manhã do domingo 24, à Praça do Mercado, subiu à mureta do 21º BC e proclamou o Governo. Declinou os nomes dos membros da Junta para dar conhecimento ao público, proferiu breve discurso e deu vivas à Revolução e a Luís Carlos Prestes. Acostumado às meias-solas, deu os proclamas por encerrado e correu à sede do Governo, na Vila Cicinatto.

João Batista Galvão, funcionário do Colégio Atheneu, escapou da vigilância materna com truta de ida ao açougue, na rua, junta-se aos revolucionários. A casa materna ficou sem bifés, mas em compensação, a revolução ganhou um ministro. Chegou, festivamente, à sede do Governo Popular, na Vila Ciccinato, nos braços de populares.<sup>36</sup>

Estava constituído o primeiro governo popular revolucionário das Américas. *Que fazer?* Os bolcheviques souberam assimilar a resposta dada por Lenine, em 1917, na Rússia. Mas, a junta revolucionária de 1935, em Natal, saberia? As primeiras medidas decretadas foram a destituição do Governador Rafael Fernandes e a dissolução da Assembleia Constituinte Estadual. A segunda, a publicação e distribuição de boletins, para esclarecer os propósitos da revolução e tranquilizar a população.

Dar tranquilidade e segurança. Notadamente, às pessoas ligadas ao comércio e aos serviços públicos da cidade. Natal precisava retomar a normalidade. Revoluções desorganizam e organizam: derrubam ordens velhas e criam outras novas. Sucede da nova ordem também envelhecer, mas aí é outra história, para ser escrita por outros revolucionários. Por enquanto, calhava aos revolucionários do momento tranquilizar a população da cidade. Ganhar confiança e apoio popular às novas perspectivas revolucionárias. Tarefa hercúlea, porém, indispensável. Somente assim a revolução

---

<sup>35</sup> MEDEIROS FILHO, João. *82 horas de subversão*. Brasília/Natal: Gráfica Senado Federal, Centro Gráfico. 1980. p. 23.

<sup>36</sup> CORTEZ, Luiz Gonzaga. *O comunismo e as lutas políticas do RN de 30*. Natal: Sebo Vermelho. 2014, p. 117.



lograria as transformações necessárias. Era preciso divulgar, amplamente, o Programa da Aliança Nacional Libertadora, a bandeira do progresso e da prosperidade do país.

Tem conteúdo pacificador o *Comunicado aos Camaradas em Armas e ao Povo em Geral* do Governo Revolucionário, apela à manutenção da ordem, pelo respeito à integridade das pessoas e das propriedades. Na mesma direção pacífica, o boletim *AOS SENHORES COMERCIANTES*, com apelos ao funcionamento normal do comércio *para o povo não sofrer com falta de gêneros de primeira necessidade*.<sup>37</sup>

Assim, o governo popular acenava com garantias e seguranças, para o livre funcionamento do comércio. Prometia discutir a redução dos tributos. Ao mesmo tempo, advertia: sem o abastecimento regular e o funcionamento normal do comércio, o governo não respondia pelos assaltos e saques. Os chamados *atos extremados do povo*. Essas notas governistas, ao que parecem, surtem mais *efeito intranquilizador*. Em geral, o comércio cerrou suas portas. Algumas casas abriram mediante ordem revolucionária; diversas foram saqueadas e arrombadas, menos por turbas populares e mais por ladrões que se aproveitavam da ocasião.

As comunicações são controladas, rádios dos quartéis, os Correios e Telégrafos, das naus no porto. A junta, ocupando a casa do Governador, verificou precisar de bastante dinheiro para executar o 13º Trabalho de Hércules: promover as mudanças e reformas do programa da ANL e da revolução. A reforma agrária, a reforma política, fiscal e tributária. Confiscou bastante dinheiro, mas sequer teve tempo para intentar reforma alguma, acabou distribuindo o dinheiro confiscado com a população.

Na matéria tributária, a única medida da governança revolucionária registrada foi a prisão dos fiscais achacadores dos feirantes. No âmbito dos transportes, a decretação da gratuidade do bonde. No abastecimento, a redução do preço do pão, para 100 réis. Sem empresa de bonde e as padarias, afinal, a revolução era *nacional e libertadora*.

Parte do dinheiro confiscado da Recebedoria de Rendas pagou os salários atrasados, da extinta Guarda Civil. Na massa da recebedoria de rendas, queimam papéis de multas e cobranças. Na rua Ulisses Caldas, Cidade Alta, queimam livros, hipotecas, promissórias, duplicatas e títulos. Junto com os papéis, o fogo consome todo 1º Cartório. As duas belonaves da Companhia Aérea Condor são requisitadas para sobrevoar Natal e lançar boletins informativos do Governo sobre a cidade. Com a bandeira vermelha a tremular, os pequenos aviões faziam chover papéis sobre Natal. Esses boletins foram os

---

<sup>37</sup> Boletins reproduzidos na imprensa, após a insurreição, vide *Diário de Pernambuco* de 28.11.1935.

únicos meios de comunicação da Junta popular. O governo revolucionário tentou e até editou o jornal oficial. Porém, as tropas reacionárias ocupam as oficinas gráficas do Jornal *A República* e *A Liberdade*, o jornal oficial do Governo Popular Revolucionário, não circula.

*A Liberdade*, o jornal oficial revolucionário, mais parece obra de ficção. Um artigo sobre a *Marcha da Revolução Libertadora* traz informações apologéticas e inverídicas da revolução no país. Um amontoado de notícias sobrelevantes, greves e vitórias do movimento Nacional Libertador, inverídicas:

Cumprimos o grato dever de, com alegria, verdadeiramente revolucionária, comunicar ao povo desse Estado a marcha ascensiva da revolução. Isto podemos fazer porque estamos de posse do Telegrapho e dos rádios e controlando todas as notícias que por eles veem. Nós sabíamos que o Brasil era um imenso “Barril de Pólvora” e que bastaria uma centelha para que ele explodisse, que nós rio-grandenses do norte acendemos, podemos dizer ao Brasil extasiado que fomos a primeira pedra desse grande edifício que vai ser o governo popular. Ao echo da nossa metralha já responderam os companheiros da Parahyba do Norte, Pernambuco, Alagoas, Espírito Santo. E do Rio de Janeiro e Maranhão, as quais já estão nas mãos dos Nacionais Libertadores. São Paulo está insurrecionado com o povo em armas e o proletariado em greve revolucionária, tudo indicando que o governo não se sustentará por muitas horas, e mais para o Sul o proletariado se atira a greves combativas aclamando o nome de Luís Carlos Prestes. A Gloriosa Marinha brasileira também já virou os seus canhões contra a tyrania, estando revoltada na baía da Guanabara e bem assim no Pará, Santa Catharina levantou-se a poucos minutos, sob o comando do valente companheiro Herculino Cascardo.

Viva a Aliança Nacional Libertadora!  
Viva Luís Carlos Prestes!  
Viva o Governo Popular Revolucionário!<sup>38</sup>

A tarefa da edição de *A Liberdade* foi confiada ao Raymundo Reginaldo da Rocha, que usou tintas panfletárias. Apresentou o Programa da ANL – *Sob a Aleluia da Liberdade!* – e elencou os propósitos da revolução: reforma agrária, democracia, proteção dos trabalhadores, proteção da cultura e do ensino, moratória da dívida externa, nacionalização dos bancos e de empresas estrangeiras. A tribuna da luta revolucionária anti-imperialista bate forte nos *lacaio*s e *vendilhões* da nação.

Não deixa de ser pitoresca a preocupação de *A Liberdade* com temas considerados eruditos, para a maioria do povo. Na página *Cultural*, o artigo de André Malraux sobre

---

<sup>38</sup> Jornal *A Liberdade*, Órgão Oficial do Governo Popular Revolucionário, ano, n. 1 Natal, quarta-feira, 27 de novembro de 1935, p. 2.

*reencarnação da arte*. Nele, o articulista analisa o simbolismo em máscaras egípcias, crucifixos medievais e outras representações. Noutro artigo, a resposta do humanista Georges Duhamel, conhecido autor de *Vie des Martyres*. Uma resposta crítica à enquete literária provocativa do fascista Jacques Ploucard, autor de *Les Letres de L'intransigent*.

Contudo, o fato mais pitoresco dessa histórica edição foi, indubitavelmente, a estampa publicitária do *Sal de Frutas Eno*, fabricado pelo laboratório estrangeiro *Glaxo Simithkline*. Tendo sobrado espaço na quarta página, o gráfico, prontamente, preencheu o espaço vazio com a estampilha do *Sal de frutas Eno*. Pérola da publicidade: jornal oficial do Governo Popular Revolucionário Nacional Libertador fazer publicidade gratuita para produto de laboratório estrangeiro. O *Sal Eno* é remédio à base de bicarbonato de sódio, utilizável no tratamento de azias e más digestões. Certamente, os comunistas recorreram ao *Sal Eno* depois dessa grande gafe.

No entanto, para o bem ou para o mal, *A Liberdade*, sequer chegou a circular. A tiragem de mil exemplares foi apreendida, na oficina. As tropas da contrarrevolução ocupam a gráfica e prendem todos: editores, gráficos, jornaleiros, eventuais distribuidores. E quem mais estivesse na gráfica e adjacências.

São Nicolau de Florença dava conselhos aos príncipes para eles serem *amados e temidos*. O príncipe ideal, metade raposa, metade leão, devia agir com força e esperteza, que *os fins justificam os meios*. No Governo Popular Revolucionário faltavam leões e raposas. Os revolucionários bem que tentaram ser amados. Baixaram preços, soltaram presos, distribuíram dinheiro. Se o Banco é do Brasil, o dinheiro pertencia ao povo brasileiro. Mas o povo não é ninguém, e o dinheiro pertence aos banqueiros.

Quem apoiava a revolução? Militares e civis, comunistas, filiados da ANL, mulheres da UFB, deputados, prefeitos, cabos eleitorais ligados a Café Filho e a Mário Câmara. Bastavam para dar sustentação a um governo estadual? Talvez sim. Mas, o RN era parte da Federação. Não estava sozinho, mas unido ao pacto nacional de poder. E dependia da correção de forças locais e nacionais. Localmente até poderiam tentar alguma resistência. Mas, nacionalmente, isolado, nem pensar. No RN a derrota da revolução não se deu pela reação de forças internas. A lenda do *General do Seridó* não funcionaria sem as forças da Polícia da Paraíba e sem o Exército dos estados vizinhos. Os revolucionários, tão ilegítimos, essencialmente, quanto os *legítimos* governantes depostos. Eleitos na fraude a bico da pena dos currais eleitorais. A maior parcela da população de Natal e do Estado permanecia do lado fora do banquete. Sem assento à mesa. Por isso, não chorou

na deposição do Rafael, nem chorou na debacle dos revolucionários. Maioria excluída e silenciosa, *nec enim nec contrarium*.

Ativa e barulhenta foi a postura das *classes produtoras*. Pouquíssimos proprietários restaram indiferentes: cinco aderiam à revolução, mas a elite econômica, agrária e comercial do Estado, como todo, defendeu a antiga ordem, o governo deposto. E boicotam a ação dos revolucionários. Dois proprietários rurais e treze comerciantes, foram condenados, no Tribunal de Segurança.

A tensão social no RN aumentava, no passar das horas. As falhas do transporte público, a falta de abastecimento e a insegurança. As medidas interventivas de confisco de mercadorias, as requisições forçadas, geravam, mais e mais, desconfianças. E mais retaliações, dos prejudicados. O governo popular precisava e requisitou, veículos, armas, munição e dinheiro. Mas a história costuma ser contada pelos vencedores, e como eles perderam, ficaram como vândalos, violentos, ladrões.

Com esse escopo, o Relatório Policial do responsável pelas masmorras reais, registra os saques nos cofres do Banco do Brasil, da Recebedoria de Rendas e da Inspetoria de Polícia e a pilhagem de casas do comércio, Chilenita, M. Martins & Cia, Severino Alves Bila, Viúva Machado, Cia. Sul América, M. Alves Afonso, Armazém Copacabana, no Mercado Público e em quiosques. Também no interior do estado, em Macaíba, São Gonçalo, Vila Nova, Canguaretama, Goianinha, Panelas, Santa Cruz, entre outras localidades.<sup>39</sup>

Naturalmente, *pescadores de águas turvas* aproveitaram a ocasião, saqueadores, ladrões, assaltantes. Contudo, as requisições dos revolucionários foram expropriações e requisições à luz do dia com recibo passado e assinado formalmente pelo comissário do Governo Popular responsável. É razoável dizer que na perspectiva do “expropriado” ou “requisitado, não pouca diferença fazia, já que “atendia” as demandas dos ditos comissários, coativamente. Contudo, diferenças há, na forma e no conteúdo, de requisições e roubos, de ordens da Junta governamental constituída com a ação solerte dos ladrões, do crime motivado pela ação política com o crime de motivação torpe e comum.

No entanto, os documentos policiais classificam todos saques e roubos, atribuindo a autoria aos comunistas. Relatórios, denúncias e ofícios grotescos, sem considerar,

---

<sup>39</sup> Relatório do Delegado de Ordem Social Dr. Enoch Garcia para o Chefe de Polícia, Natal, 18 de abril de 1936.

provas documentais, fatos notórios e de domínio público quais os boletins da Junta contra o vandalismo, com ameaça de punir os saqueadores e as medidas ostensivas das patrulhas e rondas montadas, para dar segurança à propriedade.

Porém, o núcleo dirigente da polícia norte-rio-grandense, intencionalmente, não diferenciava comunistas, cangaceiros, saqueadores, ladrões, incendiários e assassinos. Para eles, os comunistas eram os inimigos os quais deviam aparecer como a síntese de toda hediondez criminosa. Núcleo de estagiários da escola nazista de Josep Goebbels, cujos ensinamentos, rompiam fronteiras.

Na segunda-feira, dia 25, José Macedo, o Comissário de Finanças do Governo Popular Revolucionário, apresentou-se ao Sr. Carlyle Magalhães, gerente do Banco do Brasil, e determinou a abertura do cofre forte da agência. O gerente recusou. O *perigoso comissário extremista* José Macedo adotou solução salomônica. Não mandou fuzilar o gerente sabotador da revolução. Foi buscar um mecânico munido de maçarico para resolver o problema da revolução e do gerente, sem derramar sangue. O Comissário de Finanças José Macedo viajou no navio-presídio com o escritor Graciliano Ramos. Em suas *Memórias do Cárcere*, Graciliano relembra a preocupação do preso Macedo, em alto-mar, rumo ao Tribunal de Segurança Nacional para ser julgado, com a contabilidade do Governo Popular.

Da denúncia consta que Macedo liderou a escolta *revolucionária* que conduziu o mecânico Manoel Severino ao BB. A porta do cofre do BB foi arrombada no fogo de maçarico. Quase três mil contos de réis foram “confiscados”, recebidos e assinados. A fotografia do cofre arrombado chocava. E foi estampada, nas primeiras páginas dos jornais, a demonstrar o vandalismo dos extremistas.

Pela contabilidade do delegado de Ordem Social, Enoch Garcia, e do Chefe de Polícia, João Medeiros,

Do Banco do Brasil foi roubada a quantia de R\$\$ 2.944:104\$500 (dois mil novecentos e quarenta e quatro contos, cento e quatro mil e quinhentos reis), sendo recolhido ao Tesouro do Estado R\$\$ 886:124\$500 (oitocentos e oitenta e seis contos, cento e vinte e quatro mil e seiscentos e cinquenta reis).<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> O Chefe de Polícia Medeiros, praticamente, subscreve o relatório do Delegado Garcia. A alteração é apenas a falsificação da vítima, Soldado Luiz Gonzaga. Basta comparar os dois relatórios.

Contudo, a conta sobe, no telegrama destinado ao Presidente Getúlio Vargas, após a retomada da governança. O Governador inflaciona o tamanho da conta, fala em numerários superiores a 5 mil réis. Certamente, o Gurjão computava o Banco do Brasil, as Recebedorias, o Banco do Estado e inelutáveis rubricas ocultas.

Nessa gangorra da dinheirama pública, dois mil e novecentos contos saqueados, apenas oitocentos mil foram devolvidos, pelas autoridades. Mais de dois terços da fortuna, ninguém sabe, ninguém viu.

O chefe de Polícia opina que o dinheiro não devolvido ao tesouro ficou com os comunistas, *muito bem escondido*. Muita gente opina que a dinheirama ficou na polícia. E com outros *cidadãos, acima de qualquer suspeita*. O mistério do dinheiro desaparecido deu origem à lenda dos “achadores de dinheiro”, do folclore de Natal. A questiúncula será examinada, oportunamente. Por enquanto, fiquemos com as efemérides da governança popular revolucionária. O brejeiro popular diz que se *o tatu está gordo, alguma coisa ele come*. Bastaria o Sherlock atrapalhado adotar a técnica investigativa do *tatu gordo*. Seu olhar agudo sobre a cidade de Natal, os sinais exteriores de riqueza, se o tatu estiver acima do peso, calhava explicar a origem dessa engorda.

Interiorizar a revolução passou a ser prioridade do Governo Popular. Impulsionar e consolidar a revolução, rumo ao interior do estado, atrair novos adeptos. Com esse objetivo foram formadas três Colunas: a primeira seguiria em direção ao litoral Sul, rumando à divisa da Paraíba; a segunda partia em direção ao litoral Norte, alcançando Macau, Mossoró e chegando à divisa do Ceará; a terceira rumava em direção ao Sertão, passando por Nova Cruz, Caicó, Santo Antônio e toda extensão do Seridó.

Ditas Colunas deviam ocupar as cidades, tomar nas mãos as prefeituras, invadir as cadeias e soltar os presos de opinião, localizar os cofres e confiscar o dinheiro, confiscar as armas encontradas e munições, aliciar novos revolucionários, formar os governos populares.

Quase metade, do total dos quarenta e um municípios existentes no Estado, conheceu a passagem do tufão revolucionário de 1935. Em algumas cidades, formaram-se governos populares, com personalidades e lideranças locais ligadas ao PCB, à Aliança Social ou à Aliança Nacional Libertadora, desde que opositores do PP.

Pequena escolta foi enviada à praia da Redinha, na outra margem do rio Potengi, onde se suspeitava da ocultação de pessoas e de armas. Uma vila de pescadores e balneário de veraneio dos ricos de Natal. Lá, o Sr. Arnaldo Lyra, integralista, reagiu à

abordagem da escolta e recebeu voz de prisão. Imediatamente, foi conduzido preso à Vila Cincinato, sede do Governo Popular, em Natal. Nesse local, o Arnaldo Lyra envolveu-se noutra discussão e recebeu um golpe de sabre, no abdômen. O soldado agressor foi preso na hora e a vítima ferida levada ao hospital. Arnaldo Lyra veio a falecer, alguns dias depois, em decorrência dos ferimentos, não resistiu.

O cabo Giocondo Dias a dizer que *não se fazem omeletes sem quebrar os ovos* expediu e assinou a ordem de prisão e de fuzilamento contra outro cabo que desertou. No telegrama assinado, usa nome e sobrenome e a patente. Para sorte de ambos, ordenador e condenado, o desertor não foi preso, tampouco foi fuzilado: “Felizmente ele conseguiu passar sem ser preso. Depois ele veio para o Partido, trabalhou muitos anos, era meu amigo. E achava que eu agira certo, que estava com a razão”.<sup>41</sup>

Caprichosa a roda da fortuna, em seus giros inimagináveis das revoluções sociais. Uma desfrutando passava o verão, em tranquila vila de pescador e balneário, longe dos ruídos da revolução, estocado com sabre morreu por motivo fútil. Outro mais afortunado, pegou o fuzil, assaltou o quartel, escapou ileso. Depois desistiu e debandou, em guerra fuga é traição, recebeu condenação, não foi preso nem morreu, escapou vivo, lépido e fagueiro, na mão e contramão, da tal revolução. Sobre tais desatinos da sorte, Dona Rosa, *mater semper*, lecionava: *até entre as flores, há diferença de sorte, algumas enfeitam a vida, já outras enfeitam a morte.*

## **8 Troia do Potengi**

Uma das mais antigas estratégias de combate é o cerco militar. Tem-se o relato bíblico do sítio às muralhas de Jericó, o poema épico do cerco de Troia, o registro histórico do cerco de

---

<sup>41</sup> DIAS, Giocondo. Entrevista ao autor, RJ, 08.08.1980, p.166.

Pequim, dos sítios medievais aos castelos reais. Reis, czares, mandarins, sultões, generais, escribas, poetas e trovadores deixaram seus registros *ad perpetuam rei memoria*.<sup>42</sup>

Porém, cerco algum, bíblico, mítico, histórico, mereceu mais panegírico em prosa e verso que o sítio ao quartel da Polícia Militar Natal... *das inexpugnáveis portas da Troia do Potengi*.

As proezas épicas dessa resistência do quartel da Polícia Militar, na revolução comunista de 1935, superam as façanhas de Ulisses, Aníbal, César e Gengis Khan. Superam em desmedidas gabolices e bazófias, depreendidas dos jornais e dos relatos oficiais. Timbrada de *EPOPEIA DO BATALHÃO DE SEGURANÇA* pelo apologista João Medeiros Filho, assombro de página das mais brilhantes da história.<sup>43</sup>

O Major Luiz Júlio, Comandante do Quartel da PM, sem modéstia alguma reforça essa mitificação apologética:

Combateu-se durante toda a noite e a aurora do dia 24 veio encontrar-nos nessa luta onde cada homem parecia agigantar-se empunhando as armas e sem demonstrar cansaço, na defesa do regime [...] Já há muito havia soado as duas badaladas das 14 horas quando vimos que se aproximava o fim: a munição ia se esgotar, e enquanto as praças ainda tiroteiavam, este comando reuniu os oficiais e expoz-lhe sinceramente a situação [...] Ficou resolvido que os combatentes, na impossibilidade de continuar a luta, deixariam a praça que defendiam sahindo com o auxílio de cordas pelas janelas da rectaguarda [...] e assim não se passaria pela humilhação de alçar uma bandeira branca ante os trahidores da Pátria. Deus-se a última rajada com a última fita carregada da metralhadora e procedeu-se a retirada combinada. Era o fim! Oficiais e praças procuram aproveitar o melhor da natureza do terreno para a fuga, alguns se atirando no rio Potengy como o tenente Bilac de Faria, que foi a nado dar a Redinha e o Sargento Celso Dantas Neto, que, ferido, foi dar ao Porto do Padre. [...] Desguarnecido este Quartel, foi o mesmo invadido pelas tropas rebeldes, que transportaram para o seu Quartel todo o material bellico [...] Roubaram todo instrumental da banda, as cornetas, os tambores [...] No combate foram feridos dentro do Quartel, o 1º Sargento Celso Anselmo Pinheiro, levemente na perna esquerda, 3º Sargento Celso Dantas Netto, que teve seccionada uma parte dos músculos posteriores de perna esquerda, Cabo Severino Mendes, que recebeu ferimento no terço superior do antebraço direito e na região lateral do joelho; Soldado Antonio Josino, atingido na região tibial esquerda; Soldado Joaquim Barboza, atingido na face posterior da região articular humero cubital, havendo lesão de músculos e ossos; Soldado Manoel Inácio da Silva, atingido por estilhaços na vista direita; O Soldado Manoel Soares da Silva, também atingido por estilhaços na vista direita o Soldado Antonio Gervazio de Medeiros, atingido por arma automática que lhe produziram diversos ferimentos. [...] Após a retirada deste Quartel foi atingido e morto por certos tiros do inimigo,

---

<sup>42</sup> A eterna memória ou lembrança, na língua de Vigílio.

<sup>43</sup> MEDEIROS FILHO, João, *Ob. cit.*, p. 21.



o Soldado Luiz Gonzaga, que na metralhadora pesada se salientava como um bravo.<sup>44</sup>

No abecedário da propaganda nazista, a apologética dos seus e a destruição dos outros através da persuasão, mediante a manipulação e a força, se preciso. Os povos precisam de heróis e mitos, desde tribos nômades de clãs totêmicos. E assim os mitos e heróis surgem e exercem a sua relevante função social. A referência a ser admirada e cultuada, na corrente consensual hegemônica da ideologia dominante. Assim se explica a invenção do herói Soldado Luiz Gonzaga, essa falsificação mistificadora e desqualificada dos bufões da corte responsáveis pelo aparelho repressivo no Rio Grande do Norte.

No *Dezoito Brumário* de Luís Bonaparte, Marx emendou Hegel, que esqueceu de acrescentar à repetição da história, *a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa*. Para Marx, os homens fazem a própria história, porém, não a fazem, como bem querem. Eles encontram as circunstâncias históricas estabelecidas, o legado do passado, o peso da tradição. A cantata da *epopeia* da PM não foi original, foi farsa, o mito do Soldado Luiz Gonzaga, está mais para pastelão de quinta categoria do que para comédia da história: o Doidinho transformado em Soldado, nunca foi soldado, e muito menos herói.

Luiz Gonzaga foi oficialmente transformado em soldado e em símbolo da resistência da PM. No mártir e herói do cerco do quartel, em 1935: *lutou sua bravura até o último minuto da sua vida em defesa das instituições e da integridade da Pátria*. No Panteão dos heróis, recebeu homenagens. Patrono da briosa Polícia Militar do Rio Grande do Norte. Promoção *post morte* a cabo e a sargento. Nome de escola pública. Nome de rua. Memorial. Na lavagem cerebral do anticomunismo, sob os ecos da doutrina de Segurança Nacional, os “restos mortais” do Soldado Luiz Gonzaga ganharam Mausoléu, no Cemitério do Alecrim. Nas cerimônias oficiais em homenagem às vítimas do terrorismo comunista, os lacaios do golpe de 1964 repetem a opereta bufa. O Memorial da fraude foi obra do governador Tarcísio Maia, na esteira da ditadura. No epitáfio está escrito: *Para se ser herói, nem sempre é preciso matar, basta que às vezes se saiba morrer.*”<sup>45</sup> Uma fraude inspiradora de outra.

---

<sup>44</sup> Ofício do Major Luiz Júlio, Comandante do Batalhão Policial em 1935 apud MEDEIROS, *ob. cit.* p. 82-83).

<sup>45</sup> A frase do epitáfio é extraída da famosa carta-testamento de Getúlio Vargas.

À conquista do Quartel da PM, os revolucionários contavam com a colaboração da Guarda e com a adesão dos comunistas da corporação. Mas elas não corresponderam e os oficiais da PM controlaram o quartel, em prontidão. Dificultados pela resistência oposta, os rebeldes tiveram que gastar pólvora para tomar o quartel.

Os revolucionários contavam com adesões da polícia e com diligências do tenente Mário Cabral. Contudo, o tenente Cabral estava fora do quartel e as *células* ficaram sem iniciativa, face à prontidão. A oficialidade da força pública manteve totalmente o controle do quartel.

Assim, quando a coluna rebelde marchou do 21º BC para o Quartel da PM, não foi recebida com boas-vindas, mas com balas. Naquelas alturas, o levante do Batalhão e o tiroteio da Rua São Tomé eram do conhecimento da oficialidade da PM. O chefe de polícia avocou para si essa incursão ao quartel da PM, antes de ser preso, no 21º BC.

O quartel da PM ofereceu a resistência possível. Obrigou o comando revolucionário a reforçar as tropas de ataque, a ampliar o cerco. O tenente da PM Mário Cabral atacava o próprio quartel, Maomé que não estava na montanha na hora do sermão, redimia-se tentando conquistá-la.

Nessa fuzilaria de ataque contra defesa, passou-se a agonizante noite do sábado 23. Os sitiados decidiram apertar mais o cerco e o quartel, impossibilitado de reabastecimento, após dezessete horas, rendeu-se. Foi a maior resistência e luta armada dos sucessos revolucionários de 1935, no RN e em todo Brasil.

Tratado dos ferimentos, o Cabo Dias, reuniu os camaradas da parte frontal da entrada, que estavam em “ângulo morto”, e foi para o lado do rio Potengi. Dias e o cabo Valverde reforçaram o cerco da retaguarda do quartel. Sem munição e sem saída, os sitiados se rendem às 14 horas, do domingo, dia 24. Foram dezessete horas de fuzilaria, de fogo cruzado. Há registros de sitiados que tentavam fugir, através do rio Potengi e eram presos, e um caso de exímio nadador que escapou à outra margem.

Na rendição, dos aquartelados, eles saíam com as mãos para cima e eram presos. Eram separados oficiais e soldados. Mas, vários praças da PM fraternizam com os sitiados e aderem à revolução. Os oficiais foram conduzidos ao “cassino” do 21º BC onde estavam os graduados. O Coronel comandante José Otaviano Pinto Soares, tentava fugir, mas foi reconhecido e preso pela patrulha revolucionária do sargento Sizenando Filgueiras, da PM.

Mas o brejeiro diz que *quem conta um conto aumenta o ponto*. Maneira popular de descrever que a cena no palco da história pode ser vista e ampliada em várias perspectivas. O texto polissêmico, a visão policênica. Que o diga Neco Timbu, antigo pescador da praia da Redinha. O tipo gabava-se do tempo de praça da Polícia Militar, de suposta participação, na refrega de 1935. Em depoimento informal ou *conversa do pescador*, Neco Timbu, sitiado no quartel, garante que

[...] os atacantes não tinham a intenção de matar ninguém e vice-versa. Apesar da fuzilaria toda, a coisa toda era para inglês ver. Os sitiados atiravam na fachada do quartel. Os sitiados resistiam somente para não entregar a rapadura de bandeja, mas não atiram com intenção de matar os sitiados.<sup>46</sup>

Neco diz que a munição gasta de lado a lado dava para fazer uma fila de defunto de Natal a Fortaleza. No entanto, não morreu ninguém. Não teria explicação militar razoável, por pior que fosse o treinamento militar do exército e da força pública estadual. Tamanha falta de pontaria, mais de dezessete horas de fogo cruzado com armas pesadas, inclusive, metralhadoras, submetralhadoras, fuzis, revólveres, milhares de cartuchos disparados, ninguém morreu, no Quartel, ou fora dele. Meia dúzia de praças feridos, ocorre até em manobras de treinamento com pólvora seca. Ferimentos leves, em pernas, braços, coisa besta.

Na conversa do pescador, os atiradores apontavam ao alto, sem intento de atingir. Atiravam com intenção de provocar pânico, assustar, a tropa “inimiga”, à espera da rendição. Do lado de fora, contava com muitos amigos das farras no Beco da Quarentena e das pelejas do ABC e América. *É mais fácil acertar um elefante no chão que sabiá no ar*, aduz. A metáfora do Neco Timbu é a propósito da destruição da abóbada central da fachada do Quartel. Do arco da parte superior do prédio, destruído pelos rebeldes. Seguindo a tese, tratava-se o arco superior de alvo mais difícil de acertar, uma sabiá nas alturas. O elefante do portão central do edifício bem mais fácil de acertar. Pois a destruição da abóbada superior tão mais difícil de acertar, não representava ameaça à vida

---

<sup>46</sup> O depoimento do velho pescador, como aliás qualquer depoimento e mormente história contada por pescador, deve ser analisado com reservas, depurado, cotejado com outros elementos e provas. Com o avanço da idade, o Neco Timbu confundia alguns fatos, porém, isso não retira a validade de algumas questões suscitadas, pelo ineditismo do enfoque e dos questionamentos, pelo que o autor decide apresentá-los, observadas as ressalvas.

dos sitiados, ali não havia viva alma. O objetivo dos rebeldes era atingir o moral da tropa, sustenta o pescador.

Seja como for, a fotografia do arco do teto da PM e da fachada crivada de balas ganharia o mundo, a comprovar a grandeza da resistência do quartel. Provar a fúria assassinados comunistas. O Neco Timbu assegura que se os atiradores de morteiros e metralhas pesados do 21º BC quisessem chacinar os aquartelados, chacinavam. E que o rio Potengi ficaria coalhado de defunto boiando, se o tiroteio fosse mesmo a valer. Neco é velho e já dava sinais de senilidade, na longa conversa molhada com aguardente e regada a gíngua com tapioca. Ademais, pescadores, estereotipados, não possuem a melhor reputação, nas histórias contadas. Mas, não se pode desconsiderar a razoabilidade da narrativa do velho. E mesmo que fosse verdade, a quem interessava?

De fato, mesmo, os rebeldes controlaram o Quartel da PM no domingo e lá encontraram trezentos fuzis, quatro metralhadoras e dezenas de revólveres e pistolas. Nada de munição. O armamento encontrado é classificado e incorporado ao exército revolucionário.

Não há registros históricos, até o presente, do cerco da PM ter sido uma luta simulada, um teatro de faz de conta. A fonte Neco Timbu afigura-se duvidosa, memórias de velho pescador, com demência e confusão. Porém, o fato, em si é curioso: dezessete horas de fogo cruzado entre militares treinados pela força pública e praças do exército, num quartel sitiado, disparados milhares de projéteis de arma de fogo, ninguém morrer, no local. Vá lá, Deus é brasileiro.

A única vítima da Troia do Potengi foi o Doidinho, fuzilado no mangue. Depois, apresentado como *o Soldado Luiz Gonzaga*, tombado em luta. Mas a falsificação desse caso é comprovada e não se trata de conversa de pescador ou interpretação da história. Trata-se de fraude comprovada documentalmente. E confessada pelo fraudador, décadas depois. Coube ao desembargador João Maria Furtado o grande mérito de denunciar a *farsa do Soldado Luiz Gonzaga e o simulacro da morte em combate do herói*.<sup>47</sup>

A única vítima fatal do cerco passava ao largo dos combates. Tratava-se de pobre débil que perambulava nas redondezas do quartel, o tipo popular *Doidinho*. Estava no local errado, o manguezal do rio Potengi atrás do quartel, na hora errada, quando foi atingido, mortalmente.

---

<sup>47</sup> FURTADO, João Maria. *Vertentes*. Rio de Janeiro: Olímpica, 1976.

O *Doidinho* foi assassinado pelo sargento Sizenando Filgueira da Silva. Ele mesmo confessa:

Eu matei o falso soldado durante a revolução de 35 [...] Ele não era herói nem militar na época. Ele era apenas um rapaz débil mental, menor de idade, e deram-lhe um fuzil para acompanhar os que fugiam do quartel em busca da base Naval. Depois que fiz a prisão do Major Luiz Júlio (Comandante do Batalhão da PM) e de um coronel do Exército, eu olhava para a direita e vi quando ele estava procurando fazer pontaria para atirar. Antes que ele atirasse, eu atirei, só dei um tiro e ele caiu. Ele estava por trás de uma moita, no mangue [...].

O depoente diz que o responsável pela história do *soldado herói Luiz Gonzaga* foi o Dr. João Medeiros Filho.<sup>48</sup>

Um pobre débil mental, morto a tiros de fuzil, nos mangues do rio. Uma “legítima defesa” da sanidade ou da insanidade? Um chefe de polícia falsário de inquérito policial. Um Major que “alista” um débil mental na força pública e ajuda a montar a farsa do herói. Uma corporação militar que acolhe e conserva essa fraude de herói e patrono. O governador do Estado que construiu o Mausoléu em homenagem à fraude. As romarias anuais aos mortos de 35 da propaganda anticomunista. A insensatez dos revolucionários. O escriba começa a achar que é o maluco da história. Registros da Revolução de 1935 não estão isentos das *tendências ideológicas*. Mas a objetividade fatural, obriga a separar o fato da ficção, o original da farsa, o verdadeiro do falso. Por mais que a história seja sujeita a múltiplas interpretações.

Nossa história pátria tem registros de fraudes memoráveis. Essa farsa do *Soldado Luiz Gonzaga, Patrono da PM/RN*, do *Doidinho* nascido no povoado de Sacramento – Ipanguaçu, no RN – merece lugar nessa galeria. O *Doidinho* nunca foi da PM. Muito menos, herói, enquanto vivo. Mas, depois de morto, foi alistado e sentou praça na Polícia, virou herói. Tem sido lembrado e reverenciado, todos os anos. Foi até defunto promovido a sargento. O *Doidinho*, certamente, ficaria mais agradecido com tanta atenção, em vida. Defunto alistado na PM da mesma concepção que movia e promovia as fraudes eleitorais dos alistamentos e resultados adulterados pelos votos de fantasmas e defuntos, computados.

---

<sup>48</sup> CORTEZ, Luiz Gonzaga. *O comunismo e as lutas políticas no RN na década de 30*. Natal: Sebo Vermelho, 2015. p. 91.

Doidinho morava nas calçadas das ruas próximas ao quartel da PM. Costumava filar a “boia” e as roupas inservíveis dos praças, calças, jaquetas, botinas. O “ardiloso” alistamento *post mortem*, depois da revolução, passou pelas mãos do Major Luiz Júlio, forjando e antedatando o alistamento, e pelo chefe de Polícia João Medeiros Filho, com a inclusão e adulteração do inquérito. O mais ficou pela difusão da fraude, pela construção do mito do Soldado herói Luiz Gonzaga.

De fato, o *Soldado Luiz Gonzaga* não consta no *Relatório original do Delegado de Ordem Social (sobre a insurreição)* do Dr. Enock Garcia, em 1936. Tampouco ele aparece nos depoimentos e artigos do Coronel Otaviano Pinto, Comandante do 21º BC. Inexiste qualquer referência ao “herói”. Nos jornais da cidade de Natal, as extensas matérias da revolução, nos dias seguintes, não dão notícia do soldado morto. Nada constava, de fonte alguma. Nenhuma linha sobre o suposto herói. O delegado responsável pelo inquérito, esqueceu o maior herói, na revolução da relação dos mortos? O maior herói não merecer uma única linha? Os jornalistas daquele tempo registravam detalhes como o charuto do professor Torres e cabeleira assentada na brilhantina, do motorista Epifânio. O bravo que morreu de metralha na mão, tombou em luta, o único, não ser notícia?

A lenda do herói funcionou, eficazmente. Com o propósito ideológico da valorização da vitória da situação e do combate ao comunismo. Décadas e décadas, depois, em plena ditadura do golpe militar de 1964, esse fantasma herói assassinado pelos comunistas, ganharia vida.

João Medeiros Filho, escreveu, décadas depois, em Carta ao Jornal *Poti*, de Natal, confirmava a adulteração dos relatórios, confessando uma *alteração de boa-fé*.

No entanto, esse episódio da fraude do Soldado Luiz Gonzaga está longe da boa-fé. Fraude é fraude. No caso, mais grave pela qualidade e condição funcional do defraudador. Ademais, essa fraude foi dolosa e articulada, planejada. Integrou e serviu o plano de poder, pesado e medido. Utilizou dos preceitos básicos dos métodos nazistas lecionados pela Gestapo à Polícia Política de Getúlio Vargas, so Sr. Filinto Müller *et caterva*. Com o mesmo *modus operandi*, técnica e métodos. Os propósitos da falsificação de documento, da satanização do *comunismo*, da cortina de fumaça para ocultar políticas autoritárias e abrir caminhos ao “consenso sem oposição” do poder absoluto e ditatorial. Do Grande ditador, Vargas, no plano nacional, dos pequenos ditadores estaduais, os interventores – Rafael Fernandes entre eles. No fim dessa cadeia alimentar da política do

vale tudo, o serviço sujo das polícias, defraudar, torturar, prender, assassinar, em nome da defesa da “ordem pública”.

Getúlio Vargas usou a transmissão radiofônica alarmando o Brasil com o falso *Plano Cohen*. Assim, criou o clima de medo e interrompeu a campanha presidencial. Decretou o *Estado de Guerra*. Suspendeu liberdades. Finalmente, o golpe do Estado Novo. Sem oposição ele reinou absoluto, mais oito anos, com poderes ditatoriais. O caudilho dos pampas das armas em 30 esticava para quinze anos, o reinado absoluto.<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> O Plano Cohen foi escrito pelo General integralista Olympio Mourão Filho e divulgado como se fosse documento oficial, apreendido dos comunistas, que tramavam uma revolução com sequestros e assassinatos das autoridades. Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra e o próprio Getúlio Vargas falam à Nação, na radiofonia da Voz do Brasil, sobre o plano diabólico “dos comunistas”. O plano foi pretexto para aprovação do Estado de Guerra e depois à interrupção das eleições e, por fim, do Golpe do Estado Novo 1937-1945. Somente em 1945, com a queda de Vargas, o General Góes Monteiro revela à nação que o Plano Cohen foi falsificação, para Vargas permanecer no poder, reprimir opositores, principalmente, comunistas. A fraude cai no domínio público, mas, o estrago estava feito.

## 9 Guerrilha do Vale do Açu

Nos anos trinta, parte da imprensa brasileira confundia comunistas e cangaceiros. Assim, a guerrilha do sertão potiguar, no Vale do Açu, foi tratada como cangaço. Nos diversos embates, da Polícia Militar com a guerrilha, apesar de constatada a presença de operários, salineiros e ferroviários, de Macau e Mossoró, o conceito não mudava. O comunista Manoel Torquato, foi o líder e organizador da guerrilha rural do Vale. Homem de leituras e convicções políticas, mas, sobretudo, homem de ação. Já participava do PCB quando escapou de ser assassinado em ciladas e tocaias, de fazendeiros e policiais, no Vale do Rio Açu. Quando preso, encontrava uma maneira de fugir, fato que ocorreu duas ou três vezes. Começa a guerrilha e promove confrontos impondo derrotas à polícia. As notícias desses confrontos ecoavam nos jornais de Natal e da Capital Federal. O Ministro da Justiça, requisitou das autoridades potiguares relatório detalhado do *banditismo sertanejo*, do qual tanto se falava.

Manoel Torquato foi da Igreja dos protestantes, porém trocou a exegese do Testamento pelo Manifesto Comunista. Jovem voluntarioso, não quis esperar pela salvação da alma e decidiu lutar contra os ricos no Vale do Rio Açu<sup>50</sup>. Desenvolvia intensa atividade de prosélitos *subversivos* nos povoados e fazendas. Por essa agitação, foi delato e levado à prisão, em Mossoró. Manoel Torquato escapou da prisão em Mossoró, retomou as atividades do proselitismo, mas com a luta armada em andamento. Conhecia aquela região como na palma da mão, nascido e criado nos vales. Na cabeça, o mapa, com cada braço de rio, vereda, os possíveis esconderijos e rotas de fuga. Usou técnicas guerrilheiras dos ataques surpresas típico dos cangaceiros. Com movimentos e deslocamentos rápidos, nada do confronto direto e esperado, da guerra convencional. Nessa pisada, a guerrilha sustentou, por mais de ano, os combates no Sertão. Nos ataques fazia o proselitismo conclamando os camponeses à luta contra a exploração e o monopólio da terra. À guerrilha ele e o PCB arregimentam mais de cem homens. Tantos que foram divididos em pequenos grupos. Sem favor, pode-se afirmar que a revolução camponesa no Brasil do Vale do Açu foi *avant ensaio geral senão avant premier* da Revolução Nacional Libertadora de 1935. O Partido Comunista Brasileiro, em Mossoró, apoiava, como podia, a guerrilha, seguindo a orientação da direção nacional. O PCB procurava

---

<sup>50</sup> COSTA, Homero de Oliveira. *Ob. cit.* p. 67-79.



desenvolver o trabalho de organização de células camponesas, tarefa das mais difíceis. No Nordeste, passou a buscar aproximação com os cangaceiros dos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. A estratégia aproximativa resultou em retumbante fracasso. Erro crasso de avaliação dos comunistas brasileiros endossados pela Internacional. Os bando cangaceiros lutava por si. Na estratégia de sobrevivência, do saquear e tomar, matar e espalhar o terror. Bandidos entrelaçados com o coronelismo, místicos, seguidores e adoradores de beatos e padrinhos. Ao lado dos jagunços, mantidos pelos coronéis, os cangaceiros *terceirizados*, do serviço sujo. O último elo da corrente política de *compromisso*, coronéis chefes locais e políticos regionais. Em parte alguma do país a estapafúrdia aliança comunista e cangaceiro foi possível. A imprensa, propositadamente, confundia. Desqualificava muito mais tratá-los de cangaceiros, bandidos comuns. Jamais a imprensa oligárquica diria que homens armados estavam em guerra aberta contra o latifúndio. Contudo, foi exatamente o que fizeram Manoel Torquato, no Vale do Açu, Rio Grande do Norte, e Manoel Alves de Campos Góis, no Sertão de Pernambuco. Os dois são comunistas, orientados e organizados no PCB, que lutam com armas na mão nos campos nordestinos, com as técnicas guerrilheiras dos cangaceiros. Os bandos dos cangaceiros assaltavam, roubavam, pilhavam, queimavam, destruíam, torturavam, impunham terror, por onde passavam. Os comunistas buscavam adesão à revolução agrária, queriam acabar com o maior dos roubos: a propriedade privada da terra, o monopólio latifundiário.

Os responsáveis pela segurança do governo de Rafael Fernandes procuravam, a todo custo, criminalizar a ação da oposição, fosse qual fosse. Acusações genéricas, desprovidas de provas, bastavam para indiciar, processar e prender. Mario Câmara, um interventor de Getúlio, foi acusado de orar pelo *credo vermelho*. De beneplácito com a subversão da Aliança Nacional Libertadora. Deixar correr frouxo os *meetings e disseminar boletins subversivos por todos os quadrantes do Estado*.<sup>51</sup> A Carta de 34 deprevia a livre organização, direito de reunião, informação e partidária. A polícia potiguar operacionalizada, por João Medeiros e Enoch Garcia, considerava isso omissão criminosa. O interventor devia proibir os *meetings*, empastelar jornais e queimar os boletins da Aliança. Devia entender a vassalagem e servir ordem *legal* partidária. Enfim, seguir a política de que aos amigos se deve tudo e aos inimigos deve-se perseguição aos costumes da lei. Havia a aberta intenção dos partidários do Partido Popular Fernandes

---

<sup>51</sup> Relatório do Delegado de Ordem Social, Natal, 18.04.1936.

retirar de cena os indesejáveis opositores, partidários de Café Filho e Mário Câmara. Com esse escopo foram colocados no mesmo saco a serem *confundidos* com os comunistas. Opositores quais forem, são gente da mesma laia, comunista.

A guerrilha organizada por Manoel Torquato diferia do cangaço como a água do vinho. Na composição social. Nos objetivos. No procedimento com populares, nas vilas e povoados atacados. Diferenciada em forma e conteúdo. Bandidos e bandoleiros, do mundo rural, surgem em todas as latitudes, no mundo atrasado, feudal e do capitalismo tardio. Nas regiões mais distantes das conquistas da civilização, da presença do Estado. Um banditismo com feição social, sem, todavia, conotação política ou ideologia. Esses bandoleiros não lutam contra o governo, contra regimes, para mudar os sistemas de propriedade, muito menos. Lutam para sobreviver, tomar pelas armas, o que podem e como podem, nas condições estabelecidas.

A guerrilha do Vale do Açu foi protagonizada pelos comunistas, camponeses e operários, salineiros, ferroviários, recrutados na luta, com ligação orgânica partidária do PCB em Mossoró. Daí parte a decisão da deflagração da guerrilha, para dar o primeiro passo da marcha revolucionária, por que a revolução *Nacional Libertadora* estava a caminho.

Manoel Torquato contou com a ajuda teórica do rábula Miguel Moreira, para escrever boletins e comunicados. Nas invasões dos povoados e fazendas, eram distribuídos durante ou após os rápidos discursos. Os guerrilheiros solicitavam e recolhiam donativos. Requisitavam as armas e munições e sumiam com a mesma rapidez com que chegavam. Por vezes, passavam semanas, meses, sem aparição ou comunicação com o Partido.

O PCB estava sedimentado em Mossoró, operários das salinas e da ferrovia e das pequenas fábricas. A segunda maior cidade do Estado, em população, distando da Capital. Quase trezentos quilômetros separam os dois maiores centros urbanos potiguares. O levante em Natal, decidido na tarde do dia 23, não foi comunicado ao partido em Mossoró. Sem preparação, a notícia do levante do 21º BC pega o partido de surpresa. Os comunistas daquela região sabiam da revolução juntamente com a repressão policial, desabada com mão de ferro sobre eles. A brutal repressão, da força pública, que chegava cuspidando fogo *para cortar o mal pela raiz*. Com a proverbial *violência pedagógica* da briosa Polícia Militar. A PM, auxiliada pelos jagunços dos *coronéis*, cai em campo para acabar a *canalha extremista*. A luta na Várzea do Açu prosseguia, contudo, nos centros urbanos,

em cidades como Mossoró e Macau, o Partido seria destruído, com prisões e debandadas, dos comunistas.

Apesar do cerco policial, a luta camponesa do Açu resistia, no aguardo do desenvolvimento da revolução Nacional Libertadora. Mas a tal revolução geral não acontecia e os guerrilheiros de Torquato passavam da inquietação ao desespero. A notícia da derrota da revolução nacional, foi a pá de cal. Os guerrilheiros do Açu estavam isolados, a guerrilha sem possibilidade de permanecer na luta.

Em janeiro de 1936, a guerrilha agonizava, travava os últimos combates. Na fazenda *Canto Comprido*, a morte do *coronel* mexeu com os brios da oligarquia governante. Matar jagunços, pobres miseráveis, isso era uma coisa, outra bem diferente era matar fazendeiro. Portanto, o crime cruel e abominável não podia ficar impune. Inadmissível! As folhas da capital e do estado carregavam nas tintas da insegurança do Rio Grande, da população refém de assassinos. O sensacionalismo ecoava na Assembleia legislativa estadual. Deputados revezavam, na tribuna, exaltados. Manoel Torquato ungido a inimigo público número um. Um prêmio pela sua cabeça, uma *grossa recompensa* oferecida pelas autoridades públicas. Mais verbas e reforços à segurança, deslocamento de tropas para a região do Açu. Aperta-se, ainda mais, o cerco à guerrilha do Vale.

Quem pagou o pato foi o Tião Torquato, pai do Manoel Torquato. O velho foi torturado pela briosa força pública militar para informar o que não sabia, onde se escondia o filho. Morreu esfarrapado, não se diz o que não se sabe, *não se retira leite de pedra*. Nesse diapasão de repressão, sem limites, a banda da polícia toca, na região, em Mossoró e Macau, adjacências.

Sem apoio das cidades, os guerrilheiros decidem pelo fim da guerrilha. Na dissolução, os destacamentos armados desfazem-se, paulatinamente. Deviam abandonar aos poucos, em pequenos grupos, a não dar na vista. Deviam sair em duplas, no máximo, em grupos de três. Manoel Torquato faria dupla com Feliciano Pereira de Souza, um sujeito ladino que estava no seu grupo. A aventura guerrilheira do Vale do Açu teve epílogo dos mais dramáticos e melancólicos. Depois de mais de ano de lutas e confrontos, dissolvia-se, em completo isolamento, desolação. O seu líder Manoel Torquato foi assassinado pelas costas, morte em dupla traição. Sem chance para se defender, e traído pelo *companheiro*. O ladino Feliciano Pereira matou covardemente Manoel Torquato para receber a “grossa recompensa” prometida pelo Governo. Final com marcas da traição

e da covardia. O assassino jurou lealdade ao líder e à revolução. Não viu futuro, mudou de opinião. O Barão de Itararé, em síntese satírica, desse tipo de deslealdade dos homens, diz: “Os homens são sempre sinceros. O que acontece, porém, é que às vezes trocam de sinceridade”.<sup>52</sup>

---

<sup>52</sup>Apparício Torelly avocou para si o título de Barão de Itararé, segundo ele nos passos do duques, condes e barões brasileiros nobilitados nos campos de batalha, lutando ou não. Sarcasticamente, Torelly aduz à Batalha de *Itararé*, a *guerra que não houve*, da Revolução de 1930. Vargas passou tranquilamente, pela estação de Itararé, contrariando a expectativa de banho de sangue entre as forças rebeldes que marchavam do Sul e a força pública de São Paulo. Os sulinos amarram os cavalos no obelisco da capital, Washington Luís é deposto, a Revolução Liberal de 30 conquista a vitória. Em Itararé, não se dispara um tiro.

## 10 A “Batalha” da Serra do Doutor

Espelhando-se no Barão de Itararé, e aproveitando a temporada de pantomimas, reivindica o autor deste opúsculo o título nobiliárquico de *Grão-Duque da Serra do Doutor*. Pois, se nunca houve batalha em Itararé, tampouco houve a propalada epopeia da Serra do Doutor. Trata-se de mais uma farsa forjada na bigorna do bloco hegemônico do poder, no Rio Grande do Norte.

O Governo Popular Revolucionário despachou três colunas para o avançar pelo interior do Estado: Norte, Sul e Oeste. Sobre as façanhas das colunas, há mais fábulas e aumentos nas redes das histórias de pescadores.

O episódio *Batalha da Serra do Doutor* abrilhanta os anais da História norte-riograndense. O célebre confronto da *reação sertaneja* atribuída ao seridoense Dinarte de Medeiros Mariz. Feito difundido, nos jornais do país com destaque para o heroísmo do paladino da legalidade: o comerciante de algodão, do Seridó Mariz. O ato de bravura valeu-lhe o epíteto e a patente de *General da Serra*, pela mobilização dos homens e das armas, por barrar o avanço dos comunistas e dar início à derrocada da revolução.

A lenda da batalha da Serra do Doutor é pintada com o sangue sobre as rochas calcárias, o sacrifício de brasileiros na guerra insana. Caim e Abel eternizaram a luta do bem e do mal, os mártires da liberdade representam o bem contra os malignos comunistas. As cruzes da cristandade demarcam esse território santificado pelo triunfo do comandante Dinarte Mariz na liderança da resistência dos sertanejos. Lá, o bravo bateu em armas, as hordas vermelhas, na voluntariosa reação sertaneja que obstruiu o caminho do comboio de caminhões que seguiam para Currais Novos e Caicó.

Esse combate sanguinolento, da Serra do Doutor, tem registros memoráveis de epopeia, de bravura. Dinarte maior que o Sol, e só não o encobria para evitar trevas no Rio Grande. Houvesse escultor à altura do Apeles, na Serra do Doutor, erguer-se-ia estátua equestre do bravo sertanejo Dinarte de Medeiros Mariz! Louvado seja!

A coluna patriótica sertaneja do Dinarte avançou e libertou a Capital, conquista mais jubilosa que a entrada de Júlio César, na Roma Imperial da campanha gálica. O chefe de polícia descreve assim a epopeia do *Cesar* do Seridó:

Dinarte Mariz, líder revolucionário de 1930 e 1932, ex-prefeito de Caicó e Chefe da Campanha popular de 1934, possuía nessa época, sob sua guarda, 150 fuzis e mais de 20.000 cartuchos de munição,

armamento esse remanescente da Revolução de 1930. [...] O chefe de Polícia justificou arsenal privado do coronel Dinarte, que recebeu as primeiras informações da rebelião, através de telefonema do Enoch Garcia, Ciente que ele seria o “único” capaz de organizar a resistência. Dinarte diligencia junto ao Governador da Paraíba Argemiro de Figueiredo, armou e assumiu o comando de homens na companhia de Enoch Garcia, Humberto Gama, José Epaminondas, Raimundo Duarte, Derossi Mariz, José Ermírio de Medeiros, Capitão Severino Elias, Tenente Antonio de Castro, uma espécie de seu Estado Maior, partiram para a luta e numa ação rápida, já pelas 18:00 horas, em Serra Caiada, depois de caminharem 200 quilômetros em estrada de barro, cerca de 60 quilômetros da Capital, tiveram o primeiro choque com as forças comunistas, sob o comando do Sargento Wanderley. Derrotados, os comunistas recuaram sofrendo baixas e deixando algum material bélico. No dia seguinte 25, continuou o avanço sobre o terreno inimigo e pelas 10 horas da manhã ocuparam o povoado de Panelas, prendendo o Sargento Wanderley comandante da coluna comunista, obrigando-os a um novo recuo. Depois de receberem reforço de Natal voltaram os comunistas e atacaram Panelas onde já sem munição os legalistas recuaram até a Serra do Doutor, encontrando ali emissários que tinham sido enviados à Paraíba a procura de munição, permitindo armar nova resistência. No dia 26 os comunistas voltaram a atacar os sertanejos que numa ação fulminante rechaçaram o inimigo, abrindo caminho para Natal, onde chegaram no dia 27, já encontrando a cidade ocupada pelas forças da Polícia paraibana [...] Dinarte viajou a Campina Grande e João Pessoa, regressando com o material bélico oferecido por Argemiro de Figueiredo, a tempo de, na SERRA DO DOUTOR, na entrada entre Santa Cruz e Currais Novos, tomar parte na peleja de que resultaram dezenas de mortos e a debandada dos insurretos.<sup>53</sup>

A saga da Serra do Doutor da versão policial foi determinante para a derrota da subversão. História repetida à exaustão, pelos jornais que se tornou verdadeira e aceita no *imaginário social*. A Serra do Doutor foi emblemática da bravura sertaneja, do mitificado General da Serra, que colheu os bons frutos da bazófia até o fim dos seus dias.

Dinarte Mariz, até então, não passava de *coronel*, prefeito, político regional com influência restrita ao Seridó, Caicó e adjacências. Na engenharia da *política de compromissos*, da política *dos governadores* hegemônica na República Velha que sobreviveu na nova república, o coronel servia de arruela de ligação dos terminais de poder. Não tinha a mesma importância das porcas e parafusos, mas serviam à engrenagem. No aperto dos parafusos, as arruelas ajustam os votos dos “currais eleitorais”, elegem o governador estadual. As porcas ajustadas recebem favores do parafuso federal que aperta e alivia a pressão. Nos grotões, esses mandarins de chiqueiros agiam com carta branca e poder absoluto. Nos respectivos domínios, parafuso, porcas e

---

<sup>53</sup> MEDEIROS FILHO, João. *82 horas de subversão*. Natal: Gráfica Senado, 1980. p. 21-25.

arruelas, governavam, como queriam, no dizer do brejeiro, *manda quem pode, obedece quem tem juízo*.

A fama do Dinarte Mariz foi unvida às alturas, pelos feitos memoráveis na Serra do Doutor. Arruela não chegou a parafuso, mas foi das porcas sextavadas. Liderou como poderes de faraó durante décadas, a fração oligárquica hegemônica do Estado. Na antessala do Estado Novo, o episódio da Serra semeava o terreno fértil das fraudes, estelionatos e vigarices oficiais. O líder seridoense fazia o comércio do algodão e na política o seu califado era Caicó. Ampliava os domínios dos califado do Seridó para o estado, e alguma projeção nacional, no senado republicano. Bendita Batalha da Serra do Doutor. Jamais tão poucos, ganharam tanto, à custa de tanta mentira.

Quarenta e dois anos de uso e fruição de glórias da Serra do Doutor depois, em sessão do Congresso Nacional, o senador Dinarte Mariz ainda destilava o anticomunismo que tanto o promovia: *não sou anticomunista de gabinete; sou anticomunista de fuzil na mão*. Na tribuna, ele diz que comandou a reação sertaneja, que juntou cento e oitenta homens, armou e combateu. E que a Polícia Militar comandada pelo Coronel Júlio e o Governador Argemiro de Figueiredo, da Paraíba, o ajudaram. Eles reprimiram os comunistas:

Quando empunhei armas contra os comunistas e pude telegrafar, dando notícias ao Presidente da República, não era eu um correligionário de Sua Excelência, não estava ali por dever político, estava ali, sim, por dever cívico. [...] quando tive a oportunidade de me encontrar com aquele eminente Estadista, o saudoso Presidente Getúlio Vargas, ele me disse: “O Sr. já me prestou um grande serviço (pausa) Não a mim, mas ao País”.<sup>54</sup>

O Presidente Getúlio Vargas confundia a sua pessoa e seus próprios interesses com o país. Caçava comunistas, inimigos da *família, da propriedade e da Pátria*. O Brasil podia contar com os seus paladinos e guardiões Getúlio Vargas, Rafael Fernandes, Filinto Müller, Góis Monteiro, Mourão Filho, João Medeiros *et caterva*.

A decantada Batalha da Serra do Doutor não passou de rápida troca de tiros, uma escaramuça. Sem vítimas. E o “general” Dinarte Mariz distava léguas do local nesse momento. O breve tiroteio não merece nome de batalha. Muito menos, ser comparada à epopeia. Prejuízo material de um caminhão abandonado na estada, e explodido, com

---

<sup>54</sup> Diário Congresso Nacional, nº 157, de 05.12.1977, p. 7681-84 apud CORTEZ, *ob. cit.*, p. 133-134.

dinamite. Explosão, aliás, perdulária, depois da escaramuça, da rápida troca de tiros. Combatentes de lado a lado debandam, cada qual que superestima a força do adversário.

Há certa nebulosidade sobre as mortes do breve tiroteio da Serra. Há quem assegure que não morreu ninguém no local. Também há quem afirme um caso de morte de soldado, lá enterrado. Outros aumentam a conta, às dezenas.

Todavia, não há nebulosidade alguma, não restam dúvidas que Dinarte estava longe do tiroteio, da escaramuça. Lá ele só chegou várias horas depois, quando o barulho que se ouvia era dos grilos. Porém, a polícia potiguar e os áulicos do califa criaram e sustentaram a tese do *Grande General*. Com o passar do tempo, o General passou a acreditar na própria mentira.

Relatos há, à esquerda e à direita, que desmentem a versão da Batalha da Serra do Doutor. Na banda esquerda, tem-se o relato do sargento Santos, comandante da Coluna:

O pessoal recua para Caicó, com certeza para refazer as forças, certamente imaginando que tivéssemos um grande contingente. O pessoal nosso também exagerou a força do lado de lá, quer dizer, foi uma batalha que não houve, como a batalha de Itararé.<sup>55</sup>

Mas, o governo do PP, aliado de Mariz, com a polícia partidária, aumenta a façanha do califa para fortalecê-lo. Mariz agiu no sentido de solicitar auxílio ao governador da Paraíba. E na mobilização dos jagunços, dele e de outros fazendeiros. Porém, foi transformado no Júlio César seridoense, no General da Serra do Doutor pela estratégia propagandística. Pela sintonia do parafuso federal com a porca estadual, ajustada e apertada à direita, com auxílio da arruela. A *mão* de Vargas apertava a chave de fenda, criando para si e para seus aliados, uma aura de combatentes do comunismo e de heróis da Pátria. Com amplificação de feitos, manipulação, falsificações, e outros meios, todos justificáveis, no combate ao comunismo. O inimigo eletivo e preferencial, *agentes de Moscou*.

Se sobre a Batalha da Serra do Doutor discrepam as versões e há desencontros em relação ao número de feridos e de mortos. Fora das falsificações históricas, o Dinarte Mariz não soltou sequer um traque de massa. A propalada epopeia digna do *Júlio César do Seridó* é tão fantasiosa quanto o título de *Grão-Duque da Serrado Doutor* deste escriba.

---

<sup>55</sup> DIAS, Giocondo, Entrevista ao autor, em 08.08.1980.



Nas palavras do delegado Enoch Garcia

Todo mundo queria que Dinarte tivesse tomado parte na Serra do Doutor. Ele não tomou parte na Serra do Doutor, como eu não tomei, como Humberto Gama não tomou. Lá tomaram parte Pedro Graciliano, José Epaminondas, Genésio Cabral Antonio de Castro. Tampouco Dinarte passou telegrama aos prefeitos do Seridó, solicitando homens para combater os comunistas.<sup>56</sup>

Ele acompanha Dinarte à Serra do Doutor e *“lá não tinha mais ninguém. Descemos a ladeira e viemos para Natal”*.

Dinarte Mariz nem passou telegrama nem combateu, mas tais bazófias, deturpações históricas, ganharam vulto. Paulo Moreira Brandão, que trabalhava nos Correios de Currais Novos à época, desmente: “Essa história de ‘General da Serra do Doutor’ nunca existiu, pois Dinarte nunca esteve lá”. Ele correu para a Paraíba, como muitas pessoas, e somente apareceu dois dias depois. “Sobre o tiroteio, posso dizer que apareceu muita gente corajosa, braba e disposta a tudo, mas na hora H, correu para todo lado”. Paulo Brandão afirma que esteve no local e trouxe os cadáveres de três revoltosos, mortos na Serra, todos enterrados no Cemitério de Currais Novos. “Agora herói não houve nenhum, pois correu todo mundo logo que começou o tiroteio. Acho que ainda tem gente correndo. No dia seguinte ao tiroteio, apareceram algumas pessoas dizendo que tinham matado muita gente. Tudo mentira [...]”<sup>57</sup>.

Certo Monsenhor Walfredo Gurgel, integralista, esqueceu a batina e trocou o missal por um revólver, a combater na Serra do Doutor. O padre santíssimo assumia o risco de matar comunistas? Felizmente, para ele padre, e para os comunistas, Walfredo Gurgel voltou sem disparar a arma. Quem laborou a valer, em Currais Novos, foi o médico Mariano Coelho e o boticário Tristão de Barros. A dupla se esfalfou para cuidar da repentina epidemia gástrica, a diarreia que assolou a cidade. O medo acabou o estoque dos medicamentos da urbe. A água da cidade permanecia a mesma, potável, própria para o consumo. Os doutos concluíram diarreia emocional, eufemismo dado para... nas calças.

Dos efetivos a tirotear na Serra do Doutor destacaram-se os camisas-verdes que fizeram tocaias e trincheiras nas pedras da Serra, quando a coluna comunista aproximou-se, em três caminhões, mandaram bala. Tão logo os caminhões adentram no alcance da

---

<sup>56</sup> Cf. CORTEZ, L. Gonzaga. *Ob. cit.* p. 128, 138.

<sup>57</sup> *Ob. cit.* p. 127-128.

linha dos tiros. Dos veículos militares, os soldados bem treinados saltaram, rapidamente, responderam ao fogo. Colocam uma metralhadora ponto cinquenta para funcionar e bastou o barulho e pedaços de rochas despencarem, para a valentia acabar. Foi camisa-verde para todo lado. Cada lado tratou de recuar, debandado. Nessa debandada, os rebeldes abandonam um dos caminhões. Não houve baixas, mortos nem feridos. Houve muita correria, e nenhum general para receber os louros da vitória.

O *bravo General Sertanejo* Dinarte Mariz chegou à Serra pela madrugada, do dia 26, nada restava da escaramuça, senão trincheiras destroçadas e a carcaça do caminhão queimado. O jornalista Luiz Cortez entrevistou partícipes e coletou depoimentos, juntou documentos e desmascarou a farsa do *General* Dinarte Mariz.

As deturpações, contudo, representam o registro da historiografia dominante. Versões infundadas, adulteradas, mas, oficializadas e reproduzidas em livros e jornais. Registro fabricado pelas autoridades governistas, pelo consórcio de políticos e policiais da mesma facção.

Segundo Cortez, o integralista Manoel Lúcio de Melo Filho afirma:

A batalha da Serra do Doutor foi travada entre comunistas que viajavam em dois caminhões e os integralistas aliciados pelo padre integralista vigário de Acari Walfredo Gurgel [...] com medo, não foi à Serra, viajando para Santa Luíza, no vizinho Estado da Paraíba. Quanto a Dinarte Mariz, não participou de qualquer combate, só aparecendo na serra por volta das 19h00, quando tudo havia acabado.

Luiz Cortez também descreve a fala de dona Otávia Bezerra Dantas:

Depois da debandada geral, sem nenhum integralista ferido, Dinarte apareceu. Padre Walfredo e o seu motorista José Francisco Lúcio, apareceram no outro dia, de manhã, num chevrolet. Dias depois, andaram dizendo que Dinarte foi o “general” da Serra do Doutor. Eu respondia na hora: “É mentira. Foram os doze “bobos” de Carnaúba que fizeram as bombas e estragou a fuga dos comunistas”.

No mesmo sentido é o depoimento de José Paulino de Sousa, coronel da PM. Ele nega que Dinarte foi o General da Serra do Doutor: “Dinarte foi para Santa Luzia, na Paraíba, a procura de meios de defesa. Depois que tudo terminou, Dinarte voltou com uma tropa da Paraíba”.<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup> *Ob. cit.* p. 125.

O autoproclamado *Grão Duque da Serra do Doutor*, no uso das suas atribuições nobiliárquicas, decerta o seguinte: Decreto nº 0001/2016. Considerando, os sucessos da Serra do Doutor, domínios territoriais do Ducado; Considerando, a Autoridade Suprema no aludido território; E tendo em vista que o comerciante e político Dinarte de Medeiros Mariz não disparou um traque de massas nos tiroteios da Serra do Doutor, tampouco o fazendo, nas adjacentes Serra Caiada, Pannels ou qualquer outro rincão, localidade, ou grotta, na revolução; Considerando a patente do Generalato ser a mais elevada do Exército do Grão-Ducado; Determina, a imediata degradação da patente de *General da Serra* usurpada pelo impostor. Considerando, todavia, que o cujo prestou serviços ao ducado, concede ao indigitado a patente de Capitão. Assim, Dinarte não é General, mas Capitão *do pé de Serra*.

Atentai à fidalguia do *Grão Duque da Serra do Doutor*. Não foi impiedoso para degradar o General Napoleão de trapaças a *Capitão de pé de cama*, uma expressão vulgar ao nobre recipiente arredondado, em ágata ou louça, usado como vaso sanitário, sob as camas, o popular penico.

## 11 As Colunas, andanças e embuanças

Há muita parolagem sobre as andanças das Colunas rebeldes partidas de Natal para o interior do Estado, em 1935. Gabolices e bazófias para todos os gostos e gêneros. Nem tudo está perdido, e também existem trabalhos consistentes. Bastante consistente a pesquisa sobre de Kleber Oliveira dos Santos as colunas.<sup>59</sup>

Quase metade das cidades do interior potiguar envolveu-se nos sucessos de 1935. Cidades foram ocupadas, prefeituras invadidas, cadeias abertas, bancos arrombados. A banda comunista tocou a marcha da revolução em diversos coretos interioranos: Macaíba, Pedro Velho, Baixa Verde, Santo Antônio do Salto da Onça. Mas, em Mossoró e Açu, cidades importantes com o PCB organizado, a banda rebelde não tocou no coreto. Por lá os comunistas estavam encurralados, sob forte repressão. Embaraçados na guerrilha do Vale do Rio Açu. Contudo, a banda vermelha agitou Santa Cruz, Nova Cruz, Currais Novos, Acari, Ceará-Mirim, São Gonçalo, Taipu, Baixa Verde e Macau, São Miguel, São José, Arês, Canguaretama, Goianinha, Lages e Angicos.

Começemos pela Coluna do *Exército Popular* comandada pelo estudante e poeta Benilde Dantas, que marchou em direção ao Norte do Estado. Com objetivo prioritário de atacar e tomar o município do Ceará-Mirim. Participam dessa Coluna os Sargentos do 21º BC Pedro Maurício, Eliezer Diniz, João Rosendo e o Cabo Antenor Cardoso, além do Guarda Civil Sizenando Filgueira e outros. Benilde, o “Rouxinol”, era de família tradicional do Ceará-Mirim. Comunista. Ele e o Guarda Civil Sinzenando. Na denúncia Sizenando aparece como *audacioso chefe da intentona*.<sup>60</sup> A periculosidade referida na peça de denúncia foi presumida pelo registro de confusão armada em briga de cabaré.

A Coluna ocupou Ceará-Mirim, não enfrentou resistência. Com o controle da cidade, adotou medidas que se tornaram o padrão procedimental das ocupações, nas outras cidades: prisões de prefeito, delegado, vereadores, secretários; requisição de dinheiro, armas e veículos. Nos processos criminais do Ceará-Mirim, registram-se saques das lojas Paulista, F. Correia, João Câmara e Irmãos, Pedro Gomes Baião, bares e sapatarias. Uma grande diversidade de produtos saqueados, sabão, cimento, cigarro, etc. Parte do material saqueado foi distribuído com a população pobre local. Outra parte

---

<sup>59</sup> SANTOS, Kleber Oliveira dos. *A revolta comunista de 1935: um olhar sobre a atuação no interior do RN*. Dissertação (Mestrado História) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

<sup>60</sup> BRASIL. TSN. Processo nº 4. Apelação 1083. In: Arquivo Nacional.

desviada e entocada. *Pescadores de águas turvas* aproveitam-se da situação, e levam vantagem. Comerciantes armazenam produtos da concorrência, adquiridos a preço vil. No Ceará-Mirim, um episódio pitoresco envolveu o Tabelião de Ofício de Notas, Sebastião Félix de Araújo. Na casa do Sebastião foram enterradas grandes quantidades de tecidos, combustíveis, bebidas e outros produtos, originários dos saques. O respeitável registrador avocou a fé pública para escusar-se de qualquer responsabilidade. Declarou e deu fé ter encontrado aquele material na própria casa, à sua revelia. Ter ordenado ao casal de empregados a retirar o material. Quanto a “produtos” encontrados em buracos, declarou *não lembrar ter mandado os dois enterrarem as mercadorias*. A corrente arrebentava, como sempre, no elo mais fraco.

Com o governo popular apossado em Ceará-Mirim, a Coluna dividiu-se para dar prosseguimento às conquistas. Começar o avanço pelos municípios mais próximos da capital. A liderança da nova coluna coube ao Soldado do 21º BC Manoel Alberto da Silva Filho. A tarefa era conquistar Baixa Verde. A patente de Soldado era por demais rasa. O soldado foi promovido a Tenente do Exército Popular. Sem carecer estágio de sargento. Revoluções servem para mudar costumes. Mudou a patente e o nome. O Soldado Manoel Alberto existia na tropa reacionária, no Exército Popular existe o Tenente Lins. Uma das transformações mais radicais, constadas, na breve revolução, a do soldado promovido a tenente e que mudou de nome.

O delegado de polícia Baixa Verde, certo Francisco Germano Filho, juntou armas e aliciou voluntários, com escopo de organizar uma resistência. Montou trincheiras, na entrada da cidade. Os rebeldes iriam aprender *com quantos paus se fazia uma jangada*. Contudo, a Coluna liderada pelo Tenente Lins não teve trabalho algum. Uns “defensores” dispararam, outros, se renderam, bastando ver a superioridade, da Coluna rebelde. Também acolá não foi caso de mortos e feridos. Baixa Verde foi ocupada, militarmente, o prefeito deposto, os presos foram liberados, o delegado trancafiado. A tropa da segurança pública e os voluntários da “defesa” rendidos. A cadeia pública nunca foi tão utilizada.

Baixa Verde sob governo popular foi presidida pelo Soldado Manoel Alberto, alto lá, pelo Tenente Lins! Auxiliado por Genésio Moreira, Pedro Paulo e Raimundo Antunes. Eles formam a junta governativa. Tentaram, em vão, trazer o Dr. Juiz, certo João Maria Furtado. Um magistrado prestigiado na comarca e adjacências. Porém, o meritíssimo esnobou do convite. Mas o Furtado nutria simpatias políticas pela oposição. E comeu o

pão que o diabo amassou. Tinha estrada para saber que ficar no muro dava prestígio à Diana do pastoril, mas era péssimo negócio em tempo de guerra, de revolução.<sup>61</sup>

No cofre da Prefeitura de Baixa Verde, retiram quase cinco mil contos de réis, confiscados e enviados à Junta Governativa, em Natal. Medida administrativa relevante da Junta popular baixa-verdense sob a governança do Tenente Lins, foi a expropriação de oito sacos de açúcar. Açúcar confiscado pela revolução, para adoçar a amarga vida de camponeses pobres. Distribuídos em cuias, graciosamente. O decreto para o comércio abrir as portas e fornecer gêneros requisitados não surtiu muito efeito prático. A quantidade e qualidade dos gêneros, estabelecidos pela Junta, eram precisas. Mas, os comerciantes de Baixa Verde, e do mundo inteiro, preferem a Lei do “Fiado só amanhã”. E fecham as portas às requisições. *Quem vai sustentar burro a pão de ló?* Os rebeldes, apoiados no argumento do fuzil, arrombam as portas e portões fechados. *Quem paga a conta?* O comissário popular requisitante queria mandar a cobrança ao Papa, no Vaticano. Indicou mandassem a respectiva fatura à Junta Governativa, sediada em Natal, Vila Ciccinato. O tal do comunismo era mesmo regime do cão. Na hora de comer, comer, na hora de beber, beber, de fumar, fumar, porém na hora de pagar, pé na bunda! Mandava apresentar a fatura a muitas léguas de distância! Essa sucia vermelha zanzou e perturbou em diversos povoados e vilarejos, São Bento e Parazinho. Requisitou, extorquiu, gêneros e dinheiro público, apossou-se de veículos.

Nessa batida, os rebeldes esticaram a marcha à ocupação da terceira cidade, Taipu. Lá o Prefeito reacionário havia prendido os comunistas, na cadeia pública. Com a chegada da Coluna, trocam-se os papéis: o Prefeito foi preso e os comunistas assumiram a Prefeitura. Lição da história. O poder gira como a roda da fortuna. Ou a roda gigante. Embaixo, em cima, questão de tempo, de ocasião.

Taipu também caiu como as outras, sem esboçar qualquer tipo de resistência. Os rebeldes desfilaram e adotaram os procedimentos de praxe: prender, soltar, destituir, constituir. No dia seguinte, seguiram rumo à praia de Touros. Lá sucedeu comédia cinematográfica. Pastelão do Gordo e o Magro. O delegado e todo efetivo policial, informados da aproximação da coluna rebelde, abandonam o roçado em louca disparada, a delegacia e a cidade. Carreira tão atabalhoada que deixam tudo para trás, as armas e o desordeiro bêbado Manoel Paulino de Assis, que estava sendo interrogado. Interrompido

---

<sup>61</sup> A Diana do Pastoril não tem partido, pede proteção a todos. Nesse espetáculo folclórico, as pastorinhas são divididas em dois partidos, ou cordões, o azul e o encarnado. A Diana usa roupa com as duas cores.

o interrogatório, o acusado de embriaguez e perturbação da ordem, sozinho na delegacia, com as armas, começa a ameaçar deus e o mundo. O ébrio apossado das armas, ficou mais valente, ameaçar matar, fazer acontecer. A pacata população de Taipu, dividida entre a cruz e a espada: a coluna comunista batia, às portas da cidade; o bêbado armado, ameaçava o mundo. Os rebeldes, adentram em Touros, sem qualquer resistência. Frustração não ter autoridades para prender nem depor. Contentaram-se com o bêbado, *quem não tem cão caça com gato*.

O passo seguinte da coluna vermelha foi em direção ao Município de Lages, nas cercanias da Serra do Cabugi. A defesa de Lages estava a cargo do Capitão João Pedro de Albuquerque. Foi “reforçada” pelo pessoal do Major da força pública Napoleão Agra, que descia de Mossoró. O Major recebeu ordens para combater os insurretos, em Natal. No meio do caminho, estacionou. Essa união de forças do Major Agra com as do Capitão Albuquerque, atraiu mais voluntários. Outros foram *aliciados* involuntariamente, aos costumes. De qualquer forma, prenunciava-se uma refrega pesada entre os legalistas entrincheirados e atocaiados e os rebeldes. As defesas foram montadas ao longo da estrada, perto da *Pedra Preta*. Porém, a batalha violenta, não ocorreu. Seguiu o padrão da batalha de Itararé, e de Serra do Doutor. Não há registro, de mortos nem feridos. Nada se diz a respeito ou constados processos do TSN. Há apenas o registro do indiciamento do Major Agra por não cumprir as ordens superiores de combater rebeldes na capital. Condenado, o Major perdeu a patente. Porém, tempos depois, ajuntou punhado de provas e amizades influentes, de sorte a recuperar a patente e se reformar, na flor dos quarenta e cinco anos de idade.<sup>62</sup>

De todos os locais, a cidade de Angicos conheceu a mais efêmera ocupação da breve revolução comunista. Poucas horas de subversão, pois a ocupação de Angicos sucedeu no dia 27, concomitantemente às primeiras notícias da derrota da insurreição. Chegavam à cidade, junto com os rebeldes, as informações do avanço das tropas legalistas pela Paraíba, da descida da tropa federal, na divisa do Ceará, de que a casa havia caído. Foi o derradeiro ato de conquista da *Coluna Norte*.

No tocante aos sucessos da Coluna do Sul, o comando calhou ao militar de ofício, Tenente Oscar Mateus Rangel, da Polícia Militar. Rangel estava preso na Casa de Detenção de Natal, sendo solto na revolução. Ele cumpria pena de prisão pelo assassinato do filho de Juvenal Lamartine, ex-governador e liderança do PP. Um crime famoso, na

---

<sup>62</sup> BRASIL. TSN. Processo nº 4, p. 450.

época, o crime da Fazenda Ingá, no Município de Acari, em fevereiro de 1935. Numa desastrosa diligência de busca e apreensão de armas, na fazenda, houve a tragédia. O Procurador carregou à condenação do Rangel: “Destas famigeradas colunas, uma que muito se destacou pelos atos de vandalismo que praticou, foi sem dúvida a comandada pelo ex-tenente Oscar Rangel”.<sup>63</sup>

Contudo, a Coluna Sul adotou os mesmos procedimentos das outras, sem tirar, nem pôr. Ocupação de cidades, destituição, prisão de autoridades, requisições de dinheiro. Rangel recrutou aderentes à revolução, fracionou a coluna para novas conquistas, seguindo pela trilha férrea da *Great Western*. A primeira cidade conquistada foi São José de Mipibu. Lá o prefeito foi deposto. Requisitou o dinheiro da prefeitura. Há registro da destruição de processos, no cartório. Deu seguimento à marcha, chegou a Arêz. Lá, Oscar Rangel fracionou a Coluna. O comando da nova Coluna foi para Pedro Hermógenes da Cunha, com tarefa de arregimentar aliados e manter o controle de Arêz. Moacyr Ferreira Furtado, ex-prefeito, foi reconduzido ao cargo, pelos rebeldes. E foi à forra, prendendo os adversários, demitindo todos os funcionários da prefeitura. E a Coluna do Tenente Rangel, prosseguia, em busca de novas conquistas.

A coluna chegou à cidade de Papari, ambiente açulado por disputas ideológicas e rixas das facções. Os rebeldes prendem elementos da força pública local e autoridades aliadas do PP. Vários escaparam, avisados, arribaram. Assumem o controle da cidade, sem oposição. Temiam resistência dos adeptos de Plínio Salgado. Havia o foco da Ação Integralista no município, mas, eles fugiram. Alguns foram presos. Segundo relatórios, a sede da ABI foi invadida e arquivos com documentos queimados. Os rebeldes danificam o retrato do líder Plínio Salgado<sup>64</sup>.

Seguindo a trilha, a próxima conquista foi Canguaretama, cidade tomada na madrugada do dia 25. A patrulha do Sargento Oscar Alves Maciel adentrou e derrubou o Prefeito Abílio Xavier, empossou Fernando Dias Abreu, identificado com a Aliança Social na prefeitura. Os rebeldes requisitaram dinheiro da Prefeitura, 500 mil réis, mais 400 mil da mesa das rendas.

A terceira Coluna, comandada pelo Sargento Oscar Wanderley, foi a mais controversa e com aspectos obscuros. Guarda peculiaridades que merecem investigação mais aprofundada. Destoava das outras colunas. A começar pela composição social.

---

<sup>63</sup> BRASIL. TSN. Processo nº 18, APL. 149.

<sup>64</sup> BRASIL. TSN. Processo nº 32. p. 29.



Enquanto as outras colunas são formadas com civis e militares juntos, a Coluna do Sargento Wanderley, foi exclusivamente militar, particularidade, relevante.

As peripécias da Coluna Wanderley, que partiu da capital rumo à região Central do Rio Grande do Norte, constam dos Processos nº 2º e nº 76º, do TSN. Processos falhos, lacunosos. Falta clareza sequencial, às ações. Nos depoimentos, nas provas coligidas aos autos. Os acusadores e cingem-se aos sucessos do assalto do 21º BC e da Serra do Doutor. Preocupação em livrar imputações em outros locais? Ou interesse em majorar a implicação com agravamento dos crimes? Qualquer que se seja a estratégia, a acusação centraliza a denúncia nos fatos de Natal e Macaíba. Tangencialmente, refere-se aos sucessos da cidade de Santa Cruz, da adesão dos civis a distribuir boletins subversivos. Sem registros seguros e sistemáticos, sem o “iter” e a cronologia dos “crimes” das ações e omissões da Coluna. Falta uma descrição detalhada dos sucessos, da continuidade delitiva, cidade por cidade, cada povoado atacado, invadido.

Estranhável a interpretação do tenor, o comportamento do comandante da coluna Sargento Oscar Wanderley. O depoimento no TSN afirma não estar no 21º BC, na ocasião do levante. Diz que chegou depois, atraído “pelo toque de recolher” do corneteiro e que lá chegando, aderiu à revolta, para não ser preso. Declara ainda que se ofereceu para patrulhar a região das Quintas, pois “queria sair da anarquia reinante”, o Wanderley.<sup>65</sup> Falta a verdade por que ele pegou em armas no levante do 21º BC e não explicou a sua espichada do bairro das Quintas de Natal até Macaíba.

De qualquer forma, o tal sargento Wanderley, com a coluna militar bem armada, ocupou a cidade de Macaíba. Foi uma ocupação inusitada, fora totalmente dos padrões insurgentes. Modalidade diplomata. Não prendeu o prefeito, nem o delegado, nem os vereadores. Apenas mandou desarmar o destacamento policial. Realizou embaixada junto ao Prefeito, conversa mediada pelo amigo Paulo Teixeira. O amigo Paulo Teixeira foi nomeado Delegado Militar. O sargento Wanderley expediu ordem para não deixar tropas rebeldes acantonarem na cidade, elas podiam passar, não podiam acantonar na cidade.<sup>66</sup> Evidenciava-se o *boi na linha*.

A sucessão de ocorrências estranhas foi observada pelo Comando Revolucionário em Natal. No dia 25, o Paulo, Delegado Militar, informou o ao amigo sargento Wanderley sobre o deslocamento de tropas sertanejas, advindas do Seridó. O Prefeito de Macaíba,

---

<sup>65</sup> BRASIL. TSN. Processo nº 76, p. 180.

<sup>66</sup> Brasil. TSN. Processo nº 76, p. 181.

embora não deposto, por iniciativa própria, abandonou a cidade. O Sargento Wanderley assumiu a prefeitura. Cuidou do lacre de arquivos e cofres, sem encaminhar o dinheiro ao Comando em Natal. Confiou a guarda do material lacrado ao amigo Paulo Teixeira. O comandante Wanderley decidiu “diligenciar” sobre as tropas inimigas, para evitar banho de sangue. O dinheiro do Banco do Brasil ficou lá mesmo. O da mesa de rendas, também. Sem registros de saques, nem de casas do comércio.<sup>67</sup>

O sargento Wanderley, chefe militar local, da revolução, hospedou-se em casa de particulares, onde atendia populares, fazendo vezes de chefe do governo. Com a notícia da aproximação das tropas sertanejas de Mariz e Enoch, apressou-se. Transmitiu o comando de Macaíba para o Cabo Geraldo Magela e partiu em *missão de reconhecimento*, na companhia, de dois soldados.

Na estrada, deparou-se com as tropas de Enoque e Dinarte, rendeu-se sem esboçar qualquer reação, ou tentar fugir. Dali em diante, o Wanderley passou a dar informações, úteis aos legalistas a respeito dos revolucionários em Macaíba e alhures. Ele escreveu ao cabo Geraldo o preposto deixado em Macaíba solicitando armas, *para retomar Panelas*. Claramente, uma mensagem ardilosa, capciosa, que não produz o efeito desejado pela interceptação da Coluna Oscar Rangel destacava à Macaíba. O traidor Wanderley queria desarmar os rebeldes, para facilitar a retomada pelas tropas legais. Mas, o Oscar Rangel, comandante de Coluna, enfrentou as tropas sertanejas inimigas, forçando a retirada. José Pacheco confirma o tiroteio da cidade de Panelas, atual Bom Jesus. Diz que houve a fuga dos sertanejos, que Panelas foi ocupada pelos revolucionários. Os Sertanejos mobilizados por Dinarte Mariz são transportados nos caminhões de Theodorico Bezerra, Flávio Mafra e dele próprio. Combater comunistas em Panelas, parecia um prato cheio, mas o Comandante Wanderley não foi fazer reconhecimento algum, foi se render: *Vim me entregar, disse Wanderley*.<sup>68</sup>

Apagando-se os atos de covardia do sargento Wanderley, chefe da coluna, traidor e aumentado o feito dos sertanejos de Mariz, forjava-se a versão ideal: a prisão do “chefe Rebelde”. A capitulação pusilânime não dava divisa a ninguém. Nos anais da “história militar”, consta versão briosa:

---

<sup>67</sup> Nos relatórios do Inquérito policial do delegado Enoch constam saques na cidade, mas, provavelmente, pela ausência de provas, esses crimes não constam da denúncia e dos processos relativos a fatos em Macaíba.

<sup>68</sup> CORTEZ, Luiz Gonzaga, ob. cit. p.73.

(...) caiu prisioneiro dos sertanejos de Dinarte Mariz o Srg. Wanderley Comandante das Forças Revolucionárias Populares do governo comunista instalado na cidade de Natal no dia 25. Na segunda parte da jornada os Sertanejos se retiraram para a Serra do Doutor, onde, bem posicionados, rechaçam ataques dos revoltosos, já em processo de debandada, deixando mortos e feridos.<sup>69</sup>

A má escolha do sargento “rebelde”, Sargento Wanderley, pelo Governo Popular Revolucionário, para chefiar a Coluna Central, figura entre os maiores equívocos dos revolucionários. O sargento Wanderley foi efetivo, no levante do 21º BC, em Natal. Sua negativa perante o TSN justifica-se, afinal, como réu, não produzia provas contra si mesmo. Porém, Wanderley foi muito além da autodefesa. Seu depoimento foi desmoralizante, foi conduta de traidor. E se foi absolvido pelo TSN por que traiu, jamais será absolvido, pelo tribunal da história.

O Wanderley, chefe da coluna e comandante militar de Macaíba, amoleceu a mão pesada do Tribunal de Segurança Nacional. A marreta transformada em pluma, e a absolvição, suspeitosa, do Wanderley. O TSN de exceção e ocasião indiciou vinte e dois Sargentos, no Rio Grande do Norte, gente com participação bem menor nos sucessos. Dezessete sargentos do 21º BC e cinco sargentos da PM. Todos que pegaram armas foram condenados. Exceto, Wanderley. Causa espécie a absolvição criminal do Wanderley. Seria algum precursor das “delações premiadas”? alguma compensação pela mudança de lado, pelo recrutamento e informações do dedo-duro?

Durante essa revolução, o movimento expansionista, não se limitou às ações das colunas que saíram de Natal. Cidades e povoações foram ocupadas por revolucionários, com lenços vermelhos no pescoço, por iniciativas locais. Gente que formava as próprias colunas. Caso da cidade de Nova Cruz, invadida no dia 26 de novembro, foram três *brigadas autônomas*. A brigada do Guarda Civil Joaquim, o *Mossoró*, comunista, e as lideradas por Miguel Morais e pelo médico Orlando Azevedo, de Santo Antônio do Salto da Onça. Azevedo mantinha ligação com a Aliança Social. A ele se atribui a coordenação das brigadas autônomas. Um médico formado na Alemanha, o Dr. Azevedo, colocou o lenço vermelho sobre o jaleco branco e avançou sobre Nova Cruz. Ocupou a cidade, em duas horas, em meio a grande tumulto. Tiros para o ar, interrupção da feira livre, gritos de vivas à ANL e a Luís Carlos Prestes. Às dez da manhã, os rebeldes ocuparam Nova

---

<sup>69</sup> DONATO, Hernani. *Dicionário das batalhas brasileiras*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1996. p. 387.

Cruz, com adesão da população. Há a distribuição dos boletins revolucionários. Pedro Nunes foi nomeado prefeito. Liberados todos os presos da cadeia cheia de comunistas, João Galdino, Francisco Rocha e Francisco Tito, presos pelo prefeito deposto.<sup>70</sup> Com o efetivo da segurança preso e os presos libertados, uma coluna deixa Nova Cruz e prossegue na direção do sertão. Dominaria, sem dificuldades, Panelas. Lá, prendem as autoridades e algumas personalidades. Outras, avisadas, fogem a tempo.

Mas, a historiografia faz registro deturpado da Batalha de Panelas. O *Dicionário das Batalhas Brasileiras* reproduz a deturpação. Os combatentes da região contam versão bastante diferente do episódio registrado no verbete do dicionário.

O ex-prefeito de Santana do Seridó, Seráfico Batista, e o casal de integralistas Otávia Bezerra Dantas e Manoel Lúcio, desmentem a fábula do General Dinarte. Seráfico Batista servia ao Tiro de Guerra de Parelhas. Guarnição comandada pelo Sargento José Nunes, com os 70 praças, convocados a combater os comunistas, em Panelas. A guarnição do Tiro de Guerra e a tropa sertaneja sofreu no ataque a Panelas. Elas recuam até Currais Novos. Mas, decidem retornar à Serra do Doutor, na segunda-feira carregando pedras, e levantando as trincheiras. Receberam ordem para não atacar, até a chegada das tropas, da Paraíba. Por volta das seis e meia, caminhões empilhados de rebeldes, fortemente armados, com metralhadora pesada, começam a atirar no bloqueio. Uma hora depois,

[...]o medo se apossava de todos nós e nós resolvemos correr. Eu achava que a expedição a Serra do Doutor ia ser um passeio, [...] quando notei que estava sendo enganado, pois os fazendeiros ricos não tiveram coragem de ir ao local dos tiroteios, a solução foi fugir para os cafundós. Corri da Serra do Doutor até Currais Novos, onde vi muita gente jogar as armas no chão e correr mundo afora. Na opinião do “combatente” da reação sertaneja, Perdemos na Serra do Doutor porque os soldados eram treinados pelo exército e nós não tínhamos conhecimento das táticas de guerra. O delegado de Parelhas era treinado para ser policial [...] As forças aliciadas pelos fazendeiros do Seridó viajaram para Natal depois [...] Na fuga de Panelas para Currais Novos, paramos em Santa Cruz, a cidade cheia de camisas verdes. Depois que contamos o combate com os comunistas na Serra foi um corre-corre.<sup>71</sup>

Sucedeu o caso, como o caso foi, sem soltar uma estrelinha de artifício, o Dinarte Mariz virou *General da Serra do Doutor* e desfrutou prestígios e pompas, as glórias de Napoleão por mais de meio século!

---

<sup>70</sup> Cf. COSTA, Homero. *A Insurreição Comunista do RN*. São Paulo: Ensaio, 1995. p.109.

<sup>71</sup> Cf. Entrevista, em 14.07.1985, a Luiz Gonzaga Cortez. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

O relatório do delegado Enoch Garcia, que foi ampliado e alterado pelo Chefe de polícia João Medeiros Filho, descreveu as consequências caóticas das colunas comunistas, pelo interior do Estado: Macaíba, Ceará-Mirim, São José de Mipibu, Vila Nova, Lagoa de Montanhas, Nova Cruz Goianinha, Canguaretama, Panelas, São Gonçalo, Santa Cruz, Arêz e outras localidades:

[...]saqueados e depredados pelos amotinados, que, numa fúria tresloucada, iam implantando o terror e a desolação por toda parte. As populações refugiavam-se nos matos apavoradas ante as hostes temíveis dos revolucionários em correrias constantes por todo o interior.<sup>72</sup>

Contudo, nos arquivos do TSN, não constam os ditos saques e depredações da cidade de Macaíba. A cidade sob o comando militar do sargento Wanderley, que foi absolvido de culpas, pelo Tribunal fascista criado por Getúlio Vargas para condenar os arruaceiros comunistas. Mas, no julgamento da história, tipos como Wanderley, Mariz, Medeiros *et caterva*, não serão absolvidos.

---

<sup>72</sup> Relatório do Delegado de Ordem Política e Social Enoch Garcia. In: MEDEIROS FILHO, 1980.

## 12 A Mudança dos ventos

Depois de soltar as amarras e levantar âncora, a Nau da Revolução lançou-se às incertezas, do mar agitado, sublevado. Viagem de riscos imponderáveis, com velas soltas. O distante lema dos marinheiros de Sagres, *Navegar é preciso, viver não é preciso*, tão próximo. Armas e bandeiras vermelhas, a tremular em *mares nunca dantes navegados*. O bardo lusitano Luiz Vaz de Camões cessava o canto das antigas musas, em respeitoso louvor ao valor mais alto alevantado. E de repente, *do riso fez-se o pranto*, no encantamento de viver o grande amor em cada vão momento, do repentista Vinicius de Moraes. O amor da rosa vermelha, da centelha revolucionária, morreu em botão, sem canto, sem encanto.

Revolução Nacional Libertadora foi sufocada e jugulada com extrema facilidade. O Governo Popular abandona Natal, Recife sequer subiu para cair, o Rio de Janeiro chegou tarde e perdeu o trem da história. Dessa forma, a Revolução Comunista de 1935 morreu criança, sem tempo para envelhecer e corromper. No Rio Grande do Norte, a chama da revolução, em 35 caminhou do litoral ao Sertão. Mas os ventos sopraram em sentido da contrarrevolução, jagunços armados por fazendeiros e tropas militares da Paraíba marcharam do Sertão ao litoral. Natal fervia de temores e boatos. Temia-se a guerra civil, falava-se em bombardeio aéreo, caso o *exército popular* resistisse.

Nas primeiras horas do dia 27 de novembro, os ventos que empurravam a Nau a bombordo mudam, com a força de tufão, para boreste, saindo da esquerda à direita, e ainda tendo os navegantes que aturar o castigo de Éolo dado a Ulisses: *quem semeia ventos, colhe tempestade!*

As notícias adversas chegaram pelo telégrafo. Davam conta da derrota e rendição, no Recife. A revolta foi jugulada e os líderes aprisionados. No Ceará e na Paraíba, mar em calmaria. Suficiente para enviar forças policiais e batalhões avançar sobre o Rio Grande sublevado e combater os rebeldes.

Na linha telegráfica a voz da transmissão aconselhava imediata deposição de armas, rendição a evitar, derramamento de sangue, numa guerra perdida. Na linha de cá o sargento Quintino Clementino de Barros, Ministro da Defesa do governo, ouvia o conselho como gosto amargo da *vitória de Pirro*.<sup>73</sup>

---

<sup>73</sup> Consta que o Rei Pirro, após vencer batalha e ante as baixas sofridas pelas suas tropas, comentou: com “mais uma vitória destas e estarei perdido”. A expressão significa vitória com sabor de derrota.

Assim, os timoneiros da Junta Revolucionária, se reúnem, às pressas, na Vila Cincinato. Informados do fracasso revolucionário no Recife e do avanço das tropas da Paraíba, Pernambuco e Ceará, decidem jogar a toalha. O barco estava perdido, calhava abandoná-lo. Para garantir a vida dos oficiais presos, destacam os Cabos Giocondo e Adalberto à escolta. E sob escolta de segurança, as autoridades que estavam presas no cassino dos oficiais do 21º BC, foram conduzidas aos navios mexicanos. No quartel sem comando, elas podiam correr risco de vida. Quem respondia pela ação isoladas, por qualquer motivação? Estavam presos sob a custódia do Comando da revolução para serem processados e julgados, em Tribunal Popular. Seriam absolvidos, ou condenados. Se condenados, as mãos nos fuzis da escolta que garantia a vida não vacilariam na execução, do pelotão de fuzilamento. Não houve tempo para os réus presos da revolução responderem as acusações. Felizmente.

O Comitê Revolucionário descartou a rendição e deposição de armas. Descartou, também, resistir. Tentar manter as posições e desencadear uma guerra civil, inviável. Na correlação de forças nacionais, a revolução estava morta e sepultada. Cada revolucionário procurasse escapar como pudesse. Por onde achasse mais seguro. Cada qual por si. Queimam os papéis e arquivos do Partido Comunista, os registros do Governo revolucionário, e debandam.

Nesse momento da fuga, distribuem o restante do dinheiro dos saques, entre os membros da junta. E também a populares. Um poeta sugere jogar os pacotes do dinheiro nas casas dos ricos, da vizinhança. Assim eles incriminavam os inimigos, os ricos. Faz parte da lenda das casas dos “achadores de dinheiro”, da Praça Pedro Velho, bela fábula do folclore revolucionário potiguar.

Os membros da Junta fogem em pequenos grupos, em direções opostas. Os primeiros seguiram na direção Sul, os engravatados José Macedo, Lauro Lago e João Galvão, pelarota de Canguaretama. Os sargentos Quintino Clementino e Diniz Henriques, partiram pela rota de Baixa Verde em direção contrária. Já o assistente do Comitê Central, Santa, e a companheira, embrenharam-se pelas vias secundárias, na direção da Paraíba, alcançam Pernambuco.

No amanhecer da quarta-feira, 27 de novembro, Natal despertava sem governo algum: nem o *popular revolucionário* nem o deposto. *O seguro morreu de velho*, e assim o jovem Rafael somente retornou, quando as tropas paraibanas ocuparam, integralmente,

Natal. Estando tudo sob controle, já passava do meio dia quando reassume as funções da governança constitucional à qual fora eleito pela constituinte e deposto pela revolução.

Natal foi ocupada, militarmente, pelas tropas do 22º BC, de João Pessoa. Paulatinamente, a urbe retornava à rotina do comércio, serviços de transportes, correios e telefonia. As tropas legalistas desfilavam nos prédios estratégicos, palácios, porto, e os extremistas não ofereciam mais perigo. Entra em cena o General da Serra do Doutor, Júlio Cesar não conheceu entrada mais triunfal em Roma que Dinarte em Natal, à frente da legiões de caminhões carregados de jagunços armados.

Senhor absoluto da situação, Rafael Fernandes Gurjão telegrafa ao Presidente da República a transmitir as alvíssaras. O governador divulga *Nota Oficial* ao povo do Rio Grande do Norte. No telegrama, breve resumo do *movimento extremista*. As principais ações dos rebeldes: distribuição de boletins em nome da Aliança Libertadora; pilhagens do Banco do Brasil, Banco do Rio Grande do Norte, Banco Rural, Recebedoria do Estado, Delegacia Fiscal, estimada emais de 5 mil réis; saques do comércio etc. Não precisou o número de mortos, porém os estimou em “grande número”. Congratulações. Vivas à vitória e à ordem legal. Na *Nota do Governador Constitucional do Estado ao Povo do RN*, avalia-se prestigiado pelo apoio unânime do povo e amparado pela solidariedade absoluta do Governo Federal. Recomenda aos conterrâneos calma, na situação, tranquilidade com a *presença confortadora* dos aviões do Exército e da Marinha e 22º BC. Comunica a derrota dos rebeldes no Recife e a debandada dos

[...] últimos comunistas sem coração e sem alma, [...] perseguidos sempre pela nossa gloriosa polícia e por centenas de voluntários civis que pegaram em armas para defender os sentimentos de cristandade que nos embalam desde o berço e que nunca poderemos substituir pelas ideias sanguinárias indesejáveis e loucas dos adeptos de uma doutrina que procura assaltar o mundo com a sua onda de sangue e de desonra.<sup>74</sup>

Com a poeira assentada, abriu-se a temporada da *caça às bruxas*. Naquele Brasil, ainda de *questão social* vista como *caso de polícia*, que se esperava? As oligarquias autoritárias e excludentes, com projeto continuísta de poder, foram provocadas.

---

<sup>74</sup> Boletins e Notas Oficiais, dos rebeldes e do governo, após a reconquista da legalidade, são publicados no Jornal *A República*, Natal, nas matérias sobre o “movimento extremista” n.ºs. 1465, 1466 e 1467, respectivamente, dias 28, 29 e 30 de novembro. Contudo, *A República* e outras folhas qualificam de “comunista”, nos primeiros dias de dezembro, presumivelmente seguindo a determinação da estratégia propagandística do Governo Vargas. Os boletins, notas e telegramas do movimento, são publicados nos diversos jornais do país, a exemplo de *Jornal do Comércio* e *Diário de Pernambuco*, no Recife.



Ameaçados de perder a essência dos privilégios, o poder de mandar e ser obedecido. Pela ação de extremistas. De comunistas? O brejeiro ensina que *há males que vêm para o bem*. O caso da bernarda vermelha. Um cavalo selado no curral do estanceiro dos pampas, O melhor dos inimigos. Já eleitos pela estratégia da propaganda nazista, os comunistas. Uma retórica patriótica contra os *agentes de Moscou* que querem transformar o Brasil em colônia soviética; uma cruzada religiosa, contra os ateus, à igreja católica e aos valores cristãos; enfim, chutar cachorro morto, os exóticos energúmenos, contrários à família e à propriedade. Nessa conformidade, o adversário ideal a ser combatido. Ficasse a propaganda com os propagandistas, a marreta com os marreteiros, as contas com os contadores, cada qual com seu ofício e serventia. Da repressão da polícia e da justiça, cuidavam trupes que *não amarram cachorro com linguça*.

Uma temporada de delações gratuitas, de denunciamentos infames, capítulo lamentável, da história de Natal e do Rio Grande do Norte. Simples rixas familiares, recalques, despeitos, pessoas desafetas, qualquer motivo, os mais baixos e vis serviram às denúncias. De dívida de jogo a marido traído, à mulher abandonada. Canalhas de ocasião e aproveitadores do momento davam vasão no acerto de contas. Na repressão vigente, prendia-se e sovava-se, depois, enquanto investigava-se a culpa. No mais, a eternamente vantagem de bajular os poderosos. Esse denunciamento vazio infernizou a vida de mais de mil pessoas em Natal. Menos de 15% foi condenada. Por “Tribunal” de exceção, criado para punir os insurretos. Natal conhecida como cidade de um *poeta em cada esquina e cada rua um jornal* perdia o seu lirismo, transformada na cidade dos delatores e dos torturadores, um dedo-duro em cada esquina, um preso, em cada rua.

Natal *colheu tempestade, sem ter plantado ventos*. A violência repressiva abatida sobre o Estado, exaspero de abuso do poder, arbitrariedades policiais, casas invadidas, prisões ilegais, torturas, assassinatos nas dunas, simulados e reais, não teve paralelo. Violência extremada, mesmo para os costumes da polícia que degolava os cangaceiros e exibia as cabeças enfiadas nas estacas, em praça pública. E a Nau reacionária do Rio Grande, retomava seu curso, com o PP de Rafael e Dinarte, acompanhando a correnteza do autoritarismo em curso no país.

Posto que denúncias de invasões, torturas e mortes repercutem na Assembleia estadual, a ponto de o Ministro João Macedo, da Viação da Junta Governativa Popular, perder um rim, imagine o que apanhou a massa popular<sup>75</sup>. Era muito valente a querer

---

<sup>75</sup> Cf. CORTEZ, Luiz Gonzaga, *ob. cit.*, p. 120.

“mostrar serviço”, tipos truculentos como o sargento Aristides Cabral, da Polícia Militar e o Dr. Ivo Trindade. O Dr. Ivo passou gente *dessa para melhor*, na Serra Caiada, pelo que consta.<sup>76</sup> No interior, abundavam as notícias dos abusos policiais. Nas buscas e diligências, para recuperar o dinheiro saqueado do Banco do Brasil. A polícia *pintou o sete, fez chover canivete*. Invasões de casas, varredura geral da cabeça aos pés, quem reclamava levava sopapos. A valentia da *força pública* obviamente, não chega às casas abastadas dos *achadores de dinheiro*. Na Praça Pedro Velho, os sobrados da burguesia, conheciam as garantias constitucionais da inviolabilidade do lar. Essas *diligências excessivas* ocorriam nos herdeiros das senzalas, moradores das Rocas, Areal, Alecrim e Quintas. Marx, no século XIX definiu o Estado como *Comitê Executivo* da burguesia. Os liberais, ontem e hoje, também revisionistas, criticam o simplismo conceitual. Zefinha diria “*possa ser*”. Mas não desmentem as invasões de favelas no Rio de Janeiro, de mocambos e palafitas, na periferia brasileira, sem o mesmo peso, sem a mesma medida, nos umbrais das casas-grandes, a lembrar que vassalagem e suserania, pode ser coisa antiga, mas tem a mesma serventia.

O deputado Djalma Marinho encaminhou pedido de esclarecimentos ao Chefe de Polícia. Esse cujo respondeu ter dado “abundância de ordens e recomendações à apuração dos fatos [...] Mas a natureza das diligências justificavam plenamente a demora na conclusão dos inquéritos, completa”.<sup>77</sup>

Polícia diligente para adulterar inquéritos e deturpar fatos, criar factoides e reprimir pobres. Acostumada a dobrar a espinha e a servir os poderosos. Polícia morosa na apuração de *violações a depender da condição social que define a presteza da diligência*. Da queima de arquivo, do arquivamento, do *dito pelo não dito*.

---

<sup>76</sup> Depoimento de Enoch Garcia, *idem*, p. 113.

<sup>77</sup> Informação do Chefe de Polícia à Assembleia Legislativa, Natal, 29.02.1936. In: MEDEIROS FILHO, João. *ob. cit.* p. 86.

### 13 Os mortos, os vivos e os mais vivos

A ressaltar o peso do passado e da tradição, dos mortos sobre os vivos, o filósofo Augusto Comte lembrava que *os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos*. Entenda-se mortos da filosofia positivista, sem nada em comum com as crenças espíritas de reencarnação. No diálogo dos mortos com os *vivos*, não obstante as fecundas lições dos antigos juriconsultos: *mortem omnes finibus*, em verdade, razão assiste ao toureiro de Pamplona, que *não acreditava em bruxas, mas sabia que elas existiam*<sup>78</sup>. Alguns defuntos causam mais estragos do que causariam se estivessem vivos. Reza a lenda que *El Cid*, morto, alçado ao seu cavalo, foi decisivo na vitória contra os mouros. O cadáver que pertenceu a João Pessoa foi mais útil à revolução do que a sua pessoa, sem trocadilho. João Pessoa vivo não cheirava nem fedia, na oposição, mas não movia uma palha pela revolução. Morto, antes de ser sepultado, o cadáver do “mártir” circulou nas capitais do Brasil. Fomentou a comoção social, favoreceu a agitação revolucionária. Um cronista dos anos 30 anota que *morto João Pessoa serviu mais à causa da revolução do que vivo*. Ele corria da revolução como diabo da cruz, vivo, morto, foi o Grande General do Acaso. Nosso citado Barão de Itararé, filósofo de Bagé, emenda o francês Augusto Comte e diz: *os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mais vivos*. Este livreto não tem veleidade de debater indagações filosóficas. Contudo, trata da revolução e tem que tratar, inelutavelmente, dos mortos, dos vivos e dos mais vivos. Na Revolução de 1935, no Rio Grande do Norte, há protagonistas das três categorias.

Examinando-se o discurso ou a retórica legitimadora dos governos, nos planos federal e estadual, percebe-se que estão sincrônicos, afinadíssimos. O inimigo nº 1 eleito *é o comunismo*. Passo seguinte, pelo receituário propagandístico de Josep Goebbels, é a manipulação das informações. Para degradar o inimigo, desmoralizar, destruir, completamente, calha destacar incapacidades, fragilidades, material, intelectual e moral. Nessa terra de antropófagos tupinambás e tupiniquins descabia falar-se na superioridade da “*raça*”. O ABC nazista traduzido e adaptado ao Brasil, onde se lê “*Raça*” leia-se “*Governo*”. A superioridade intelectual e moral do Governo. Essa superioridade a ser decantada. Uma enorme mentira. Mas devia ser repetida. Tantas vezes quantas fossem necessárias, para virar verdade.

---

<sup>78</sup> Numa tradução livre do idioma de Horácio equivale: “a morte tudo acaba”.

A Polícia do Rio Grande do Norte assimilou bem as lições da cartilha nazista. Desqualificou o inimigo e suscitou desconfianças: “[...]a surpresa com que irrompeu o movimento e a sua má organização levou-me a aceitar a versão de ter sido mesmo precipitado pelas autoridades do Rio de Janeiro, a fim de que o plano subversivo não surtisse efeito”.<sup>79</sup> Manipulou informações e falsificou documentos. Inventou factoides do além, de comunistas conectados através de códigos entre o *Rio Grande do Norte e Pernambuco se anteciparam em decorrência de falsa comunicação que se atribui à polícia da capital do País*.

Nessa mesma linha de factoides, o *bilhete de Bluche, encontrado num dos alojamentos do quartel do 21º BC, dizia ele a “Sandimo”*: “Vocês não deram tempo para que se mobilizasse as nossas forças”.<sup>80</sup>

Na lorota da polícia, o Rio de Janeiro do Sherlock Fillinto Müller, descobriu a “senha da revolução”. Na posse da senha, o policial teria espertamente provocado a precipitação da insurreição para os revolucionários colocarem a cabeça de fora sem preparo, terem a cabeças cortadas e ele receber todos os créditos da vitória. Em Natal, o genérico João Medeiros criou o fantasma *Bluche*, o comunista fantasma a quem atribuiu à escrita dos bilhetes ameaçadores. Mas, do tal *Bluche*, ninguém jamais soube, nem o viu nem “na feira dos grudes”. Outra fraude da lavra do chefe de polícia do Rio Grande do Norte. O fantasma existiu, enquanto fantasma, irreal. A reduzir os comunistas a imbecis e despreparados, relapsos com a segurança, a deixar provas documentais assinadas, contra eles. Com a firma reconhecida do fantasma *Bluche* em bilhetes “encontrados” no 21º BC. Curiosamente, tais documentos não constam do inquérito policial, nem do relatório policial, do célebre processo criminal. É espantoso.

Afinal, quem foi o fantasma comunista *Bluche*? Nenhum membro do PCB, seja da Junta Governativa, da direção regional e nacional, jamais soube da sua existência, ou dele ouviu falar. Somente o Dr. João Medeiros Filho soube, oito anos depois. Um *fantasma* surgido do nada. Afinal, fantasma é. Não teve carne nem osso, matérias incompatíveis com naturezas fantasmagóricas. Nasceu nos bilhetinhos apresentados acompanhados do argumento da autoridade e da fé pública do senhor chefe de Polícia, *cidadão acima de qualquer suspeita. Déjà vu, não lembro onde*.

---

<sup>79</sup> Cf. MEDEIROS FILHO, João. *Meu depoimento*. Natal: Imprensa Oficial, 1937. p.47.

<sup>80</sup> Cf. MEDEIROS FILHO, João. *82 horas de subversão*. Natal/Brasília: Senado Federal, 1980. p. 13.

Bilhetes supostamente encontrados no 21º BC e entregues ao chefe de polícia anos depois. Esse servidor leal compartilhou o segredo do além com o respeitável público na obra *Meu Depoimento*, livro editado pela Gráfica Oficial do Senado. Anexos em *fac-símile*, os dois bilhetes *manuscritos* assinados pelo *Bluche*, a desfazer dúvidas de São Tomé. Pelo bilhete o chefe de polícia viveu momentos de extremo risco de morte durante a revolução. O fantasma mandava matá-lo, logo. E eliminar os integralistas. Previsível. Mesmo como fantasma fabricado, sem gênio.

O chefe policial do RN, estranhamente, privou o Brasil e o mundo de conhecer a identidade do *Bluche*. Um fantasma anônimo. Até os dias correntes. Na versão policial oficial não é fantasma. Existiu, em carne e osso, alfabetizado, escrevinhador de bilhetes. Uma lástima fantasma não ter impressão digital. Os bilhetes não seguirem ao exame grafotécnico. Louco é quem remexe em coisas do outro mundo.

O Santo fantasma produziu o milagre. O milagre realmente aconteceu. O bilhete da loteria do fantasma *Bluche* faz do chefe de polícia que se entregou, voluntariamente, aos sublevados, um herói. Livra-se assim, da chacota pública e vira herói, a dizer que *matou dois coelhos com uma só canetada*. Correu altos rios de morte, no cativeiro. Cativo no cassino dos oficiais do 21º BC, com oficiais e autoridades, nenhuma molestada. E todas elas, inclusive o criador de fantasmas, foram conduzidas, com segurança, aos navios de guerra mexicanos. Deitado ao *portaló* e inspirado no rio Potengi, João Medeiros repassou os fatos *como se tivessem ocorridos numa ilha selvagem e distante, cheia de perigos e aventuras*.<sup>81</sup> O poeta deve ser melhor que o policial, com assento na egrégia Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Mas, o *Bluche* existiu apenas nos bilhetes forjados, fantasma sem ficha de filiação ao Partido Comunista, sem passagem na ANL, sem laços com Café Filho ou com Mário Câmara. Do Porto ao Sertão, do Sindicato ao Catete, de Moscou a Santo Antônio do Salto da Onça, jamais o fantasma *Bluche* foi visto por viva alma.

Publicadas as cópias dos bilhetes, davam-se as provas sobejas da sua existência. Provas da existência dos bilhetes, que foram escritos, foram. Mas, por quem? Alguém muito vivo escreveu esse bilhete fantasmagórico.

Também declarava-se aberta a temporada de adulterações na área da segurança pública norte-rio-grandense. Modifica-se e adultera-se o relatório do delegado Enoch Garcia, em *dolus bonus* do fiador dos bilhetes fantasmas. Fabricar fantasma do *Bluche* e

---

<sup>81</sup> MEDEIROS FILHO, João. *82 horas de subversão*. Brasília/Natal: Gráfica Senado, 1980. p. 30.

inventar o *Soldado Luiz Gonzaga*. A academia ganhava um ficcionista enquanto a polícia um defraudador.

Contudo, ambos, fantasma e soldado, têm efeito devastador, pela técnica policialesca, alcançando os fins, não importando os meios. Pessoas comuns, em boa-fé, acreditavam em histórias forjadas nos gabinetes. Fantasmas não existem. Porém, reais são os danos da ilusão. Elas criam dúvidas e acirram cizânias. Engabelam populares e os próprios comunistas.

Talvez, as fragilidades teóricas dos comunistas brasileiros, mergulhados em estreitas disputas fratricidas, ordinariamente, são enredados em farsas plantadas, pelos inimigos. Trocando acusações e suspeitas, reciprocamente. Fazendo o jogo dos inimigos de classe, em nome do “combate ideológico”. Nesse sentido, certos fantasmas do movimento comunista brasileiro permanecem a fazer mais estragos que os mortais.

Sobre mortes reais, na Insurreição de 1935, a relação dos números, as contas, não batem. São desconstruídas. Há muita obscuridade e controvérsias na contagem. Na Serra do Doutor, na trilha da guerrilha do Vale do Açu, em Natal, noutras localidades. Diz o brejeiro que *o olho do dono engorda o boi*. Certo aritmético de Igapó lecionava que os números não mentiam. Mas, na tabuada dos cálculos políticos, os números mentem. O resultado das contas varia, conforme a nádega assentada, na gangorra.

Na assentada do Coronel Brillante Ustra, o famoso chefe do DOI-CODI de SP, o centro de torturas, durante a Ditadura, contavam-se vinte mortos, na Intentona Comunista de Natal.<sup>82</sup>

Coronel Ustra não fazia as contas dos presos, torturados e mortos, do DOI-CODI. Prestaria bons serviços à nação se declarasse suas fontes. Para elucidar os “vinte” mortos, em Natal. E mais ainda, para identificar os mortos pela ditadura em cujos porões ele serviu.

Já no relatório do inquérito do delegado Enoch Garcia, que foi o primeiro documento, datado de 1936, contabilizam-se quatro mortos:

Durante os combates e tiroteios foram mortas e feridas várias pessoas. Entre os mortos contam-se os seguintes: Otácilio Werneck, assassinado barbaramente à porta da residência a tiros de fuzil pelo comunista Epifânio Guilhermino; Arnaldo Lyra, morto na residência particular do Governador, transformada em quartel general dos comunistas; José

---

<sup>82</sup>USTRA, Carlos Alberto Brillante. *A verdade sufocada*: história que a esquerda não quer que o Brasil conheça. 4 ed. São Paulo: Ser, 2007.

Pedro Celestino, morto na Detenção e Maria Carmen Tavares, morta no Tyrol.

O relatório do delegado Enoch Garcia distorceu um fato do domínio público: o Sr. Arnaldo Lyra foi ferido “no quartel general dos comunistas”, mas, foi transferido ao hospital, vindo a morrer, dias depois. A morte não se dá na Vila Cicenatto, pode ser irrelevante, mas é necessário precisar que não foi lá que o óbito se deu depois de passada a revolução.

Grave mesmo foi o fato de o Chefe de Polícia João Medeiros adulterar o relatório policial e acrescentar mais um defunto ao rol: e transmutar o *Doidinho* em soldado Luiz Gonzaga:

Durante os combates e tiroteios foram mortas e feridas várias pessoas. Entre os mortos contam-se os seguintes: Soldado Luiz Gonzaga, do Batalhão Policial; Otácilio Werneck, assassinado barbaramente à porta da residência a tiros de fuzil pelo comunista Epifânio Guilhermino; Arnaldo Lyra, morto na residência particular do Governador, transformada em quartel general dos comunistas; José Pedro Celestino, morto na Detenção e Maria Carmen Tavares, morta no Tyrol.

Um morto a mais, outro a menos, não faria a diferença, não fosse a fraude do Chefe da Polícia. E a adulteração gerasse o mito do herói Soldado Luiz Gonzaga, da banalizada e fastidiosa retórica anticomunista, no dizer do brejeiro, *quanto mais se reza, mais assombração aparece*.

A morte de Maria Carmem Tavares, no bairro do Tyrol, foi dada como *casual*. Uma bala perdida atingiu a indigitada, mortalmente. Na época, alguns consideraram uma má “sorte escolhida”, *uma fortuna delectis*. Por acaso, cunhada de Giocondo, um dos líderes dos rebeldes. Bala perdida, ou achada, jamais suficientemente, investigada.

Os registros de mortes, no interior do Estado, são escassos documentalmente, fartos oralmente. Existem registros das lembranças, das memórias e depoimentos. Em inquéritos, processos, quase nada consta. Sobre vítimas do tão propalado *cangaceirismo açoitado à sombra de uma bandeira*, nada consta dos inquéritos nem dos processos do Tribunal de Segurança Nacional.

Assim, a contagem dos cadáveres fica na conta da freguesia. No desencontro de lembranças, de registros e informações pessoais. Contudo, com certa recorrência, diversas fontes dão conta de duas mortes, no interior: uma, a do soldado morto e sepultado,

anonimamente, na Serra do Doutor, e outra, nas costas do Dr. Ivo Trindade, ocorrida em Serra Caiada.

É impossível dizer quantas pessoas, efetivamente, participaram da revolução, no Estado do Rio Grande do Norte, em 1935. Contabilizam-se, todavia, as pessoas processadas e sabe-se as condenadas e as inocentadas. Foi possível rastrear as pegadas das andanças de alguns protagonistas da trama.

Começando pelos comunistas, os atores obrigados a atuar nos bastidores da clandestinidade, na maior parte do tempo. Algumas sagas pessoais, das longas clandestinidades, prisões, fugas e torturas, davam roteiros cinematográficos.

José Praxedes, o sapateiro comunista Ministro do Abastecimento, depois de queimar papéis comprometedores, tratou de fugir através dos mangues de Igapó. Pelas margens do rio Potengi, alcançou as praias da Redinha e de Genipabu. Adentra em clandestinidade antológica, 50 anos. Meio século depois, reaparece – 1985 – com o depoimento no livro de Moacyr de Oliveira Filho<sup>83</sup>. Longeva militância e clandestinidade, durante Estado Novo e após. Zé Praxedes morreu aos 84 anos, tuberculoso e pobre, na periferia de Salvador. Lá viveu décadas, sob o pseudônimo de Eduardo Pereira da Silva.

João Lopez, o *Santa*, foi o assistente do Comitê Central do PCB junto ao Comitê Regional do RN. Na prática, uma espécie de Primeiro Ministro do sistema Parlamentar, o chefe de governo. Carioca, pedreiro e negro, nasceu no ano da Lei da Abolição da Escravatura, 1888. Através do Partido Comunista, estudou e foi a Moscou aprender a doutrina da revolução, o marxismo-leninismo. Consta um relatório atribuído a *Santa* e dirigido ao CC, sobre a revolução. Esse relatório é dado como apreendido pela polícia do Rio de Janeiro, com a queda da Direção Nacional. *Santa* contava quarenta anos e era havido como dos mais experientes, na revolução em Natal. Na fuga percorreu cerca de quarenta léguas, em doze dias. Foi preso no Recife. Conseguiu escapar e retomar as atividades partidárias, clandestinamente, no Rio de Janeiro. Foi preso e barbaramente torturado, pela Polícia de Filinto Müller do Estado Novo, o *nazista que faltou ao julgamento de Nuremberg*. Empreendeu outra fuga e mais uma vez retomou as atividades partidárias clandestinas. Nessa longa vida de lutas, fundou ligas, associações de moradores e sindicatos. O premier negro e comunista, José López, filho de escravos, morreu em junho de 1988, pobre, no subúrbio do Rio de Janeiro, aos cem anos. José

---

<sup>83</sup> OLIVEIRA FILHO, Moacyr de. Praxedes: *um operário no poder: a insurreição comunista vista por dentro*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1985.



Lopez, em 1935, recusou a Presidência da Junta Governativa a ele ofertada pelos camaradas de Partido e do Comitê Revolucionário Popular em Natal. Na prática, *Santa* foi o principal mentor do breve Governo Revolucionário. Carismático e muito querido, no Realengo, comunidade onde viveu os últimos anos de vida, o velho *Santa* “teve um enterro digno do revolucionário”.<sup>84</sup>

O cabo Giocondo Alves Dias, foi um comunista revolucionário, dos mais ativos, em 1935. Participou da tomada do 21º BC. Nas primeiras horas da revolução, foi alvejado quando descia a ladeira da Rua São Tomé em direção ao Teatro Carlos Gomes, para prender as autoridades. Ferimentos são leves e tratados, no Hospital das Clínicas, de maneira que no dia seguinte retorna ao quartel e participa do cerco que durou dezessete horas, ao Quartel da Polícia Militar, em Natal. Após a derrocada da revolução, refugiou-se na Fazenda Primavera, de Paulo Teixeira, município de Lages, RN. Nessa fazenda foi encontrado preso, amarrado numa árvore, quase morto, com dezoito cutiladas de punhal no corpo. Era submetido a “interrogatório”, pelo “amigo” anfitrião, Paulo Teixeira. O tipo ciumento suspeitava de adultério da senhora esposa como Cabo Dias. Giocondo não comentava em vida, essa aventura “Primavera” de Lages. Sabe-se que a esposa do Paulo Teixeira fugiu da casa do marido violento. Paulo Teixeira foi levado ao tribunal do júri popular e absolvido da tentativa de homicídio *pela legítima defesa da honra*. Consta a atuação brilhante da defesa sustentada pelo Dr. Manoel Varela. Giocondo escapou das punhaladas e chifradas do Paulo, graças ao comerciante Genésio Cabral de Macedo. Foi conduzido ao hospital, preso e libertado. Em liberdade, foi condenado pelo TSN, a uma pena de oito anos e seis meses de prisão. Entra na clandestinidade e desenvolve as atividades partidárias na Bahia. Com a anistia e a seguinte legalização do PCB, foi eleito constituinte estadual baiano. Diante da cassação do registro do PCB em 48, voltou à clandestinidade, transferindo-se para o Sudeste. No Rio de Janeiro, era membro do clandestino Comitê Central e foi secretário e responsável pela segurança pessoal do Secretário Geral Luís Carlos Prestes, na clandestinidade, por anos. Foi eleito ao Secretariado da Executiva do PCB em 1957 e, com o Golpe de 1964, condenado na Auditoria Militar de São Paulo a sete anos. Integrava o CC do PCB, que desde 1976 estava no exterior. Com a anistia em 1979, retorna ao Brasil. Na dissidência entre Carlos Prestes

---

<sup>84</sup> Disponível em: <[docvirt.com/docreader.net/WebIndex/WIPagina/Arq\\_Cultura/12009](http://docvirt.com/docreader.net/WebIndex/WIPagina/Arq_Cultura/12009)>. Acesso em: 10 nov. 2015.

e a maioria do CC, ficou com a maioria do Partido. Foi eleito o Secretário Geral, o cargo mais elevado da hierarquia partidária. Nessa mais alta função da estrutura partidária, morreu, idoso, com vida modesta e simples. No pequeno apartamento do Botafogo, no Rio de Janeiro, em 1980, onde morava, Giocondo Dias concedeu entrevista<sup>85</sup>

Pouco se sabe da biografia do sargento músico Quintino Clementino. Foi membro do PCB, o comandante do levante no 21º BC e Ministro da Defesa do Governo Popular Revolucionário. Quintino exerceu papel militar relevante, na insurreição de 1935. Na opinião de José Praxedes, houve-se como herói e bravo, consciente do papel, verdadeiro revolucionário, que “merece respeito e louvor. Metralhadora na mão, controlando a situação no quartel, enviando tropas para o interior, enfim cumprindo com suas tarefas de chefe militar do movimento. Nunca vi um homem tão forte como ele”<sup>86</sup>.

Giocondo Dias confirma o protagonismo do sargento:

Quintino Clementino de Barros nos representava na Junta. Dizem aí que eu fazia parte da Junta, nada disso, era o Quintino. Para mim era até uma honra participar da Junta. O Macedo era um Nacional Libertador, não tinha a ver com o Partido Comunista e o sapateiro devia ser a figura de maior responsabilidade.<sup>87</sup>

Contudo, a biografia de Quintino fica nebulosa a partir de certo momento. Por exemplo, apareceram em 1998, “casualmente” originais datilografados, em achado particular material datado de 1938. Nesse material constam duras acusações contra o Quintino Clementino. É acusado de traição, pela precipitação do horário do levante, pela indisciplina na antecipação de datas, pelo excesso de preocupação com a vida dos prisioneiros e pela fraqueza na deposição de armas quando a Junta Governativa estava em fase de consolidação. Segundo o “documento achado”, Quintino ouviu a transmissão da rendição no Recife e a partir daí deu a revolução em Natal por perdida. O tal manuscrito não pode ser outro “fantasma” plantado pela polícia? Nele, consta: “Então chamei Mamede e Dante e todo o CR e discutimos a traição de Quintino”. Sem mais pesquisas e dados sobre o Quintino, objetivamente, sobram os depoimentos de combatentes de 1935 e o *documento* acusatório datilografado, apresentado décadas depois.

---

<sup>85</sup> SARMENTO, Antonio Natanael Martins. *Abalos de sábado à noite: do Governo Popular e Revolucionário em Natal à Guerra do Largo da Paz em Recife*. Dissertação (Mestrado em História) – Recife, UFPE, 1994.

<sup>86</sup> Cf. OLIVEIRA FILHO, Moacyr de. *Ob.cit.* p.96

<sup>87</sup> Cf. DIAS, Giocondo. Depoimento, em 08.08.1980, Rio de Janeiro. p.160. In: SARMENTO(1992).

João Batista Galvão, advogado, foi secretário do Colégio Atheneu e ligado à ANL. Foi nomeado Ministro da Viação do Governo Popular Revolucionário. Para seu filho, Cipriano Santa Rosa, o pai foi comunista e costumava fazer reuniões do Partido na casa da Praia do Meio. Ministro da Viação, decretou a gratuidade dos bondes e transportes coletivos, em Natal. Com a derrocada do Governo Popular, João Galvão, Lauro Lago e José Macedo, os *três engravatados de paletó* fogem juntos no sentido da Baía Formosa. O trio dos elegantes do paletó recebeu voz de prisão do Major Elias, da polícia paraibana, em Canguaretama. Como sequelas das torturas sofridas, reduziu à metade as funções renais, com perda do órgão. Cumpriu um ano e meio de prisão, foi liberado com o Decreto Ministerial de 1937. Revogado o Decreto e a liberdade, não voltou à prisão. Tratou de fugir e de ampliar o rol dos perseguidos, do malsinado Estado Novo.<sup>88</sup>

José Macedo, tesoureiro dos Correios, exerceu a importante função de Ministro das Finanças do Governo Popular Revolucionário, em Natal. Responsável pela contabilidade da Junta Popular, o homem forte do dinheiro fazia as contas das expropriações e dos gastos da revolução. Na condição de Comissário de Finanças, apresentou-se ao gerente Carlyle Magalhães, do BB. Comandou a escolta rebelde do mecânico Manoel Severino para fazer o arrombamento do cofre do Banco do Brasil. Foi incriminado ainda por dois saques ocorridos, em São José de Mipibu, da Prefeitura e da Agencia de Rendas Estadual. Do *trio engravatado*, foi preso em Canguaretama, e aparece na célebre fotografia dos presos de gravata, no trem. Viajou preso no mesmo navio do escritor Graciliano Ramos, personagem do registro chistoso, pela sua preocupação com as finanças do governo deposto.<sup>89</sup>

Quase nada sabemos sobre Lauro Cortez Lago. Encontradas enormes dificuldades à composição mínima de dados biográficos. Sabemos que foi Administrador da Casa de Detenção, integrou a tríade dos *engravatados do Governo Popular* aprisionada conjuntamente, no Município de Canguaretama. No Tribunal de Segurança Nacional, foi condenado à pena pesada de dez anos de prisão.

---

<sup>88</sup> Dados biográficos colhidos do depoimento do filho Cipriano Santa Rosa Galvão (*apud* Cortez, ob. cit., p.119-20). Na opinião de dirigentes Comunistas, do PCB, João Galvão, José Macedo e Lauro Lago, representavam o arco de alianças dos comunistas da Aliança Nacional Libertadora.

<sup>89</sup> Da excelente obra literária *As Dunas Vermelhas*, romance de Nei Leandro de Castro. Natal: Jovens Escribas, 2013. p. 249-250.

<sup>89</sup> Depoimento. In: CORTEZ, Luiz Gonzaga, ob. cit. p. 49.

<sup>89</sup> SILVA, Hélio. *A revolta vermelha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

Começamos a trincheira dos políticos tradicionais, com o governador Rafael Fernandes Gurjão. Médico formado no Rio de Janeiro, escreveu tese sobre *os desvios do útero*. Mas seguiu sem desvio o caminho destinado aos filhos dos produtores abastados e exportadores do algodão no Rio Grande do Norte: a governança. Nasceu no município de Pau dos Ferros, no final do século XIX. Liderou o Partido Popular, sucedâneo do Partido Republicano Federal, tradicional das oligarquias potiguares, dominantes desde o começo da República. Duas vezes deputado Federal, governou o Rio Grande do Norte por oito anos, de 1935 a 1943, – em 35 foi empossado, deposto pela revolução e reconduzido ao cargo e prossegue na governança de 1937 a 1943 nomeado interventor estado-novista. Rafael Fernandes Gurjão morreu em 1949, aos 61 anos.

Dinarte de Medeiros Mariz, nasceu na Serra Negra, no ano de 1903. Agricultor, pecuarista e comerciante, fez carreira política tornando-se um dos líderes mais influentes do estado. Foi um dos que fundaram o PP, Prefeito de Caicó em 1930. Foi senador da República durante vinte e dois anos. Governou o Rio Grande do Norte por cinco anos. O General da Serra do Doutor promoveu-se e ganhou notoriedade pela suposta condição de combate dos comunistas. O autodenominado *anticomunista de fuzil na mão*, morreria octogenário, em 1984.

Mário Câmara era membro de família tradicional do RN e morava no Rio de Janeiro. Foi nomeado interventor Federal da Revolução da Aliança Liberal de Getúlio, em 1930, como jogada getulista pra unir as oligarquias potiguares. Câmara substituiu o governador Juvenal Lamartine, deposto em 30, membro de tradicional oligarquia do Estado. Na escolha do advogado carioca, mas de família tradicional do Seridó potiguar, apostava Vargas apaziguar as oligarquias. Vargas buscava aproximar a Aliança Liberal do PP de José Augusto de Medeiros. Nesse sentido, o interventor retira o aliado Café Filho, *aliancista* de primeira hora, da Chefia de Polícia. Porém, a desejada aproximação com a oligarquia do PP não prosperou. As relações entre o interventor e ela azedam de vez, com o assassinato do coronel Francisco Pinto, membro do Partido Popular, em Apodi. O crime foi o pretexto dos populistas insatisfeitos para acirrar de vez a campanha contra o interventor. Mário Câmara foi acusado de responsável pelo infortúnio, mas em reposta, reforçava as suas bases, articulava intervenções estaduais, nas municipalidades; nomeava prefeitos e atraía os dissidentes do PP. Nessa toada ele sedimentou o Partido Social Democrático no RN. Diversos seguidores do interventor Mário Câmara, popularmente conhecidos como *maristas*, participam ativamente do movimento de 35.

João Café Filho, advogado, organizador de diversos sindicatos de trabalhadores, na década de 20, foi um dos principais opositores das oligarquias tradicionais e do governador Juvenal Lamartine. Após a Revolução de 1930, João Café Filho ampliou sua influência, liderou o Partido Social Nacionalista, do RN. Café Filho ocupou a presidência da República, em curto período de transição.<sup>90</sup> O *João Rubiácea*, como o atacava a imprensa oligárquica, nasceu no Rio de Janeiro, em 1899. Foi deputado Federal por onze anos (1934-1945), Vice-Presidente da República (1951-1954), Presidente da República (1954-1955) e Ministro vitalício do TCU, da Guanabara. Morreu em 1970, aos 71 anos. Os *cafeístas* participam da revolução e da deposição de Rafael Fernandes.

João Medeiros Filho não teve expressão política com mandatos, o chefe de Polícia do RN durante as efemérides revolucionárias de 1935, nasceu em Campina Grande, PB, na primeira década do século XX. Foi promotor de justiça da PB e do RN, advogado, jornalista e escritor. É o autor de *Meu Depoimento*, *82 Horas de Subversão*, *Notas de Promotor*, *Elogio da Justiça*, *O Dever do Advogado Criminal*, *Aposentadoria Compulsória da Magistratura*. Com a autoridade de chefe de polícia, autentica e dá veracidade a fatos nebulosos tipo a incorporação do *Soldado Luiz Gonzaga* e os bilhetes do *Bluhce*. Pertenceu à Academia Norte-rio-grandense de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico do RN. Nome de escola e de avenida, João Medeiros recebeu homenagens dos governantes do Estado adotado.

No tocante aos mais vivos, os *achadores de dinheiro* merecem destaque. Somente uma terça parte do dinheiro saqueado do Banco do Brasil, retornou aos cofres públicos. Sem falar do dinheiro saqueado das mesas coletoras de rendas do interior, *perdido pela estrada*.

Foram retirados 3.900 contos do BB, em Natal. A polícia potiguar devolveu ao tesouro estadual 900 contos. Algumas horas se passaram entre o momento do saque e o das buscas policiais “devolutivas”. Pelos depoimentos e registros, uma parte do dinheiro foi partilhada entre os membros da Junta revolucionária. Parte foi distribuída com a população. Parte jogada nas casas do entorno da Praça Pedro Velho.

---

<sup>90</sup> Café Filho foi eleito vice-presidente na chapa de Getúlio Vargas, eleições separadas, na época. Com o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, assume a função de Presidente. Afastando-se para tratamento da saúde, em novembro de 1955, assume o Presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Luz, deposto por manobras contra a posse de presidente eleito Juscelino Kubitschek.

Na folclórica estratégia, dos comunistas, de implicar a burguesia pela posse do dinheiro do Banco do Brasil, essa “ideia” de jogar os sacos de dinheiro nos quintais e jardins das casas dos ricos, teria partido de *um camarada* que argumenta:

[...] quem for preso acusa os ricos de participação. Dessa forma, De madrugada chove dinheiro. Numa mansão da Praça Pedro Velho um saco de cédulas do Banco do Brasil, arremessado por cima do muro, esmaga o espinhaço de um cachorro. [...] alguns respeitáveis cidadãos de Natal estavam mais ricos. Uma ideia de um comunista sincero, mas precipitado, havia aumentado a conta de alguns privilegiados<sup>91</sup>.

Os sobrados ricos da Praça Pedro Velho não foram vasculhados em diligências de busca e apreensão da polícia. Em respeito à inviolabilidade do lar. Nas periferias da cidade, Rocas, Quintas, Areal, Alecrim, as garantias constitucionais ainda não tinham chegado. Foram invadidas e muito *cabra chiou no cipó*. No dizer do brejeiro, *pobre só leva fumo, quando come galinha, um dos dois está doente*.

Na contagem do comunista Aurélio Poty, a maior parte do dinheiro foi recuperada e só não apareceu, oficialmente. Pessoas desaparecem, da cidade, e pobres ficam ricos. Alguns ricos ficaram mais ricos, pessoas da alta sociedade<sup>92</sup>. O historiador Hélio Silva faz registro dos três policiais recifenses que arrecadaram, para si, o que puderam, do dinheiro roubado do BB<sup>93</sup>. Cipriano Galvão reproduz a história escutada do pai dos 200 contos enterrados, mas, que o delegado devolveu apenas 20 contos: “O engraçado é que o delegado de Polícia de Canguaretama pouco depois tornou-se próspero comerciante e permaneceu rico até pouco tempo”<sup>94</sup>.

O chefe de Polícia João Medeiros Filho foi intimado pela Assembleia legislativa a prestar informação sobre achados e perdidos e sobre abuso de poder. Em resposta, o delegado considerou normal a pífia recuperação do montante do dinheiro. A seu ver, o dinheiro *devia estar bem escondido, nas mãos dos comunistas*. Ele e a polícia incorruptíveis registravam cada tostão apreendido do dinheiro roubado. Dinheiro recuperado, dinheiro devolvido, cada tostão de réis. O dinheiro que faltava, procurassem nos sítios dos comunistas.<sup>95</sup>

---

<sup>91</sup> Cf. *As dunas vermelhas*, romance de Nei Leandro de Castro. Natal: Jovens Escribas, 2013. p. 249-250.

<sup>92</sup> Depoimento (apud CORTEZ, *ob. cit.* p. 49).

<sup>93</sup> SILVA, Hélio. *A revolta vermelha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

<sup>94</sup> Depoimento (apud CORTEZ, *ob. cit.* p. 119).

<sup>95</sup> Cf. Ofício n° 178, de 29 de janeiro de 1936.

Nos bairros pobres, banalizava-se a truculência policial, a invasão de casas, surras, ameaças. Uma simples denúncia anônima bastava para os diligentes *representantes da lei* fazerem a vistoria *aos costumes*. *O Jornal* trombeteou contra esses abusos da polícia, em artigo. A ousadia da folha não passou em branco. Dia seguinte, o pasquim foi fechado, à ordem do chefe de polícia. Ele explicou a arbitrariedade em nome do “estado de guerra”, a matéria ameaça à ordem, uma *campanha difamatória*.

Indignado, o deputado Djalma Marinho protocola *Pedido de Informação* ao chefe de polícia. Quer esclarecimentos sobre a violência policial e as providências adotadas para os desvios do dinheiro do BB, *que a Exa. Levou a sua testada na ladroagem, mas não defendeu mais ninguém?*

O chefe de polícia respondeu à egrégia Assembleia. No tocante aos supostos abusos, providenciou em “abundância de ordens e recomendações à apuração dos fatos [...] Mas a natureza das diligências justificavam plenamente a demora na conclusão dos inquéritos”. Quanto ao desvio do dinheiro,

Os respectivos inquéritos foram instaurados. No tocante a dita testada a ele atribuída de ter levado a sua parte, o ônus da prova cabia ao acusador. Sobre a censura e fechamento de *O Jornal*, as medidas adotadas estão todas elas embasadas na legalidade do Estado de Sítio.

Causava espécie o surto imobiliário da capital potiguar. Novos sobrados, bangalôs e casas são construídos, outros tantos, reformados. Também benfeitorias voluptuárias davam sinais exteriores dessa prosperidade. Principalmente, nas ruas próximas à Praça Pedro Velho.

Calhava a Gentil Ferreira ser empresário da construção civil e o Prefeito de Natal. Na engenhosa administração do Gentil, *metade* da Praça Pedro Velho foi loteada, ao meio, por decreto. O progresso da cidade exigia a utilidade daquela área nobre. O fracionamento da praça pública e as construções e reformas do entorno, levam a patuleia impiedosa a suspeitar de *jaboti em poste*. Pessoas da mais *alta sociedade e acima de qualquer suspeita*, na nobre vizinhança, apontadas como donas das “casas dos achadores de dinheiro”. Durante décadas, em Natal, qualquer construção ou sinal de prosperidade, recebia a sentença implacável e chistosa dos populares: *achou dinheiro!*

As casas dos *achadores de dinheiro* merecem a imortalidade das lendas do folclore potiguar. Pois as fábulas, os mitos integram a história. Reais e imaginárias, as lendas, desde Homero, o antigo, são transmitidas, de geração em geração. Elas são traços

da cultura popular, do folclore, do qual, na BR 101, entrada de Natal, a capital do Rio Grande do Norte, uma placa presta justíssima homenagem ao filho ilustre: “Esta é a Terra de Luís da Câmara Cascudo!”. Melhor assim. Terra do maior folclorista brasileiro e não dos folclóricos *achadores de dinheiros*.



## 14 As Guerreiras

A grande Revolução Francesa de 1789 tornou-se o paradigma das revoluções e o acontecimento político dos mais marcantes do mundo ocidental. Por isso foi sempre muito estudada, vasculhada e interpretada por historiadores e escribas de diferentes escolas e formações. No plano discursivo, qualquer análise dessa revolução terá a luta pela liberdade e igualdade.

A história humana, uma obra inacabada de homens e mulheres, tem sido escrita na perspectiva dos homens, assim, também a história das revoluções. O papel das mulheres, na história escrita por homens, quase sempre foi reduzido e deturpado. Os atores são protagonistas, as atrizes coadjuvantes, esquecidas, relegadas, ou renegadas, pela historiografia com viés machista.

Porém, tanto as mulheres quanto os homens, exercem papéis diferentes, ora são protagonistas, ora operam nas coxias. E as maiorias, de homens e mulheres, restam anônimas. O registro histórico tem sido, ordinariamente, dos heróis e líderes, das conquistas de Napoleão. Sem os soldados? E bem mais injusto, em relação às mulheres, sejam elas das massas anônimas, sejam elas protagonistas, rainhas czarinas, heroínas, guerrilheiras.

Julles Michelet procurou registrar o papel das mulheres, na Revolução Francesa e dividiu seus papéis. A seu ver, a rainha, com papel nefasto bem exagerado pela historiografia. As aristocratas, vítimas do furor popular, como a princesa Lambelle. As heroínas sangrentas, quase loucas, passionais, guilhotinadas, Choarlotte Corday e Mericourt. As muitas anônimas, senhoras do povo. Importa a constatação, na síntese: *Elas estiveram à frente da revolução. Não é de admirar que elas sofriam mais.*<sup>96</sup>

Portanto, nem mesmo a maior revolução libertária e igualitária da humanidade foi justa com as mulheres. Somente em 1793, a Convenção aprovou o “sufrágio universal masculino”, e privou as mulheres do voto. Elas estavam livres dos grilhões feudais, mas, permaneciam privadas de cidadania. A rainha Maria Antonieta e Charlot Corday, a assassina de Marat, são destacadas, mas negativamente. A liberdade e a igualdade entre os mulheres na revolução estão presentes em expressões artísticas, pinturas e esculturas. Na bela pintura *La liberte guidant le peuple* de Delacroix, no Museu do Louvre. E na

---

<sup>96</sup> MICHELET, Julles. *Histoire de la revolution*. Disponível em <https://archive.org/details/histoiredelarv08michuoft> acessado em 07.08.2015.

representação simbólica da República francesa. Mas, as mulheres francesas, tinham muitas bastilhas para derrubar, *comeram muito toucinho cabeludo*. Batalhas e lutas pela efetiva igualdade, para muito além da revolução de 1789.

As mulheres do Rio Grande do Norte, historicamente, acompanham as vanguardas sociais e políticas, das lutas de libertação e da igualdade. E, no entanto, são pouco estudadas pela historiografia. São injustiçadas, particularmente, na historiografia da Revolução de 1935. Pois a par da questão de gênero está a questão da classe social. São esquecidas, ou relegadas a plano secundário. O espectro da tradição patriarcal atormenta aos vivos.

A grande mulher e destacada militante comunista Olga Benario, ordinariamente, é reduzida à *mulher de Prestes enviada de Moscou para acompanhar o Cavaleiro da Esperança*. A comunista revolucionária Leonila Félix, foi *mulher de Epifânio Guilhermino*. Essa concepção presente na historiografia escrita por vencedores e por vencidos, com raras exceções. Esse papel coadjuvante reservado às mulheres na história, nivela por baixo, a historiografia dos vencidos e a visão tradicional dos vencedores.

Mas, *nem tudo está perdido*. Novas perspectivas historiográficas analisam e colocam o papel das mulheres nos lugares devidos, dos acontecimentos, a exorcizar fantasmas da dominante tradição patriarcal.<sup>97</sup>

Releva anotar, todavia, que a questão do gênero também perpassa a questão das classes. Certos registros do papel feminino aparecem inclusive na historiografia patriarcal e tradicional. Aqui e acolá se destaca o *pioneirismo* das mulheres. No Rio Grande do Norte destaca-se o pioneirismo do alistamento eleitoral e do *sufrágio* feminino, Celina Guimarães, a primeira eleitora, e Alzira Soriano de Souza, a primeira prefeita, em Lajes. Também registra-se Maria do Céu Fernandes, uma das primeiras deputadas eleitas do Brasil. Porém, *até entre as flores, há diferença de sorte*, repetia Dona Rosa.

Qual o registro feminino das lutas sindicais urbanas e rurais? Da campanha revolucionária de 1935? Elas são personagens espectrais, quase invisíveis. O Rio Grande do Norte não discrepa de outros rincões, ordinariamente, esconde essas mulheres, as guerreiras injustiçadas, reduzidas a figurantes. Coadjuvantes e seguidoras de maridos,

---

<sup>97</sup> No sentido da busca de novos métodos e paradigmas da história sobre 1935 destaco o trabalho de Isaura Amélia Rosado e Laélio Ferreira de Melo (Org.) e o artigo de Aloízia Medeiros Freire: *O papel da mulher na Insurreição Comunista*. Disponível em: <[www.dhnet.org.br/memoria](http://www.dhnet.org.br/memoria)>. Acesso em: 15 jan. 2016.

“vestidas de homem”, “amásias” e “amantes”. Das anotações preconceituosas dos livros, cartas, artigos, depoimentos e documentos oficiais.<sup>98</sup>

Mulheres, efetivamente, participam das lutas sociais. Não foi diferente nas efemérides revolucionárias de 1935. Minoritárias? Sim. Mas. Presentes e marcantes. Foram trinta e três mulheres indiciadas e denunciadas, no Tribunal de Segurança Nacional. Dentre elas, algumas com projeção nacional. As comunistas Olga Benario, Katarina Shissler e Elvira Fuentes. Elas foram presas, torturadas e deportadas, pela polícia do nazista Filinto Müller. Mulheres e judias, Olga e Katarina foram deportadas pelo Governo Vargas para serem assassinadas na Alemanha nazista. Cabia, realmente, muito mais gente, no banco dos réus do Tribunal de crimes nazistas, em Nuremberg.

O contingente feminino potiguar na revolução foi expressivo: correspondeu a 42% das indiciadas, do Brasil. No rol das denunciadas estão Amélia Reginaldo, Antônia Gomes, Celina Maura Barreto, Ester de Assis, Iracema Pinheiro Amorim, Leonila Félix, Luiza Laurentino, Maria da Cruz Nunes, Maria Meireles, Maria Mendes, Maria Otília, Marieta Bezerra Alves Feitosa, Raimunda Pires e Vitalina Alice.

Amélia Reginaldo foi condenada, à revelia, a cinco anos de prisão. As outras foram absolvidas, por falta de provas.

Aloízia Medeiros Freire realizou uma importante pesquisa nos fichários policiais e processos. Traz os dados da participação feminina, em 1935: a maioria das revolucionárias, em Natal, morava no bairro pobre das Rocas, ou pertencia às classes médias, eram morenas e alfabetizadas, sem profissão definida e militantes filiadas à União Feminina Brasileira (UFB), a organização de mulheres vinculada à Aliança Nacional Libertadora, estimulada pelo Partido Comunista.<sup>99</sup>

O Procurador interino da República no RN denunciou Amélia Gomes Reginaldo, Luzia Gomes dos Santos, mãe de Amélia, Leonila Félix, Chica Pinote e Chica Gaveta. Amélia Gomes por participação na tomada do 21º BC e pela edição do jornal *A Liberdade*. Amélia Gomes conseguiu escapar e dedicar-se à luta revolucionária clandestina. Daí em diante, não dispomos dos seus dados biográficos.

Quanto à Leonila Félix, a denúncia epigrafada registrou-a como

esposa ou companheira de Epiphanyo Guilhermino, tomou parte ativa no movimento subversivo, dando seus serviços no 21º BC, onde vestiu farda e armou-se. É acusada da tentativa de sequestro do Chefe de Polícia

---

<sup>98</sup> Denúncia do Procurador Interino da República Dr. Carlos Gomes de Freitas, de 03.09.1936.

<sup>99</sup> Cf. FREIRE, Aloízia Medeiros. *Ob. cit.* p. 2-3.

do xadrez, para evidente fuzilamento [...] Leonila Félix tomou parte ainda num saque de peças de brim e morim, para encadernação, na Seção de Avulsos da Imprensa Oficial.

O doutor Procurador presumiu que Leonila Félix tentou fuzilar o Chefe de Polícia – ela armada de fuzil, ele preso no 21º BC – e que ela também pretendia roubar *peças de brim*. Faltou bem pouco para o hermeneuta concluir que Leonila Félix pretendia retirar as vísceras do João Medeiros em sessão de tortura e usar o brim roubado para mumificar o cadáver com emprego de técnicas egípcias repassadas pelos *Agentes de Moscou*. Presunção é exercício de lógica quando existe lógica.

## 15 A Gangorra dos números

Pitágoras é morador do bairro de Igapó, lente de aritmética básica. Repetia à exaustão: *os números não mentem!* Professor antigo, dos tempos da tabuada e da régua palmatória, toda conta havia de bater com exatidão. Obsessivo pela exatidão numérica, o Pitágoras de Igapó. Contratado para fazer a contabilidade da Revolução de 1935, diante de tantas informações desencontradas, mormente sobre a quantia do dinheiro roubado, dos valores devolvidos, das pessoas mortas, dos feridos, dos indiciados, dos condenados o lente surtou. E correu nu, a não dizer como nasceu, com a indefectível gravata borboleta, seguindo atrás do trem, atirando pedras. Vem daí a expressão *doido de pedra?* Não sabemos. De certo o Pitágoras foi colocado na camisa de força. E passou o resto dos dias, na Colônia dos Alienados de Natal. Recebeu os cuidados terapêuticos de calabouço, banhos e choques do Vicente Lopes<sup>100</sup>. Diz o brejeiro, *tem doido pra tudo*.

Apesar dos riscos e perigos da contabilidade, do triste fim do Pitágoras de Igapó, os números dão informações essenciais. Daí os diversos trabalhos de pesquisa do método tabular quantitativo, da velha tabuada do professor de Igapó, empregado às ciências sociais. Nele, tudo passa pelo crivo da contabilidade.

Sobre a composição social dos insurretos, a classificação das profissões: 02 advogados; 01 agrimensor; 01 agrônomo; 73 agricultores; 14 artistas; 03 barbeiros; 01 caldeireiro; 01 comerciário; 01 celeiro; 44 comerciantes; 01 coveiro; 03 deputados; 02 dentistas; 16 “do lar”; 04 eletricitistas; 02 enfermeiros; 01 engenheiro; 125 estivadores; 07 estudantes; 02 farmacêuticos; 01 ferreiro; 03 ferroviários; 01 fogueteiro; 46 funcionários públicos; 01 funileiro; 20 guardas civis; 01 contador; 02 industriais; 14 jornaleiros; 09 jornalistas; 09 marceneiros; 01 maquinista; 04 mecânicos; 01 médico; 04 operários; 01 ourives; 03 pescadores; 02 peixeiros; 06 pedreiros; 04 presidiários; 03 padeiros; 01 pintor; 08 proprietários rurais; 14 sapateiros; 08 tipógrafos, 158 soldados; 35 cabos; 22 sargentos; 23 oficiais da PM e nenhum do Exército.<sup>101</sup>

---

<sup>100</sup> O Hospital dos Alienados sucedeu o antigo Lazarento. O Dr. Vicente Lopes foi primeiro psiquiatra em Natal. Em 1935, iniciou a terapêutica de águas termas, camisas de força, calabouço, fixação nos leitos. Cf. OLÍMPIO, Maciel. *O Hospital Psiquiátrico em Natal*. Disponível em: <<http://www.institutojosejorgemacial.org.br>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

<sup>101</sup> Trabalhos relevantes com dados numéricos e tabelas ajudam a entender a base social da revolução de 1935 em Natal, com a especificação das profissões dos indiciados. Nesse sentido, ver as obras de Marly Viana, Kleber Oliveira e Homero Costa (*ob. cit.*, p. 162,163).

Se os números não mentem, como lecionava o doido de Igapó, a versão da Revolução de 1935 ter sido uma *quartelada de militares comunistas* não tem sustentação alguma. Militares existem, em grande número. Elementos das fileiras da Aliança Libertadora e do PCB, algumas lideranças nacionais, Luís Carlos Prestes e Herculino Cascardo, havidos como heróis do *tenentismo rebelde*.

Contudo, no Rio Grande do Norte, a maioria absoluta dos revolucionários foi de civis. Os militares, representam 45% dos insurgentes denunciados, soldados, cabos, sargentos. Nenhum oficial do exército e alguns da PM. Os *operários* representam 27%; trabalhadores em geral, comerciários, padeiros, barbeiros, sapateiros, professores e funcionários públicos, 11%; profissionais liberais, representam 11%.

Justamente no exercício de fazer e refazer contas, dos indiciados e condenados, pelo Tribunal de Segurança Nacional, o lente de Igapó acabou no manicômio. Ora, o Tribunal de Segurança foi criado especificamente para processar e julgar os *crimes contra a segurança nacional*. Entenda-se julgar os crimes da Intentona Comunista. O TSN processou mais de 5.000 pessoas, distribuídas por mais 600 processos, avocados pela jurisdição nacional, de todo território nacional.

Os autores se baseiam em dados fornecidos por outros autores do tema ou suas próprias contas, esmiuçando e fuçando nos arquivos do TSN. Em qualquer dos casos, eles apresentam números divergentes, contabilidades que não batem. Homero Costa computou 1.039 indiciados do Estado, e ele mesmo ressalva que o resultado não converge com o apresentado por Marly Vianna, outra pesquisadora desse tema.

Tentemos entender. O malsinado Tribunal de Segurança Nacional, órgão da Justiça Militar, foi criado pela Lei nº 244, de 12/09/1936, com sede no DF, Rio de Janeiro e jurisdição excepcional militar nacional. Nessa condição, passou a avocar para o tribunal no Rio todos os processos do *movimento extremista* de novembro de 1935, de qualquer rincão do país. A mesma lei instituidora do TSN operou *inovações processuais*. Essas inovações e procedimentos dificultavam a defesa dos acusados.

Os acusados podiam ser julgados presencialmente, ou à revelia. Às custas das defesas, dos curadores na conta dos réus. Com três dias para defesa e podendo arrolar, no máximo, cinco testemunhas. Os procurados sem limites de testemunhas ou outros meios de provas, contavam com maior prazo às denúncias.

Cinco “juízes” nomeados pelo Presidente: dois militares, dois civis, um da carreira da magistratura. O colegiado decidia pelo “livre convencimento”: Condenava ou

absolviam, independentemente do teor da denúncia. Tampouco ficava adstrito à qualificação criminal da peça acusatória, nem às provas dos autos. A condenação de quem pegou em armas era jurisprudência cediça.

Chegavam ao TSN processos dos quatro cantos do país. Lá na instância da Segurança Nacional os processos eram reenumerados. Justamente, essa operação de reenumeração de processos remetidos de juízos *a quo* ao Tribunal *ad quem* tem propiciado a confusão dos números.

Também, do fato de alguns denunciados indiciados figuraram em dois ou mais processos, casos dos principais líderes. Em locais ou estados diferentes, são computados. Contados isoladamente, o resultado obtido difere da contagem conjunta. Prestes, por exemplo, pode ser computado como um, como de fato era, ou multiplicado por três.

Algumas metodologias utilizadas consideram os números redondos, a contabilidade geral dos números contidos, em cada processo. Somam tudo. Outras metodologias, mais laboriosas e precisas, deduzem as repetições dos nomes, já computados, em outros processos.

Do Rio Grande do Norte subiram para o TSN trinta e sete processos: 19 da Capital, 03 de Mossoró, 02 de Nova Cruz, 02 de Santa Cruz, e Macau, Ceará-Mirim, São Gonçalo, Canguaretama, Arêz, São Miguel, Goianinha, Lages, Acari e Currais Novos, 01 processo, respectivamente, para cada cidade. Os indiciados totalizam 712 pessoas, das quais 168 seriam condenadas à prisão, chega a 24% a condenação.

A despeito do caráter de exceção do TSN e das sérias limitações às defesas, mais de 70% dos indiciados foram inocentados. Apesar da sede de condenação, faltavam provas. A insubsistência do denunciamento: centenas de pessoas, Brasil afora, vítimas desse denunciamento, acusações infundadas. A delação estimulada oficialmente e a facilidade de apontar qualquer do povo como partícipe da revolução. Uma boa maneira de se livrar de um desafeto ou inimigo, acusá-lo do crime supremo: *é comunista!*

Computou-se o indiciamento de 474 civis e de 238 militares. Em termos absolutos e proporcionais, as condenações de civis superam as condenações militares, 30,2% da caserna foi apenada.

Uma questão intrigante, no mínimo. Seria obra do além, de *alma do outro mundo*? Ou *L'esprit de corps* deste mundo, obra do aquém. Perquirindo a disparidade dos denunciados e condenados, civis e militares, com a lógica do brejeiro, esperava-se que o TSN condenasse mais os militares. Com mais razão e rigor, afinal os militares, quebraram

duplamente a confiança, a da corporação e da nação, da hierarquia e da disciplina. Mas, essa lógica *foi pro brejo*.

A gangorra dos números oscila mais no tocante ao dinheiro. Na contagem do dinheiro saqueado, do dinheiro recuperado e do devolvido ao tesouro. São três porteiros distintas. E tem *boi nessa linha*. Bancos, Prefeituras, Mesas de Rendas, foram pilhados, na Capital e no interior do Estado. No banquete do dinheiro público, a revolução fazia bacanais de Herodes. Os míseros oitocentos contos devolvidos não representavam um terço do dinheiro desaparecido. Talvez, por tanto dinheiro difuso, espalhado em locais incertos e não sabidos, haja gente cavando buracos em quintais até os dias correntes, em Natal.

Encrespa bastante o calculista exato, a contabilidade dos defuntos da revolução. Nas contas, deduzidas as valentias e covardias, os fatores e produtos, mesmo assim, os números dos mortos não batem. Lembram a métrica do brejeiro a do *olho dono engordar o boi*.

Não vale a pena a contagem. O cadáver do banhista, encontrado, dias depois, afogado no *Poço do Dentão*, entrou na fatura dos mortos da revolução. O Major assassinado pela esposa em conluio com o amante, foi obra dos comunistas. Até as vítimas fatais da febre do rato aumentaram a conta.

Os agentes da lei foram por demais diligentes e precisos no tocante à devolução das quinquilharias, do material encontrado em posse dos subversivos. Tudo foi devidamente arrolado, classificado e numerado:

01 espelho, 10 quilos de café em caroço, 2 quilos de queijo do reino, 4 latas de leite condensado, 1 lata de Toddy, 1 lata de ervilhas, 1 lata de azeitonas, 1 bolsa para criança, 1 lenço de seda, 1 relógio de pulso, 1 rosário de contas de louça, 1 tubo de pasta para dentes Kolynos, 2 toucas para crianças, 1 tubo de pasta para dentes Colgate e 7 cortes de casemira.<sup>102</sup>

A fortuna de mais de quatro mil contos de réis saqueados, jamais foi devolvida aos cofres públicos. Mais fácil encontrar tubos de pasta de dentes que pacotes de dinheiro. Calha o comentário anônimo do século XVII: “Os piores ladrões são os que têm por ofício

---

<sup>102</sup> Cf. Ofício nº 405, do Dr. João Medeiros Filho, Chefe de Polícia do RN.



livrar-nos dos ladrões. Em vez de nos guardarem as fazendas, são os que maior estrago nos fazem nelas”.<sup>103</sup>

---

<sup>103</sup> Anônimo Século XVII. *A arte de furtar*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

## 16 O conto do vigário dos infiltrados

Os egípcios praticavam a espionagem antes de Cristo. É vício antigo obter informações sigilosas, à vantagem dos *segredos* escondidos, por adversários. É fundamental, nas guerras, na opinião de Sun Tzu.<sup>104</sup> Há registro de espões em todas as épocas, da história humana. Nas guerras antigas, medievais e contemporâneas. Espiões infiltrados nos partidos, nos movimentos, nas revoluções, nos governos, nas empresas. Dos antigos *olhos e ouvidos do rei* à última tecnologia dos drones.

Porém, foi após a Segunda Guerra Mundial, com o advento da Guerra Fria, que os espões tornaram-se mais importantes e célebres. Na história recente, da guerrilha brasileira, dos anos de chumbo, ganhou fama o Cabo Anselmo. Tonou-se o dedo-duro que mais prejuízos e estragos causou à esquerda revolucionária do Brasil. Infiltrou-se na esquerda, recebendo treinamento em Cuba, participando da luta armada. E delatando um mundo de gente, vários assassinados. O breve introito é para afastar qualquer ingenuidade em relação ao serviço *de inteligência* do Estado.

Os tipos infiltrados decerto estiveram presentes na Aliança Nacional Libertadora, no PCB e na Internacional Comunista. Nos episódios, de 1935 em Natal e no Brasil, provavelmente.

Registre-se, porém, que sobre a atividade dos agentes duplos, desses elementos infiltrados, dedos-duros, decerto, pela própria natureza do ofício, não existe um único trabalho baseado em pesquisa confiável e séria. O estudar da infiltração policial nos eventos de 1935 precisa de pesquisa aprofundada e objetiva, um desafio digno de Hércules. No entanto, pululam bazófia e presunções, infâmias e difamações, sobre o papel da espionagem e espões. A extensão dos estragos por eles provocados, pelos espões, e pelos acusados, injustamente, é incalculável para o movimento revolucionário e para o comunista, em particular.

Reconhecer uma possível ou provável presença de delatores, com os cuidados devidos, pela cegueira da paixão política. Cuidar do Partido como *da menina dos olhos* da lição de Ho Chin Min. Sem jamais esquecer os inimigos de classe e os graves prejuízos que podem causar.

---

<sup>104</sup> Leciona o grande estrategista Sun Tzu. Cf. Tzu, Sun. *A arte da guerra*. São Paulo: Martin Claret, 1998.

Com essa perspectiva, refutamos, integralmente, a versão de *infiltração policial como a causa da derrota da Revolução de 1935*. E o fazemos pelos seguintes motivos. Primeiro, não são os espiões que criam e movem a história. A história move-se no espaço da *luta de classes*, as relações econômicas que “criam” burgueses e proletários, criam os antagonismos, os revolucionários, os espiões. O *cachorro abana o rabo, não é o rabo que abana o cachorro*, no dizer do brejeiro. O materialismo histórico e dialético situa a revolução social como ápice da luta de classes, a combinação das causas objetivas e subjetivas, quando os explorados não mais aceitam a dominação e exploração.<sup>105</sup> Nessa luta de classes antagônicas, a biela do motor da história tem sua vida útil. Tudo está em movimento, em transformação, a ordem econômica, a política, a jurídica, ideologia, tudo que *é sólido se desmancha no ar*. Na dialética da natureza e da sociedade, o dedo-duro do delator não tem o poder de mudar a história. Por mais devastadora a delação, por mais estrago causado pelo dedo-duro, o tipo vil não tem o condão de mudar o rumo da história. Por isso deve ser colocado no *locus* devido, nas cloacas, nada mais.

Getúlio Vargas, em 1930, usurpou o governo de Washington Luís. Por essa razão valorizou mais que qualquer precedente à área da Segurança e da Propaganda. Manteve estritas ligações com a Gestapo de Hitler e Goebbels, intercâmbios e técnicas nos serviços de espionagem, tortura e contrapropaganda. Lembrar que o chefe do *staff* policial do DF foi encabeçado pelo nazista Fillinto Müller. Dessa estratégia resultam o Plano Cohen de Vargas *et caterva*, as prisões e perseguições, as deportações das mulheres judias assassinadas na câmara de gás da Alemanha nazista. Dizer que Vargas colaborou e recebeu ajuda de nazistas é uma sujeira a ser jogada debaixo do tapete da história.

Mas, foi do ovo da serpente nazista, justamente, que saíram as bases ideológicas de diversos planos, do governo Vargas. O plano da difusão da *infiltração policial* vem a calhar. Ressaltando o papel da contraespionagem elevava o prestígio do seu Governo. Mostrava eficiência aos brasileiros, a capacidade da polícia política, confiável. Polícia capaz de garantir a ordem institucional. Em sentido inverso, desconstruía-se o mito de organização dos comunistas. Desmoralizando-se os seus líderes. Achincalhando os dirigentes. Avacalhando a Aliança Nacional Libertadora e o PCB. Incompetentes e

---

<sup>105</sup> Cf. Desenvolvemos o tema da Revolução, na perspectiva do Materialismo Histórico e Dialético, no artigo “A Revisão historiográfica das Revoluções no Caminho do Reformismo e da Contrarrevolução”. Disponível em: <[www.unicap.br/ojs/index.php/historia](http://www.unicap.br/ojs/index.php/historia)>. Acesso: 12.10.2015.

vulneráveis, não confiáveis, nicho de delatores. Quem buscará abrigo numa oposição que é destruída pela ação de espiões?

Assim, factoides policiais, informações falsas, foram divulgadas na imprensa, até se tornarem verdadeiras, pela repetição. Aqui acolá, a apreensão de um “documento”, uma “caderneta” “bilhetes”, sempre anônimos, a comprometer, sem comprometer. Documentos forjados na bigorna da Polícia, a serviço e mando dos beneficiários, dos donos do poder. Essa *tese de infiltrados* foi forjada e difundida nos porões da polícia de Getúlio *et caterva*. Com claro objetivo de macular o significado e o sentido da Revolução de 1935. Para os comunistas esquecerem, com vergonha, e apagarem da memória. Para a memória não ser retomada, os erros corrigidos, a esperança revolucionária renascida.

No mosaico de factoides da revolução sobre 1935, podemos destacar os bilhetes de Bluche; a ação do espião inglês; o telegrama cifrado que precipitou a revolução e o espião judeu atuante no Recife.

O intento da polícia de retirar a revolução do campo da luta de classes, dos antagonismos políticos, e colocá-la no pântano de intrigas de Corte, de fábulas. Fuxicos, intrigas e fábulas, factoides, transformadas em verdades oficiais, divulgadas, noticiadas, vendidas como verdades, pior, compradas.

Tal a força da hidra propagandística nazista que seus opositores e muitos bravos combatentes compram a ideia, melancolicamente. Livros de história e de memórias de revolucionários, Agildo Ribeiro Barata, Leôncio Basbaum e João Café Filho são exemplos da força desse *conto do vigário dos infiltrados*.<sup>106</sup> Sem dados concretos, objetivos, sem indicar as fontes, falam em “monitoramento” do Governo Vargas, em precipitação intencional da revolução, presença de agentes infiltrados<sup>107</sup>.

Lôncio Basba aduz a amizade do *agente* com o chefe de polícia Aluísio Moura, em Natal. Está errado. O chefe de polícia em Natal foi João Medeiros e o delegado auxiliar, Enoc Garcia. Aluísio foi oficial do 21º BC, justamente, o quartel facilmente tomado pelos comunistas em 1935. Ocorre que esse livro de Basbaum foi referência para muitos outros. E novas versões reproduziram o mesmo equívoco.

---

<sup>106</sup> Expressão popular empregada para o golpe com uso de artifício ou ardil para enganar alguém que supõe levar vantagem e acaba no prejuízo, a exemplo da “compra” de “bilhete premiado da loteria”.

<sup>107</sup> Cf. CAFÉ FILHO, João Fernandes Campos. *Do sindicato ao catete*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966; BASBAUM, Leôncio. *História Sincera da República*. 1 a 3, Rio de Janeiro: Edaglit, 1962; BARATA, Agildo Ribeiro. *A vida de um revolucionário*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

No caso de João Café Filho, talvez por ele escrever mais as memórias propriamente ditas, registra uma opinião sem qualquer aprofundamento, sem apresentar bases documentais, sem referências.

Agildo Ribeiro Barata, foi o capitão comunista destemido e responsável pelo levante do 3º RI, no Rio de Janeiro. Decepcionado com as denúncias do stalinismo, levou longe demais a dissensão e os ressentimentos.<sup>108</sup>

A eclosão não simultânea e precipitada dos dois pronunciamentos de que o Governo estava cientificado pelos agentes provocadores infiltrados, permitiu que o Governo batesse por parte cada um dos dois focos da insurreição [...] a polícia tinha-se infiltrado nos órgãos do PCB e é absolutamente falsa a versão de que o Governo houvesse sido surpreendido pelos acontecimentos. Ao contrário: os agentes do Intelligence Service, do F.B.I. e da Gestapo com os agentes de Getúlio (Filinto Müller, etc.), na realidade, foram os que conduziram o baile, à cata de um acidente que servisse à ideia fixa de Getúlio: ficar.

Agildo lembra o tocador de violino do Titanic afinando o instrumento no naufrágio, subscreve aquela falácia perniciosa em nome da *luta ideológica*. Luta mal direcionada, autofágica. Equívocos que cometeram e cometem, ainda hoje, os comunistas brasileiros, a adubar a erva daninha semeada pela reação.

O jornalista Moacyr de Oliveira Filho, assessor parlamentar da liderança do PC do B na Câmara, prestou enorme serviço ao resgatar da clandestinidade cinquentenária Zé Praxedes. Porém, perde a perspectiva com ataques ao PCB dos “revisonistas renegados” e a Giocondo Dias, o Secretário Geral. Responsabiliza Giocondo pela precipitação do levante, suscitando uma suspeita leviana do revolucionário Giocondo Dias ser *agente infiltrado*.<sup>109</sup> Uma vida inteira dedicada ao movimento comunista e à revolução jogada no lixo, em face de disputa canina, territorial, pelo assessor comissionado. E qual foi a base da suspeita do jornalista Moacyr? O Relatório do delegado João Medeiros! Nele, Giocondo Dias foi um dos principais responsáveis, pela precipitação do levante do 21º BC. Os comunistas e intelectuais da tradição do PC fundado em 1922 não formam opinião com documentos policiais, pelo contrário, procuramos identificar as suas contradições e desmascarar as inverdades neles contidas. Confrontar os documentos da polícia com outras fontes mais confiáveis. Usar

---

<sup>108</sup> BARATA, Agildo. *A Vida de Um Revolucionário*. São Paulo: Alfa Omega, 1978.

<sup>109</sup> Cf. OLIVEIRA FILHO, Moacyr de. *Praxedes: um operário no poder*. São Paulo: Alfa-Omega, 1985. p. 55-60.

informações da polícia e formar convicções e para destruir a imagem de um revolucionário não é luta política, tampouco ideológica. É uma estupidez decorrente de deficiência teórica não perceber fazer o jogo dos serviços da polícia. Preferindo a opção da *cegueira da luta política* confundida com luta ideológica, a cogitar dúvidas de serviço policial com escopo de cristalizar as divisões e criar mais dúvidas e inseguranças entre os comunistas.

Com essa mesma estreiteza angular de visão, igualmente lamentável, a autodestrutiva luta travada no PCB ante a dissensão de Luís Carlos Prestes, nos anos oitenta. O escritor e dirigente comunista Paulo Cavalcanti, com a maioria do CC e contrário à corrente capitaneada por Luís Carlos Prestes aberta na *Carta Aos Comunistas de 1980*, equivoca-se. Não por ter ficado com a maioria do Coletivo Partidário, isso se coaduna com o princípio leninista de organização do *centralismo democrático*. Nesse aspecto, assiste razão a Paulo Cavalcanti e erra Prestes. Mas o equívoco de Paulo está na tentativa de reduzir o papel de Luís Carlos Prestes e em desqualificar a Revolução de 1935. Paulo faz uma “autocrítica” pública dizendo: “A quartelada de 1935 foi um dos grandes erros cometidos por Luís Carlos Prestes [...] O movimento de 35 foi mal pensado e mal encaminhado. Eu digo que não nos envergonhamos de 35, pois fizemos autocrítica.

110

Entretanto, o processo dialético crítico e autocrítico, desenvolvido por Lenine, não se confunde com fracionismo, divisionismo e liquidacionismo. Combater ideias é a luta de classes no campo ideológico. Mas, adulterar a memória e procurar negá-la, distorcendo os fatos, manipulando, não é autocrítica, muito menos, *verdade revolucionária*.

Gostem ou não os inimigos de classe, e os comunistas equivocados, Luís Carlos Prestes, foi e permanece o líder de maior expressão do movimento comunista brasileiro. Tratá-lo como *Napoleão* dos erros, como golpista atrapalhado, pequeno-burguês tenentista, renegado, é um equívoco enorme, que só serve à burguesia e aos seus áulicos e serviços.

Certamente a autofagia política dos comunistas, assistida e aplaudida dos camarotes da burguesia, diverte-se. Aceitar a desqualificação desmoralizante da Revolução de 1935, a mais gloriosa e emblemática luta dos comunistas brasileiros, como golpe, como quartelada, outro equívoco.

---

<sup>110</sup> Palestra na UFRN (apud CORTEZ, 2015, p. 63).

Erros e equívocos, os comunistas e não apenas eles, cometeram na Revolução de 1935, em Natal e no Rio Grande do Norte. Cabe estudá-los, aprender com eles e dar prosseguimento à luta.

O desavisado pode imaginar que essas querelas são águas passadas. Os protagonistas estão mortos, ou velhos demais. Ledo engano. Toda história, é contemporânea. Quase oitenta anos depois, a tese da *infiltração policial* ressurgiu. Renascida e pintada nas tintas do pós-Guerra Fria. Recepcionada e festejada pela mídia *independente e informativa do Brasil varonil*. O novo produto cultural da indústria anticomunista, com 600 páginas escritas a quatro mãos, Robert S. Rose e Gordon Scott. O calhamaço é apresentado como romance “documentado” sobre a vida do espião alemão Jhonny Graaf, comunista que passou a servir à polícia inglesa: *o espião que detonou a revolução comunista de 1935*. Numa ostensiva propaganda anticomunista, deprecia a URSS, a Internacional Comunista, Luís Carlos Prestes e os comunistas, nacionais e internacionais. Segundo os dois biógrafos, com a eclosão da revolução, em Natal, Getúlio Vargas procurou o Serviço Secreto inglês. E o Jhonny Graaf, tipo superagente 007, teria avisado ao Mister Hutte. Este se encarregou de tranquilizar o Presidente Vargas. *Não havia a menor chance de a revolução ser bem-sucedida, pois era uma quartelada.*<sup>111</sup> No relato do espião, os militares rebeldes e comunistas não tinham preparo para tomar o poder, pois confundiam desejo com realidade. Assim, temos de um lado, uma polícia eficiente, de outro, comunistas débeis confusos. Endossar esse diagnóstico, sim, é fazer o trabalho da polícia.

Não é *segredo* que a rebelião de 1935 foi aproveitada, na estratégia golpista de intento continuísta de Getúlio Vargas. Na escalada das medidas autoritárias, o fantasma da revolução servindo ao terrorismo do Estado na supressão de liberdades. A pôr lenha na fogueira do ambiente psicológico de terror e pânico, criado com o Plano Cohen e para o golpe *Salvador da Pátria*, em 1937.<sup>112</sup> Porém, não foram os comunistas e os revolucionários de 1935, os criadores e executores da Lei Monstro de Segurança. Nem eles decretaram a extinção dos partidos, nem suspenderam as eleições presidenciais. Nem

---

<sup>111</sup> ROSE, S. Robert; SCOTT, D. Gordon. *Johnny: a vida do espião que delatou a revolução comunista de 1935*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

<sup>112</sup> O falso Plano Cohen, uma das maiores farsas oficiais perpetrada pelo Governo Vargas foi atribuído aos comunistas para justificar o Golpe do Estado Novo em 10.11.1937. Elaborado pela própria polícia de Getúlio, como veio à tona tempos depois, a farsa foi difundida com pompas oficiais nos meios de radiodifusão do país, para alarmar a população. O plano diabólico atribuído aos agentes de Moscou objetivava matar o Presidente Vargas e várias autoridades da República para desestabilizar a nação.

os elaboradores e difusores da fraude em cadeia nacional de rádio na Voz do Brasil, do “Plano Criminoso dos Comunistas Cohen”. Acolher a tese de 1935 servindo à implantação da ditadura do Estado Novo, é uma inversão dos fatos, pois a escalada golpista estava em trote solto, e a revolução representava exatamente a esperança de libertação nacional do jugo do capital e da aliança burguesa oligárquica reacionária que controlava o Estado nacional.

O apregoado *maquiavelismo* de Vargas existe e não. Existe no sentido de não medir meios para permanecer no poder. Não existe no sentido de ter *precipitado a revolução*. Ora, revoluções e revolucionários não são marionetes manipuláveis das coxias. Não são presos por cordéis nos quais os donos do espetáculo controlam os movimentos. O furor da dinâmica revolucionária lembra o *estouro da boiada*, que arrasta e deixa destruições. Nessa dinâmica da força revolucionária, o núcleo hegemônico tenta e procura direcionar seu rumo. Porém sem a certeza, sem o condão de determinar a exatidão dos resultados. Todas as revoluções sociais carregam forças imprevisíveis. No ano de 1935, no Brasil, respirava-se o clima da Revolução Nacional, de Norte a Sul. Contavam as ações de atores coletivos, ANL, PCB, IC, o governo Vargas, os governos estaduais. Atribuir a eclosão da revolução em Natal a Vargas, ou acolher que ele assumiu os riscos de deixar que ela se desenvolvesse, não é tese sustentável. O rei não coloca o pescoço na guilhotina confiante que a engenhoca não vai funcionar e ele vai cortar a cabeça do carrasco depois. Os riscos imponderáveis de deixar correr a revolução para melhor sufoca-la, afigura-se tão improvável como colocar o pescoço na guilhotina para salvar a vida.

Os comunistas defendem a natureza popular ampla da revolução e refutam a ideia de ação exclusivamente comunista para definir a Revolução de 1935. No documento oficial do Partido, logo após o malogro da revolução aduzem:

a camarilha de Vargas grita que a ANL é comunista e que a insurreição de novembro foi comunista porque o partido comunista apoiou a ANL [...] A insurreição brasileira não foi uma revolução comunista [...] foi organizada e dirigida pela Aliança Nacional Libertadora<sup>113</sup>.

Os comunistas do PCB estão devendo um sério balanço crítico e autocrítico do movimento revolucionário de 1935. Existem opiniões e comentários de lideranças e

---

<sup>113</sup> Cf. A última insurreição brasileira e as provocações do governo no Brasil (1936). In: CARONE, Edgard. *O PCB corpo e alma do Brasil*. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 194-195. v. 1.



personalidades. Luís Carlos Prestes, no Informe do CC do 4º Congresso do PCB, de 1954, destacou a “pouca inserção do Partido na classe operária e no campesinato além das concepções radicais pequeno-burguesas de viés tenentista”<sup>114</sup>. Prestes culpou as concepções golpistas da direção do Partido, pela precipitação da luta armada. Ele fazia parte dessa direção e era um dos mais entusiastas da concepção da revolução. O que o faz mudar de opinião? Quais fundamentos? Prestaria bons serviços à revolução se fundamentasse a sua conclusiva.

No ano de 1956, por ocasião do XX do PCUS e das surpreendentes denúncias do *Relatório Secreto de Krushev* dos crimes do stalinismo, ocorreram rupturas traumáticas, no movimento comunista, internacional e nacionalmente.

Entre nós, o primeiro revolucionário orgânico a romper foi Agildo Barata. Barata lançou o manifesto *Pela Renovação e Fortalecimento do Partido*, de março de 1957, rompendo com o “centralismo democrático” e com o Partido.<sup>115</sup> Ressalte-se que defecção do PCB teve sentido crítico do *stalinismo*. Contudo, a semente lançada na ruptura de Agildo não medra, não há renovação nem fortalecimento com a divisão, há o enfraquecimento. Ainda sob os ecos das *denúncias do stalinismo*, o PCB reformulou a direção partidária e modificou a linha política, na célebre *Declaração de Março de 1958*. Surgem novas rupturas e dissensões. Na nova orientação política, o PCB lutava por uma política externa independente e pela paz mundial. Internamente, lutava pela reforma agrária e pelo desenvolvimento do capitalismo, com a *consolidação e ampliação da democracia*. Nas mudanças da Comissão Executiva do Comitê Central, saem os comunistas mais identificados com a linha anterior: João Amazonas, Diógenes de Arruda Câmara, Maurício Grabois e Sérgio Olmos; entram, como substitutos: Mário Alves, Giocondo Dias, Calil Chade e Ramiro Luchesi. E o novo secretariado formou-se com Prestes, Giocondo e Marighela.<sup>116</sup>

---

<sup>114</sup> Luís Carlos Prestes: “a influência do radicalismo pequeno-burguês, na direção do Partido, sob a forma específica do chamado golpismo “tenentista”, levou-nos a cometer o grave erro de precipitar a insurreição quando era ainda quase inexistente a aliança operário-camponesa”. Cf. *Informe de Balanço do Comitê Central do PCB no 4º Congresso*. In: *Problemas*, n. 64, dez. 1954.

<sup>115</sup> P. Segatto, José Antonio *et ali*. *PCB: memória fotográfica: 1922-1982*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 111.

<sup>116</sup> O comunista Carlos Marighela entrou no PCB em 1934. O destacado dirigente rompeu com o Partido no ano de 1967 e fundou a Aliança Nacional Libertadora – ALN, uma organização de luta armada em contraposição a tese da frente ampla e democrática dos antigos companheiros, para combater a ditadura militar. Os escritos sobre guerrilha influenciaram o movimento revolucionário na América Latina e na Europa. Considerado “inimigo nº 1 do regime”, Marighela foi fuzilado em 1969 numa emboscada policial, em São Paulo.

No mês de janeiro de 1962, a Revista *Novos Rumos* publicou a Resolução do Comitê Central *A Propósito das Atividades do Grupo Fracionista de João Amazonas, Pedro Pomar, Mauricio Grabois e Pedro Pomar*. A direção do PCB criticava como ação fracionista e expulsava do partido os comunistas e dirigentes que, no mês seguinte, fundariam o PCdoB.

Em fevereiro, João Amazonas, Pedro Pomar, Mauricio Grabois e Pedro Pomar Arruda Câmara e Calil Chade, lançam o Manifesto e Programa do PCdoB, Passam a reeditar o jornal *A Classe Operária*, a partir de março daquele ano. Em 1975, na passagem dos 40 anos da Revolução, *A Classe Operária*, jornal oficial do PCdoB publicou longo artigo intitulado *A Gloriosa Bandeira de 1935*. Embora não assinado, o texto é atribuído a Pedro Pomar, bravo comunista, brutalmente assassinado pela ditadura militar no ano seguinte, 1976.<sup>117</sup>

Pedro Pomar faz um balanço detalhado, no qual analisa o avanço fascista do pós-Primeira Guerra e a ambiência às vésperas da eclosão da Segunda Guerra. Descreve o papel da Aliança Nacional Libertadora, enquanto movimento antifascista, as reações do Governo Vargas. Pontua as contradições das classes dominantes e a intensa agitação política de Norte a Sul. Sintoniza o contexto do Partido, ao apressar *o desfecho da ação armada e lançar a palavra de ordem de Governo Nacional Popular Revolucionário, com Prestes à frente*. Faz breve relato dos sucessos, em Natal, Recife e Rio de Janeiro. E o mais importante, Pomar refuta, com força revolucionária, as *injúrias e falsidades* que visam apagar a memória dos patriotas de 35. Combate o fascismo dos generais que deturpam os fatos nos ritos comemorativos e também a crítica dos liberais, dos conciliadores e dos reformistas que menosprezam o movimento, reduzindo-o a golpe.

A análise de Pedro Pomar foi a melhor e mais cuidadosa a respeito de movimento revolucionário de 1935, na opinião deste autor. Seria irretocável, na perspectiva analítica, não fossem as referências “aos renegados, Prestes e PCB” por ele acusados de “abandono dos objetivos revolucionários” e tratados como “defensores do nacional-reformismo”. A nosso ver, somente nesse aspecto, Pomar perdeu parte da amplitude de mirante, de sua perspectiva revolucionária, nesse olhar amiudado, do buraco da fechadura do aparelho partidário. Sem ofensa ao grande revolucionário e com todo respeitar a quem é capaz de sacrificar a vida pelas suas ideais.

---

<sup>117</sup> *A Classe Operária*, n. 102, órgão do CC do PC do B. In: OLIVEIRA FILHO, Moacyr de. *Praxedes: um operário no poder*. São Paulo: Alfa-Omega. p. 107-124.

Qual a melhor tradução do *Alcorão*? A dos aiatolás xiitas ou dos sunitas? Qual a melhor tradução do Partido Comunista: dos seguidores da Meca moscovita? A do Templo chinês? O comunista Pedro Pomar termina a análise sobre *A Gloriosa Bandeira de 1935* com frase pedagógica: *Nosso dever é aprender a lutar melhor e preservar.*

O que fizemos? O que estamos fazendo? Para aprender mais, lutar melhor e preservar convicções de comunistas revolucionários?

## 17 Lembrai-vos de 1935!

A frase *lembrai-vos de 35* representa o fantasma do comunismo, o espectro da Intentona Comunista. Fantasma a ser exorcizado. Nas lições de Goebbels, exterminados. Inda que preciso mentir, manipular fatos, adulterar documentos, falsificar e corromper. Repetidas e sucessivas vezes. Difundindo as mentiras até elas tornarem aceitas e assimiladas. A bazófia das *vítimas assassinadas enquanto dormiam*, açulam o anticomunismo. O *combate ao terrorismo comunista* da retórica nauseante da direita golpista.

Fraudes tipo Plano Cohen no caminho da ditadura do Estado Novo, na hegemonia ideológica, no pavor do “perigo comunista”. A mesma cantilena usada na fraude à deposição do Presidente João Goularte ao golpe em 1964. Estado Novo e Ditadura Militar, ambas, serviços de monopólios, dos financistas, e dos grandes capitalistas estrangeiros e nacionais. Com uma demão a mais nas tintas nacionalistas, na primeira, apenas.

O anticomunismo foi transformado em doutrina fundamental do Estado, no Brasil. Em algo pernicioso, em “doutrina exótica” e contrárias aos valores da família, da pátria e da propriedade. Consequentemente, os comunistas são eleitos inimigos a serem combatidos, denunciado, presos e banidos. Com essa retórica justificaram e buscaram legitimar os golpes de 1937 e de 1964, as torturas e assassinatos ocorridas nos subterrâneos da repressão. Encontraram financiadores e apoiadores para montar e treinar centros de repressão, assessorados por agentes da Gestapo e da CIA. O anticomunismo ou a ameaça comunista é o coringa dos reacionários e golpistas, sacados do bolso, no jogo político sujo da história republicana.

Foi no clima anticomunista de vigência da malsã Lei de Segurança Nacional, em 1975 que o Tarcísio V. Maia, governador do RN, inaugurou o célebre Memorial do Soldado Luiz Gonzaga. Trata-se de monumento ao Patrono da Polícia Militar Potiguar e herói da luta contra o comunismo.

Desde então, esse memorial da fraude no Cemitério do Alecrim em Natal, faz cerimônias no dia 27 de novembro, para saudar uma farsa, o *Doidinho* transmudado em herói. Memorial do povo de Natal a lembrar os dias de terror e de aflição sob o jugo comunista. Justa homenagem ao bravo tombado na Intentona Comunista. Memorial da fraude. Da adulteração. Da manipulação de informação. Memorial de propaganda do nazista Goebbels.

Na “perpetuação da memória”, o governo da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro ergueu o Memorial às vítimas da Intentona Comunista. Localizado na Praça

Tibúrcio, Praia Vermelha, também, anualmente, recebe as indefectíveis provocações, da direita canibal, contra os comunistas.

Memoriais desse tipo existem apenas nas repúblicas de bananas? Nos países capitalistas periféricos, com baixo nível de instrução escolar, com a patuleia ignara e inculta?

Os Estados Unidos da América, tidos como Primeiro Mundo e *terra das oportunidades*, possuem o seu “memorial” anticomunista. O Presidente George Bush, nos anos noventa, ergueu às proximidades do Capitólio, o *Memorial Victims of Communism*.

O mundo “livre” da estátua não devia esquecer dos milhões de mortos vítimas dos comunistas, discursava o George Bush. O pai da democracia mundial alimentava a propaganda anticomunista, mesmo depois dos capitalistas decretarem o fim do comunismo e da Guerra Fria. Depois da queda do Muro de Berlim e da bancarrota da URSS, os arautos do sistema capitalista proclamam o fim do comunismo. Mas, se está morto o “dento ruim” por que fazer vigília e gastar vela, por que tão, insistentemente, combatê-lo?

Vários, na falta de contas precisas, vale para qualquer número acima de dois, condenados do Tribunal de Segurança Nacional cumpriam suas penas nas ilhas do Governador e das Cobras e de Fernando de Noronha. Os destinados à Ilha de Noronha faziam escala na famosa Casa de Detenção, do Recife. Uma masmorra medieval, situada no centro do Recife, às margens do rio Capibaribe. A Revolução de 35 lotou a masmorra de presos políticos. O Partido Comunista organizou alguns cursos nessa prisão que foi apelidada de *Academia*. Os presos mais instruídos ensinavam o ABC do comunismo, o Manifesto Comunista e os estatutos e Programa do Partido aos menos preparados na “ciência”. Os instrutores procuravam passar o significado *dialético da revolução por etapas*, do caminho da revolução brasileira *nacional e democrática* explicar por que primeiro vinha a etapa *anti-imperialista*. Certo salineiro de Macau, bronco como sal bruto, assistia a todos esses cursos, com denodada atenção. Certo dia, o *coletivo prisional* decidiu convidá-lo para ele falar sobre a revolução nacional. Uma forma de prestigiar os alunos atentos. De avaliar os progressos da formação política. Todos reunidos, com a palavra o macauense:

Camaradas, vou direto ao assunto, porque quem gosta de dar volta em volta de carniça é urubu: Nossa revolução tem duas **tapas**. Na primeira

**tapa**, a gente derruba o imperialismo americano. Na segunda **tapa**, a gente derruba a burguesia!<sup>118</sup>  
Não obstante, as confusões das *tapas* e *etapas*, as lições da dialética *revolucionária* faziam sucesso na *Academia* do Recife. A tarefa do proletariado revolucionário acertar sua *tapa* no imperialismo estava cada vez mais difícil.

---

<sup>118</sup> Registro oral desprovido de meios documentais probatórios.

## 18 Epílogo

Passando em revista 35, os episódios que abalaram o Rio Grande do Norte, na noite do sábado 23 e encerraram manhã da terça-feira, dia 27, do mês de novembro, que restou para concluir?

A revolução começou em Natal e atingiu quase metade do Estado do RN, foi obra da Aliança Nacional Libertadora, não obstante sua eclosão decidida, pelo Comitê Regional do Partido Comunista.

O momento político do país de radicalismo, especialmente no Rio Grande do Norte, com o acirrado antagonismo das facções oligárquicas potiguares, forraram o caminho dos planos revolucionários, dos comunistas e da Aliança Nacional Libertadora.

No âmbito internacional, as complexas contradições dos países capitalistas pós-Primeira Guerra, de potências tradicionais e emergentes, nas disputas do mercado mundial, França, Inglaterra, Itália e USA, somadas à presença incômoda do socialismo, na URSS, criam as condições para o florescimento do fascismo e do nazismo.

Nessa conformidade, a retórica do liberalismo, adentrou em franco declínio, perdendo espaços para as concepções totalitárias, nazismo alemão, fascismo italiano e o comunismo russo.

O avanço do nazismo e do fascismo teve como contraponto as Frentes Amplas e Frentes Populares. O caráter antifascista e nacionalista das Frentes cristalizavam e demarcavam os campos de luta. A Aliança Nacional Libertadora foi a versão brasileira da Frente Nacionalista e antifascista, chegando a se tornar vigoroso movimento de massas.

No plano nacional, por um lado, pesam fatores como as contradições das classes dirigentes no novo rearranjo de poder, após a Revolução de 1930. Por outro, as debilidades e limitações da *revolução liberal* a causar defecções dos descontentes e frustrados com os rumos da revolução. O afastamento de atores que combateram os politiquinhos “carcomidos” Washington Luís, Juvenal Lamartine, alguns bandeavam à oposição. A Revolução de 30 operara rupturas e mudanças, mas conservara estruturas e dava continuidade a velhas práticas do drama nacional, país pobre, agrário e desigual, com enormes bolsões de miseráveis.

Nesse sentido, a revolução em 30, no primeiro momento, atacou a antigos grupos oligárquicos, depondo velhos líderes regionais e procurando fortalecer o núcleo central

do governo, através das nomeações das intervenções federais. A Constitucionalização em 1934 trouxe regras trabalhistas, porém, sem alteração das estruturas agrárias, sem afetar as relações dos camponeses. Tampouco alterado, o sistema político eleitoral permanecia propício às fraudes e uso da máquina, sem dar respostas satisfatórias às demandas mudancistas moralizadoras do sistema e também às demandas referentes à educação básica, secularmente, reprimidas.

A cultura política do golpe, ingrediente do receituário da política brasileira, perpassa toda sociedade, das velhas oligarquias do *café com leite* aos jovens militares do *tenentismo* que as combatiam, passando pelos coronéis, cangaceiros e comunistas. Todos os atores sociais vislumbravam e contavam com o caminho armado, o atalho do poder pelas armas, à míngua de canais normais do funcionamento e da efetiva institucionalização da democracia. As eleições, continuavam ilegítimas e fraudulentas, a representação presépio para inglês ver, o povo a vaca desse presépio.

Na presidência, Getúlio Vargas manobrava a continuidade do projeto de poder, manipulando as peças do tabuleiro político. Procurava atender as demandas da burguesia industrial, comercial e agrária, em aproximação com os setores alijados em 30. Governando em nome da nação, acima de classes com seu bonapartismo de viés pampeiro, cooptando pessoas e segmentos da burocracia militar e civil, acenando com garantias, às classes laboriosas.

Com *olho no padre, outro na missa*, recrudescia o regime e perseguia os anarquistas e comunistas do sindicalismo combatente, expulsando do país líderes da malta revolucionária, prendendo e torturando, trazendo o sindicalismo para dentro do Estado, domesticado, substituindo o sindicalismo vermelho pelo amarelo dos *pelegos*.

Em contradição com as liberdades conferidas pela Carta Constitucional de 1934, pelo próprio Getúlio promulgada, fechou partidos, interrompeu eleições, a combater a “agitação” das ruas. Paulatinamente, suprimindo liberdades e garantias constitucionais, forrava o caminho do golpe do Estado Novo. Nesse sentido, as medidas autoritárias do fechamento da ANL e da criação da Lei de Segurança Nacional e do Tribunal de Segurança Nacional, antessalas do Estado Novo, em 1937.

Os comunistas da seção brasileira da Internacional - PCB atravessavam período de empobrecido orgânico, de maior dependência externa e com o alijamento de quadros intelectuais pela deturpação obreira segundo a qual cabia exclusivamente aos operários a direção partidária para evitar desvios de classe. Nem sempre os operários eram os mais



aptos para exercerem as funções dirigentes partidárias, mas os “intelectuais pequenos burgueses” foram defenestrados das funções. Mudanças também decorrentes do ingresso dos militaristas egressos do *tenentismo* em decorrência da conversão do líder Luís Carlos Prestes ao comunismo.

No Rio Grande do Norte, circunstâncias particulares da política regional dão feição e significado originais à Revolução de 1935, diferindo de outros locais onde eclodiu o movimento insurrecional. O acirramento de disputas das oligarquias tradicionalmente dominantes do Estado, entre produtores e exportadores de algodão partidários do PP, do Governador Rafael Fernandes e outros filiados à Aliança Social do ex- interventor Mário Câmara. Os “maristas” aliam-se a João Café Filho na oposição e participam da revolução da Aliança Nacional Libertadora inspirada pelo PCB. Maristas e cafeístas participam da composição do Governo Popular. Enfim, foram também protagonistas da revolução nacionalista e anti-imperialista de 1935.

O clima local de contradição e insatisfação nos quartéis, o 21º BC em pé-de-guerra e as notícias de exclusões de praças presos, de extinção da Guarda Civil, levaram o Comitê Regional do PC em Natal *colocar o carro diante dos bois* e deliberar o desencadeamento, antecipado, da revolução, para não perder o “cavalo selado”, sem a autorização do Comando regional da revolução, sediado no Recife, conforme o planejamento.

A decisão da revolução em Natal, gerou debates internos do restrito comitê, porém foi aprovada, e decidida à tarde para ter início na noite do mesmo dia.

Meses antes, a guerrilha de guerrilha instaurava-se no Vale do Açu, comandada por elementos do PC, tratada, oficialmente, como bandos cangaceiros.

O episódio da dissolução da Guarda Civil, por retaliação política do governo do PP contra o ex-interventor Mário Câmara, não deve ser subestimado, tendo em vista tratar-se de das uma das maiores do Brasil, no gênero, e dos *maristas* contarem com articulações nos municípios interioranos, apoiados por vários *coronéis da oposição*, em aberta conspiração para depor pelas armas o governador, enfim, somatório de fatores favoráveis à interpretação do “momento de ebulição propício à revolução”, amadurecido.

O Governo constitucional potiguar com enormes dificuldades de articulação e composição política, demonstra enorme fragilidade, tendo em vista cair em mãos rebeldes por 82 horas e as autoridades debandarem, em busca de refúgios e asilos, sem oposição social, constituindo-se a resistência do Quartel da Polícia Militar, exceção entre

defensores da legalidade. Nem partidos, nem forças sociais organizadas, se opuseram, aos insurgentes, em Natal, na defesa dos depostos. Uma mobilização nesse sentido foi promovida a partir do Sertão por parte de agricultores e comerciantes de algodão com auxílio de tropas da força pública da Paraíba.

O governo revolucionário foi proclamado em ato público, e a composição da Junta Popular Revolucionária guardou o caráter de frente com presença de elementos não comunistas no novo governo.

Também a divulgação do Programa da ANL e dos boletins, e da edição especial de *A Liberdade* que não circulou, comprovam o caráter não comunista, da revolução. Houve a participação de dezenas de profissionais, urbanos e rurais, de proprietários rurais, comerciantes, advogados, poetas, estivadores, militares, políticos seguidores de Café Filho, de João Câmara, do PCB e a efetiva participação de mulheres filiadas à União Feminina Brasileira. Uma revolução de *elementos com ambições políticas difusas e desencontradas sem nenhum laivo de comunista*, assim definido no comunicado confidencial do Embaixador dos Estados Unidos ao Departamento Norte-americano, para o caso, insuspeito.<sup>119</sup>

No poder, o Comitê Revolucionário mostrou falhas e desorganização, adotou medidas sem aplicação prática, quais baixar preços de passagens de transportes coletivos sem o controle das empresas, do pão, sem farinha e sem padaria, ou pífias como a decretação de prisão de fiscais. Não faltaram recursos monetários à revolução em face de saques ao Banco do Brasil e às mesas de rendas das prefeituras, de modo a fazer distribuição e livrar-se, de qualquer forma, de sacos de dinheiros, na debandada, após a debacle.

Medida das mais relevantes à da formação de *Colunas do Exército Nacional Libertador* para avançar ao interior, a conquistar cidades e aderentes ao movimento, ocupando quase metade dos municípios potiguares. Mesmo assim, faltou critério seletivo, na escolha do chefe da coluna Oeste confiada ao sargento Wanderley, tipo sem convicções revolucionárias que capitulou sem combater e depois traiu o movimento em troca de benefícios pessoais.

Notícia negativa aos revolucionários, a derrota da revolução no Recife e no Rio, o avanço de tropas da Paraíba e do Ceará, arrefecem os ânimos revolucionários. Sem

---

<sup>119</sup> Datado de 20 de fevereiro de 1936 e liberado pelos Estados Unidos nos anos 80, a reportagem foi editada na revista Isto é, nº 62, p. 41. In: CAVALCANTI, 1978, p. 140.

rendição e sem enfrentamento, a evitar uma desnecessária e perdida guerra civil, a Junta Popular deliberou pela fuga e abandono da cidade. Nessa conformidade, cada um por si, ou em reduzidos grupos, evadiram-se como as condições permitiam, alguns encontrados e presos, outros escapam, retomando as atividades partidárias, na clandestinidade.

A repressão policial foi das mais violentas registradas, sobretudo contra gente do povo, a população dos bairros periféricos, de Rocas e Quintas. Uma onda de denunciismo banaliza-se com mais de mil indiciados no Rio Grande ao julgamento do Tribunal de Segurança Nacional, sediado no Rio de Janeiro, órgão de justiça militar excepcional e aviltante de princípios processuais da ampla defesa e contraditório.

Na análise das cônicas mais recorrentes, desse movimento de 1935, percebe-se o *cabo de guerra* no qual cada lado ressalta e omite apenas o que interessa ao lado da trincheira. Na ponta da corda das oligarquias do poder, dos coronéis do Partido Popular e da polícia, sustenta-se a versão de “revolução comunista”. Na outra ponta da corda, da oposição, marista, cafeísta, comunista e da ANL, Aliança Social, PCB, UFB a revolução nacional e libertadora.

As novas pesquisas, acadêmicas ou não, baseadas em fontes mais objetivas concluem que a versão *Intentona Comunista*, oficializada, foi manipulação dos vencedores. Criada e instrumentalizada à propaganda anticomunista da estratégia de poder, eficazes nos golpes e respectivas ditaduras, em 1937 e o *déjà vu* de 1964.

Na versão *Intentona Comunista*, os agentes de Moscou, são traidores da Pátria que pretendiam transformar o Brasil numa República comunista tipo soviética. Revolução pensada e planejada em Moscou, a *Meca Comunista*. Os “Agentes Vermelhos” nacionais e estrangeiros, financiados com *ouro de Moscou*, intentavam no sórdido plano comunista plantar no solo sagrado da Pátria a erva daninha do regime comunista. Regime estranho e repudiado pelo pacato povo brasileiro, povo cristão, devotado à família e respeitador da propriedade. Graças à ação dos mártires e patriotas, Getúlio Vargas, Governadores, o Brasil foi salvo e manteve-se na ordem natural. Os agentes de Moscou, são covardes, vis, comedores de criancinhas, estupradores, arrombadores, incendiários. Assassinarão patriotas dormindo, não se aplicando no caso o brocardo da *lei não proteger a quem dorme*, não era a lei, mas, ao contrário, o desrespeito à lei. Aos mártires da insana aventura comunista devem ser cultuados e daí os memoriais... *Lembraí-vos de 35!*

Na contestação do *caráter comunista* da revolução, a paternidade vai à Aliança Nacional Libertadora, a frente ampla, nacionalista e antifascista, com participação de forças civis, militares de todas as classes, profissões e tendências.

O caráter amplo de frente atesta-se pela presença do Prefeito da Capital, Pedro Ernesto, de militares não comunistas, Herculino Cascardo, Roberto Sisson, de Partidos da burguesia nacional, de proprietários agrícolas, empresários e comerciantes nacionalistas. Da Frente Nacionalista, Antifascista, Antimonopolista e Anti-imperialista, no Rio Grande do Norte participam partidos e personalidades, maristas e cafeístas, gente da oposição oligárquica.

A Revolução Nacional Libertadora representava uma esperança de mudança, a aurora da liberdade do Brasil. Chegava para conquistas a verdadeira independência do país, impulsionar o progresso econômico, social e político. Para remover os obstáculos históricos da opressão do país, e da miséria do nosso povo, assim identificados o imperialismo e as oligarquias feudatárias. Uma reforma agrária a acabar com a tirania inconcebível dos “senhores feudais”, a promover o progresso da produção agrícola. Uma reforma na democracia a aperfeiçoar o sistema eleitoral e partidário fraudulento e corrupto em sistema confiável, representativo. Uma reforma no ensino, para elevar a instrução básica a todos os brasileiros. A moratória da dívida externa, para evitar a sangria da Nação. Promover o setor produtivo nacional, decretar a nacionalização de bancos e empresas estrangeiras, enfim, colocar as riquezas materiais, culturais e humanas a serviço do povo brasileiro.

O brejeiro bastante citado, lembra: *cada qual com sua ciência*.

O Tribunal de Segurança Nacional indiciou milhares e condenou centenas de pessoas, comunistas, não comunistas. Mortes, em combates. Torturas e assassinatos, nos porões da polícia, nos campos de concentração da Alemanha, Olga e Katarina.

Manobras, ardis e falsificações alimentaram a ideologia do anticomunismo que serviu ao viés fascista do Governo Vargas, na ditadura do Estado Novo (1937-1945) e na dos militares, do pós-1964.

Não importa o que digam gregos e troianos, russos e americanos, objetivamente, as *Frentes Populares* antifascistas, foram criadas entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, ideia concebida no movimento Comunista Internacional, pelo búlgaro George Dimitrov, durante o 3º Congresso da IC, em Moscou, no ano de 1934.

E entre nós, a ANL não discrepou da inspiração, organizada com a presença dos comunistas. Luís Carlos Prestes, foi aclamado Presidente de Honra da ANL, em sua volta do exílio de Moscou. Mas, a composição ampla do Diretório Nacional e o Programa nacionalista da ANL formam movimento amplo e de massas, com apoio de personalidades com diferentes concepções políticas, Herculino Cascardo, Amorim Osório, Francisco Mangabeira, Roberto Sisson, Miguel Costa, Maurício de Lacerda, e simpatias dos governantes, Magalhães Barata, no Pará, Pedro Ernesto, no Rio de Janeiro, Felipe Moreira, no Ceará. E das milhares de pessoas, em todo território nacional, motivadas pelo teor programático da Frente Nacionalista Libertadora.

Na perspectiva dos comunistas, a revolução da ANL correspondia à primeira etapa da Revolução. Primeiro o país teria que se emancipar do imperialismo, depois o proletariado teria que se emancipar da burguesia. A primeira etapa, nacionalista, a segunda, socialista.

Empolgando amplos setores e classes sociais, milhares de filiados, em poucos meses, e tornando-se potencial obstáculo às pretensões continuístas de Getúlio Vargas no poder, a ANL não passaria em brancas nuvens. O cenário apontava para o crescimento da oposição radical dos nacional-libertadores, isolava o governo. O ato de fechamento da ANL insere-se nessa conjuntura de medida de sobrevivência governamental, uma crônica anunciada, pois o Brasil estava na bifurcação: marchava rumo à revolução libertadora ou rumo ao fascismo do Estado Novo com Vargas. A sucessão de casuísmo e o tiro mortal na sucessão presidencial, foi a pá de cal. O ciclo varguista iniciado com o assalto ao poder em 30, se manteria com repressão e violência em nome do combate ao perigo comunista, à agitação social.

Na ilegalidade, a ANL, de asas cortadas, com forte presença de tenentes dos levantes republicanos, entre dirigentes da ANL, as concepções golpistas desse militarismo tenentista ganha corpo, endossada pelas mesmas concepções de dirigentes do PCB. Superestimando as próprias forças, a ANL passa a defender, abertamente, a derrubada do governo, através da via armada, Vargas seria deposto, tal e qual fora posto, no poder, em 1930, com armas e munição, independentemente de votos e urnas, que essas não contavam.

Os *comunistas* assumem a alternativa insurrecional à crise política brasileira. E o Rio Grande do Norte acendeu o pavio da dinamite.

À guisa de consideração final, indo além das querelas *ideológicas*, o movimento revolucionário de 1935 desenvolve-se numa moldura desenhada com as tintas externas das acirradas disputas internacionais vestibulares da Segunda Guerra Mundial, e com as internas, de crise econômica, social e política, do esboço grosseiro e autoritário do traçado continuísta de Getúlio Vargas. Nos contornos do retrato, das cores fortes da cultura golpista nacional daquela época, dos relevos e sombreados da divisão oligárquica potiguar, das insatisfações militares - prisões, expulsões do exército, extinção da Guarda Civil – forma-se o esboço da via armada. A fragilidade democrática do país, o difícil exercício da cidadania política, tudo conspirava para o apelo às armas, camaradas!

A propalada ameaça comunista não tem mais a pujança espectral do passado. Mas o anticomunismo permanece alimentado a retórica dos *donos do poder*, espectro do *mundo das sombras* a criar e destruir heróis e mitos.

**FIM**

## Referências

*A Classe Operária*, nº 102. Órgão do CC do PCdoB.

*A Liberdade*. Órgão Oficial do Governo Popular Revolucionário, ano 1, n. 1. Natal, quarta-feira, 27 de novembro de 1935.

ABRAHÃO, Miguel M. *A escola: onde está um, estão todos*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2010.

Anônimo do Século XVII. *A arte de furta*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

BARATA, Agildo Ribeiro. *A vida de um revolucionário*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República*. Rio de Janeiro: Edaglit, 1962. v. 1, 2 e 3.

\_\_\_\_\_. *Uma vida em seis tempos*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

BASTOS, Abguar. *Prestes e a Revolução no Brasil*. Rio de Janeiro: Calvino, 1946.

BEZERRA, Gregório. *Memórias: 1ª parte*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1979.

BEZERRA. Ivis. *A Insurreição Militar Comunista de 1935*. Disponível em: <[www.dnet.org.br/memoria](http://www.dnet.org.br/memoria)>. Acesso em: 04 jan. 2016.

Boletins e Notas Oficiais. *A República*, Natal n. 1465,1466,1467, dias 28, 29 e 30 novembro de 1935.

BRASIL. Relatório do Delegado de Ordem Social, Natal, 18.04.1936.

BRASIL. TSN. Processo nº 4.

BRASIL. TSN. Processo nº 76.

CAFÉ FILHO, João. *Do sindicato ao catete*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

CARONE, Edgar. *A República Nova*. São Paulo: Difel, 1974.

\_\_\_\_\_. *PCB Corpo e alma do Brasil*, São Paulo: Ciências Humanas, 1982.

CASTRO, Nei Leandro de. *As dunas vermelhas*. Natal: Jovens Escribas, 2013.

CAVALCANTI, Paulo. *O caso eu conto como o caso foi*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

CHILCOTE, Ronald H. *O Partido Comunista: conflito e integração*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

Correspondence Internationale. Birô Sul-americano da Internacional Comunista. PCB Corpo e Alma do Brasil. São Paulo: DIFEL, 1992.

CORTEZ, Luiz Gonzaga. Entrevista. Disponível em: <[www.dhnet.org.br](http://www.dhnet.org.br)>. Acesso em: 12 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. *A revolta comunista de 1935 em Natal*: relatos da insurreição que gerou o primeiro soviete das Américas Disponível em: <[www.dhnet.org.br/](http://www.dhnet.org.br/)>. Acesso em: 07 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. *O Comunismo e as lutas do RN na década de 30*. Natal: Sebo Vermelho, 2015.

Costa, Homero. *A Insurreição Comunista de 1935*: Natal o primeiro ato da tragédia. São Paulo: Ensaio, 1995.

Diário de Pernambuco de 28.11.1935.

Diário do Congresso Nacional, nº 157, de 05.12.1977.

DIAS, Giocondo Alves. *O objetivo dos comunistas*. São Paulo: Novos Rumos, 1983.  
\_\_\_\_\_. Depoimento, Rio de Janeiro, 08.08.1980.

FURTADO, João Maria. *Vertentes*. Rio de Janeiro: Olímpica, 1976.

GASSET, José Ortega y. *Meditaciones del Quijote*. Madrid: Iberoamericana, 1967.

HERNANI, Donato. *Dicionário das batalhas brasileiras*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1996.

LOPES, Genésio. Depoimento do Oficial da Força Pública Reformado ao autor. Natal, Março de 1980.

MEDEIROS FILHO, João. *82 horas de subversão*. Natal/DF: Senado Federal Centro Gráfico, 1980.

\_\_\_\_\_. *Meu depoimento*. Natal: Imprensa Oficial, 1937.

Medeiros Freire, Aloízia. *O papel da mulher na Insurreição Comunista*, disponível em <[www.dhnet.org.br/memoria](http://www.dhnet.org.br/memoria)>. Acesso em: 15 jan. 016.

MICHELET, Jules. *Histoire de la revolution*. Disponível em <https://archive.org/details/histoirede larv08michuoft> acessado em 07.08.2015.

MIRANDA. Artigo assinado in: *Classe Operária*, 11/03/1935 .

MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1994.

Ofício nº 405 Chefatura de Polícia do RN



OLIVEIRA FILHO, Moacyr de. *Praxedes: um operário no poder. A Insurreição Comunista vista por dentro*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1985.

Prestes, Luís Carlos. Informe de Balanço do Comitê Central do PCB no 4º Congresso. In: *Revista Problemas*, n. 64, dezembro 1954.

\_\_\_\_\_. Manifesto. In: *A Platéia*, 06.07.1935.

QUEIRÓS, Eça. O primo basílio. In: *Obras Completas*. São Paulo: Formar, s/d.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

ROSE S. Robert; SCOTTET, D. Gordon. Johnny. *A vida do espião que delatou a revolução comunista de 1935*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SALGADO, Plínio. *O Estado Integral*. São Paulo: Voz do Oeste, 1967.

SANTOS, Kleber Oliveira dos. *A Revolta Comunista de 1935: um olhar sobre a atuação no interior do RN*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SARMENTO, Natanael. A revisão historiográfica das revoluções no caminho do reformismo e da contrarrevolução. Disponível em: <[www.unicap.br/ojs/index.php/historia](http://www.unicap.br/ojs/index.php/historia)>. Acesso em 10.12.2015.

\_\_\_\_\_. *Do Governo Popular e Revolucionário em Natal à Guerra do Largo da Paz em Recife*. Dissertação (Mestrado em História) – UFPE, Recife, 1994.

\_\_\_\_\_. *Urnas e Baionetas: os comunistas na história política de Pernambuco: 1930-1935*. Tese (Doutorado em História) – UFPE, Recife, 1998.

SEGATTO, José Antonio *et al.* *PCB Memória fotográfica: 1922-1982*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SILVA, Hélio. *1932: a guerra paulista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

\_\_\_\_\_. *A revolta vermelha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

SPINELLI, José Antonio. *Getúlio Vargas e as oligarquias potiguares: 1930/1935*. Natal: EDUFURN, 1996.

TAVARES, Cláudio. *Uma rebelião caluniada: o Levante do 21º BC em 1931*. Recife. Guararapes, 1982.

TORELY, Aparício. *máximas e mínimas do barão de Itararé*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

TZU, Sun. *A arte da guerra*. São Paulo: Martin Claret, 1998.

USTRA, Carlos Alberto Brilhante. *A verdade sufocada*: história que a esquerda não quer que o Brasil conheça. 4. ed. São Paulo: Ser, 2007.

VIANNA, Marly de Almeida. *Revolucionários de 1935*: sonho e realidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.